

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS CORA CORALINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E
INTERCULTURALIDADE

PEDRO GOMES DA SILVA NETO

CONSTRUÇÃO DE MOVIMENTO CAUSADO NA LÍNGUA PORTUGUESA

CIDADE DE GOIÁS

2021

PEDRO GOMES DA SILVA NETO

CONSTRUÇÃO DE MOVIMENTO CAUSADO NA LÍNGUA PORTUGUESA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade, da Universidade Estadual de Goiás, como requisito parcial para a qualificação.

Área de concentração: Estudos em Linguagem e Interculturalidade.

Linha de Pesquisa: Estudos de Língua e Interculturalidade.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Déborah Magalhães de Barros (UEG).

CIDADE DE GOIÁS

2021



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL (BDTD)**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Estadual de Goiás a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UEG), regulamentada pela Resolução, CoA nº 1.082/2019 sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9.610/1998, para fins de leitura, impressão e/ou divulgação, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data. Estando ciente que o conteúdo disponibilizado é de inteira responsabilidade do(s) autor(s).

Dados do autor (a)

Nome completo: PEDRO GOMES DA SILVA NETO

E-mail: gomesopedro@gmail.com

Dados do trabalho

Título: CONSTRUÇÃO DE MOVIMENTO CAUSADO NA LÍNGUA PORTUGUESA

Tipo:

Tese Dissertação

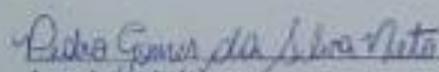
Curso/Programa: PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Concorda com a liberação do documento

SIM NÃO

* Período de embargo é de até um ano a partir da data de defesa.

CIDADE DE GOIÁS (GO), 25 de outubro de 2021


Assinatura autor(a)


Assinatura do orientador(a)

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA FONTE

Biblioteca Frei Simão Dorvi – UEG Câmpus Cora Coralina

S586c Silva Neto, Pedro Gomes da.
Construção de movimento causado na língua portuguesa [manuscrito] / Pedro Gomes da Silva Neto. – Goiás, GO, 2021.
157f. ; il.

Orientadora: Profa. Dra. Déborah Magalhães de Barros.

Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, 2021.

1. Linguística. 1.1. Gramática - língua portuguesa. 1.1.1. Construção de movimento causado. I. Título. II. Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina.

CDU: 811.134.3'36(817.3)

Bibliotecária responsável: Marília Linhares Dias – CRB 1/2971

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS

(Criada pela lei nº 13.456 de Abril de 1999, publicada no DOE-GO de 20 de Abril de 1999)

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação Coordenação
de Pós-Graduação Stricto Sensu

UEG CÂMPUS CORA CORALINA

Av. Dr. Deusdeth Ferreira de Moura Centro - GOIÁS CEP: 76600000
Telefones: (62)3936-2161 / 3371-4971 Fax: (62) 3936-2160 CNPJ: 01.112.580/0001-71

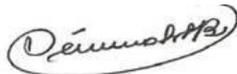
ATA DE EXAME DE DEFESA 24/2021

Aos quatro dias do mês de agosto de dois mil e vinte e um às quinze horas, realizou-se, por webconferência, o Exame de Defesa da dissertação do(a) mestrando(a) Pedro Gomes da Silva Neto, intitulado **“CONSTRUÇÃO DE MOVIMENTO CAUSADO NA LÍNGUA PORTUGUESA”**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Dra. Déborah Magalhães de Barros – Presidente – (POSLLI/UEG), Dr. Leosmar Aparecido da Silva (UFG), Dr. Agamenton Ramsés Justino (UFR e POSLLI/UEG). Os membros da banca fizeram suas observações e sugestões, as quais deverão ser consideradas pelo(a) mestrando(a) e seu/sua orientador(a). Em seguida, a banca examinadora reuniu-se para proceder a avaliação do exame de defesa. Reaberta a sessão, o(a) presidente da banca examinadora, proclamou o resultado, segundo o qual a dissertação foi () aprovada, (X) aprovada com ressalvas, () reprovada com as seguintes exigências (se houver):

1. Na seção 4.1, partir de padrões construcionais para sistematizar a análise dos verbos e fazer uma síntese (preferencialmente na forma de quadro), evidenciando as principais relações (regularidades e irregularidades) entre os verbos que instanciam a construção;
2. Na análise como um todo, recorrer de maneira mais enfática à teoria da Gramática da Construções, perfazendo uma análise mais construcional do que nos moldes do funcionalismo clássico;
3. Retirar a comparação do Inglês com Português, porque efetivamente a análise não a faz;
4. Fazer citações diretas dos autores em português que referendam a análise;
5. Explicar o critério de escolhas dos verbos;
6. Modalizar o texto como um todo;
7. Fazer agradecimento formal à Capes pela bolsa concedida, conforme exigência regulamentar da Capes.

Cumpridas as formalidades de pauta, às 16h58 min a presidência da mesa encerrou esta sessão do Exame de Qualificação e lavrou a presente ata que, após lida e aprovada, será assinada pelos membros da banca examinadora.

Goiás-GO, 04 de agosto de 2021.



Prof.ª Dra. Déborah Magalhães de Barros (POSLLI/UEG)



Prof. Dr. Leosmar Aparecido da Silva (UFG)



Prof. Dr. Agamenton Ramsés Justino (UFR e POSLLI/UEG)

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Déborah M. de Barros
UEG – Câmpus Cora Coralina
(Presidente)

Prof. Dr. Leosmar A. Silva
UFG – Câmpus Samambaia
(Membro Externo)

Prof. Dr. Agameton Ransés Justino
UEG – Câmpus Cora Coralina
(Membro Interno)

Profa. Dra. Vânia Cristina Casseb Galvão
UFG – Câmpus Samambaia
(Membro Externo - Suplente)

Profa. Dr. Marília Silva Vieira
UEG – Câmpus Cora Coralina
(Membro Interno - Suplente)

AGRADEÇO

À minha mãe (*in memoriam*), **Antonia Rosimar da Silva Gomes**, por todo amor, cuidado, apoio e incentivo incondicionais a mim e aos meus irmãos; por nos proporcionar as oportunidades que não foram as mesmas para ela; e por nos ensinar em sua sabedoria, bondade e exemplo sobre os verdadeiros valores da vida.

À **Profa. Dra. Déborah Magalhães de Barros**, por me acolher como orientando e pela paciência em momentos turbulentos da minha vida pessoal.

À **Profa. Dra. Lennie Aryete Dias Pereira Bertoque**, a quem tenho profundo respeito e admiração, pelo incentivo à vida acadêmica, por acreditar em minha capacidade e pelo apoio quando precisei.

À **Profa. Dra. Vânia Cristina Casseb-Galvão**, pelas ricas contribuições durante a disciplina “Tópicos em Estudos do Português Brasileiro” e pelas contribuições durante o exame de qualificação.

Ao **Prof. Dr. Agamenton Ramsés Justino**, por aceitar compor a banca de defesa.

Ao **Prof. Dr. Leosmar Aparecido da Silva**, pela leitura cuidadosa, pela postura empática e pelas inestimáveis contribuições durante o exame de qualificação e durante a defesa.

À **Profa. Dra. Marília Silva Vieira**, pela preocupação e por me ouvir empaticamente quando estive frágil e por aceitar compor, enquanto suplente, a banca para o exame de qualificação e de defesa.

Aos meus irmãos, **Douglas, Guilherme e Felipe**, por compreenderem a minha ausência em um momento tão delicado.

À minha família e aos meus amigos, por todo suporte e por me salvarem dos momentos de angústia. Em especial, ao **Jhonatas** e à **Isabela**, cujo acolhimento me mantiveram erguido.

À **Universidade Estadual de Goiás**, pela oportunidade de prosseguir com os estudos linguísticos.

À **CAPES**, por financiar e, conseqüentemente, permitir a realização da presente pesquisa.

[...] uma das coisas que aprendi é que se deve viver apesar de. Apesar de, se deve comer. Apesar de, se deve amar. Apesar de, se deve morrer. Inclusive muitas vezes é o próprio apesar de que nos empurra para a frente. Foi o apesar de que me deu uma angústia que insatisfeita foi a criadora de minha própria vida.

Clarice Lispector, Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres, 2020.

RESUMO

Esta dissertação analisou a Construção de Movimento Causado no Corpus do Português a fim de identificar as restrições semânticas associadas ao seu padrão em Língua Portuguesa. Para alcançar tal objetivo, a pesquisa filiou-se à Gramática de Construções, compreendendo a língua como um inventário de construções – correspondências de forma e de função – que é organizado em uma rede de unidades inter-relacionadas. Em função disso, a fundamentação teórica consistiu em Fillmore, Kay e O'Connor (1988), Goldberg (1995, 2006, 2019), Croft (2001), Michaelis (2006), Traugott e Trousdale (2013), Langacker (2008), entre outros. E, para o desenvolvimento metodológico, adotou-se o Método Misto Incorporado em que foram empregados diferentes procedimentos para análise qualitativa e quantitativa dos dados que foram coletados no Corpus do Português e totalizaram 1,017 (mil e dezessete) ocorrências provenientes dos séculos XIX e XX. A pesquisa foi guiada a responder ao seguinte Problema de Pesquisa: Quais restrições estão associadas ao uso da Construção de Movimento Causado em Língua Portuguesa? Nesse sentido, como explicação provisória, supôs-se que a Construção de Movimento Causado em Língua Portuguesa apresentasse as mesmas restrições que a Construção de Movimento Causado em Língua Inglesa, mas como uma tendência prototípica, o que foi confirmado durante a análise. Desse modo, embora toda expressão apresente uma relação entre causa e movimento, a causalidade não é direta em todas as ocorrências, como atesta os usos com causalidade incidental. Por causalidade incidental, entende-se uma causa, cuja interpretação depende do conhecimento de mundo e de contexto dos interlocutores, ou seja, que pode ser uma implicação a partir de informações em segundo plano. Sendo assim, a presente dissertação busca contribuir com as discussões sobre a Construção de Movimento Causado e colaborar para a descrição da Língua Portuguesa.

Palavras-chave: gramática. construção de movimento causado. português.

ABSTRACT

This work analyzed the Caused Motion Construction in the Corpus of Portuguese in order to identify the semantic constraints associated with its pattern in Portuguese. To achieve this goal, the research joined the Construction Grammar, understanding language as an inventory of constructions - correspondences of form and function - which is organized in a network of interrelated units. In this way, the theoretical material consisted in Fillmore, Kay and O'Connor (1988), Goldberg (1995, 2006, 2019), Croft (2001), Michaelis (2006), Traugott and Trousdale (2013), Langacker (2008), and others. And, for the methodological development, the Incorporated Mixed Method was adopted, in which different procedures were used for qualitative and quantitative analysis of the data that were collected in the Corpus do Português, totalizing 1,017 (one thousand and seventeen) occurrences from the 19th and 20th centuries. The research was guided to answer the following Research Problem: What restrictions are associated with the Caused Motion Construction in Portuguese? In this sense, as a provisional explanation, it was assumed that the Caused Motion Construction in Portuguese would have the same restrictions as the Caused Motion Construction in English, but as a prototypical trend, which was confirmed during the analysis. Thus, although every expression presents a relationship between cause and movement, causality is not direct in all occurrences, as evidenced by uses with incidental causality. By incidental causality, it is understood a cause, whose interpretation depends on the interlocutors' knowledge of the world and context, that is, it can be an implication from informations in background. Thus, this dissertation seeks to contribute with discussions about Caused Motion Construction and contributes to Portuguese studies.

Keywords: grammar. caused motion construction. portuguese.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1	
GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES	10
1.1 INTRODUÇÃO.....	14
1.2 CONSTRUÇÃO GRAMATICAL.....	19
1.3 GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES COGNITIVA OU ABORDAGEM CONSTRUCIONISTA BASEADA NO USO.....	25
1.4 ESQUEMATICIDADE E PRODUTIVIDADE.....	31
1.4.1 Esquematicidade.....	32
1.4.2 Produtividade.....	34
CAPÍTULO 2	
ESTRUTURA ARGUMENTAL E VERBO NA GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES	38
2.1 A INTER-RELAÇÃO ENTRE CONSTRUÇÕES DE ESTRUTURA ARGUMENTAL E VERBOS NA CONSTITUIÇÃO DO CONHECIMENTO LINGUÍSTICO.....	38
2.1.1 As Construções de Estrutura Argumental.....	40
2.1.2 Verbos como agrupamentos de representações estruturadas.....	50
2.1.3 Perfilamento.....	55
2.1.4 A integração entre Estrutura Semântica e Estrutura Argumental.....	56
2.2 A REDE TAXONÔMICA NA GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES.....	66
CAPÍTULO 3	
CONSTRUÇÃO DE MOVIMENTO CAUSADO	73
3.1 CONSTRUÇÃO DE MOVIMENTO CAUSADO NA LÍNGUA INGLESA.....	73
3.2 CONSTRUÇÃO DE MOVIMENTO CAUSADO NA LÍNGUA PORTUGUESA.....	81
3.2.1 Elos de Polissemia: análise baseada em <i>corpus</i> por Furtado da Cunha (2017).....	82
CAPÍTULO 4	
METODOLOGIA	87
4.1 DELIMITAÇÃO DO OBJETO.....	87
4.2 MATERIAL E MÉTODO.....	89
4.2.1 Coleta e sistematização dos dados.....	91
4.2.2 Os procedimentos de análise.....	97
CAPÍTULO 5	
CONSTRUÇÃO DE MOVIMENTO CAUSADO: UMA ANÁLISE DE OCORRÊNCIAS NO CORPUS DO PORTUGUÊS	100
5.1 CONSTRUÇÃO DE MOVIMENTO CAUSADO: “X causa Y a mover Z”.....	109
5.1.1 Verbos com compatibilidade isomórfica.....	110
5.1.2 Verbos sem compatibilidade isomórfica.....	116
5.2 CONDIÇÕES DE SATISFAÇÃO IMPLICAM “X CAUSA Y A MOVER Z”.....	125
5.3 X CAUSA Y A NÃO MOVER Z.....	128
5.4 CONSTRUÇÃO DE MOVIMENTO CAUSADO POR CONDUÇÃO.....	131

5.5 A REDE DA CONSTRUÇÃO DE MOVIMENTO CAUSADO EM LÍNGUA PORTUGUESA.....	134
5.6 RESTRIÇÕES DA CONSTRUÇÃO DE MOVIMENTO CAUSADO EM LÍNGUA PORTUGUESA.....	138
5.7 PARTICULARIDADES NO USO DA CONSTRUÇÃO DE MOVIMENTO CAUSADO EM LÍNGUA PORTUGUESA	144
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	151
REFERÊNCIAS	154

INTRODUÇÃO

Esta dissertação é resultado da pesquisa que teve por objetivo a análise da Construção de Movimento Causado em Língua Portuguesa. Por construção, entende-se uma estrutura simbólica constituída por uma interface formal, que corresponde aos seus aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos, e por uma interface conceptual, que corresponde aos seus aspectos semânticos, pragmáticos e discursivos-funcionais (CROFT, 2001).

Entre os modelos baseados em construções, a presente pesquisa filiou-se essencialmente ao modelo desenvolvido por Adele Eva Goldberg (1995, 2006, 2019) que defendeu e fundamentou a existência das Construções de Estrutura Argumental. Em 2006, a autora nomeou o seu modelo, que também é integrado por George Lakoff, como Gramática de Construções Cognitiva. Entretanto, em 2019, a autora se inseriu sob a nomenclatura mais abrangente de Abordagem Construcionista Baseada no Uso.

A língua, por esse viés, é um sistema complexo, altamente especializado e formado por diferentes categorias que reúnem informações tanto da forma quanto do significado. Nesse caso, o sistema linguístico é análogo ao sistema nervoso por se constituir como uma rede de conexões interligadas, cuja ativação depende da função ou dos propósitos mentalizados pelos seus interlocutores. Além disso, a base desse conhecimento está na relação recíproca entre cognição e experiência e, por isso, Goldberg (2019) aborda como o conhecimento de língua é representado na mente e como as experiências linguísticas impactam o seu armazenamento.

Uma Construção de Estrutura Argumental, como o objeto desta pesquisa, é uma unidade simbólica constituída por uma interface formal, que se refere à tradicional noção de valência, e por uma interface semântica, que se refere a uma cena básica da experiência humana (GOLDBERG, 1995, 2019). Essa classe de construções e suas restrições são resultado do processo de generalização a partir de exemplares parcialmente abstratos que são testemunhados no uso. Dessa forma, conforme o ser humano testemunha expressões verbais em padrões particulares, há o armazenamento de seus exemplares em agrupamentos dinamicamente distribuídos pelo Espaço Conceptual Hiperdimensional, formando padrões construcionais prontamente disponíveis para o uso.

A Construção de Movimento Causado, por exemplo, corresponde a uma conceptualização abstrata e sistematizada em que uma entidade causa o movimento

de uma outra entidade ao longo de um caminho ou para um determinado lugar. Essa relação se traduz esquematicamente em [S [V OD Obl.]] → [X causa Y a mover Z]. Nesse caso, a construção restringe três Papéis Argumentais – o causa, o tema e o alvo – que estão vinculados simbolicamente a três funções sintáticas – o sujeito, o objeto direto e o argumento oblíquo (GOLDBERG, 1995, 2006). Em Língua Portuguesa, como observado durante a análise, essa construção instancia expressões como:

- (1) **O canário vira o olho de miçanga para o ar azul do dia** (19:Fic:Br:Meireles:Olhinhos).
- (2) Eu confio em você. - Então conta tudo. **Ela jogou a ponta do cigarro pela janela.** Pela primeira vez, desde que tinha entrado, olhou nos meus olhos. (19:Fic:Br:Abreu:Onde).
- (3) Muitas espécies podem apresentar glândulas odoríferas que se abrem no lado dorsal do segundo e do terceiro segmento abdominal. Destas glândulas expõem um líquido malcheiroso. **Podem também espirrar o líquido (que é de coloração pardo-amarelada) a uma distância de 8 a 10 centímetros.** Estas glândulas funcionam no sentido de proteger o inseto, afastando possíveis predadores. (19Ac:Br:Enc).

Em (1), o canário causa o movimento de seus olhos para o ar azul do dia, alterando a direção do seu olhar, e, por isso, é uma instância da Construção de Movimento Causado em Língua Portuguesa. Nesse contexto, a construção ocorre com um dos verbos mais prototípicos em seu uso, o verbo “virar”, que também representa um evento causativo-manipulativo com três informações perfiladas: quem vira, o que é virado e a direção do movimento. Dessa forma, o *frame* acionado pelo verbo é isomorficamente compatível com a Estrutura Argumental da construção: causa, tema e alvo.

Em (2), uma entidade (ela) causa o movimento da ponta do cigarro para fora da janela. Nessa expressão, a Construção de Movimento Causado ocorreu com o verbo “jogar”, um verbo transitivo que perfila apenas duas informações: aquele que joga e o que é jogado. Nesse caso, a construção contribui com um Papel Argumental, o alvo, que não é previsto na semântica inerente do verbo “jogar”.

E em (3), por sua vez, um animal (Complemento Nulo Definido) causa o movimento de um líquido a uma distância de 8 a 10 centímetros. Esse uso é bastante peculiar, porque o verbo “espirrar” é prototipicamente um verbo intransitivo e exige em seu *frame* semântico apenas uma informação: aquele que espirra. Desse modo, a

Construção de Movimento Causado contribui com dois Papéis Argumentais, o tema e o alvo, que não são previstos na semântica inerente do verbo.

As três expressões acima não são derivadas da estrutura semântica do verbo, uma vez que apenas o verbo “virar” apresenta em seu *frame* semântico o requisito por três informações. Nesse sentido, todas são instâncias da Construção de Movimento Causado que funciona como o principal predicador relacional dessas sentenças ao definir a interpretação como um evento causativo-manipulativo. Em função disso, é a própria Construção de Estrutura Argumental que determina e restringe os elementos que compõem os enunciados, assim como defendido por Goldberg (1995, 2006) em Língua Inglesa. Sendo assim, a construção pode contribuir com um ou mais argumentos independentemente do *frame* semântico acionado pelos verbos em seu uso, o que é conhecido como coerção.

Através dessas observações, assumiu-se como objetivo principal descrever os usos com a Construção de Movimento Causado no Corpus do Português a fim de identificar as restrições semânticas associadas ao seu padrão na Língua Portuguesa. Para alcançar este fim, o objetivo geral se desdobrou em cinco objetivos específicos: (i) identificar os verbos que instanciam a Construção de Movimento Causado em Língua Portuguesa; (ii) descrever as relações semânticas entre a Estrutura Semântica dos verbos e a Estrutura Argumental da construção; (iii) verificar com quais Papéis Argumentais a construção pode contribuir independentemente da Estrutura Semântica dos verbos; (iv) identificar com quais Elos de Polissemia a construção está associada em Língua Portuguesa; e (v) sistematizar as suas propriedades formais e conceptuais.

Os dados analisados pertencem ao Corpus do Português, mais especificamente ao conjunto Gênero/Histórico, e foram coletadas 1, 017 (mil e dezessete) ocorrências distribuídas em 41 (quarenta e um) verbos diferentes. Na coleta, considerou-se qualquer resultado de uso real da língua, contemplando a escrita e a fala, e não houve uma delimitação por nacionalidade. Sendo assim, os dados são provenientes tanto do Português Brasileiro quanto do Português Europeu. Além disso, todas as ocorrências datam dos séculos XIX e XX, sendo a análise delimitada apenas a esse período.

Como hipótese de pesquisa, assumiu-se que a Construção de Movimento Causado em Língua Portuguesa apresentasse as mesmas restrições que a Construção de Movimento Causado em Língua Inglesa, mas como uma tendência

prototípica. Dessa forma, a hipótese é construída com base em associações com os resultados já estabelecidos por Goldberg (1995) e por Furtado da Cunha (2017).

Através dessa premissa, a análise se desenvolveu pela descrição e sistematização de cada *constructo* de acordo com a Frequência *Type* e a Frequência *Token*, detalhando todas as relações possíveis entre a Construção de Movimento Causado e os verbos que a instanciaram em uso. Posteriormente, toda essa análise foi organizada para vislumbrar as generalizações sobre suas restrições, extensões e rede em Língua Portuguesa.

Com a finalidade de atender aos objetivos acima, esta dissertação está organizada em quatro capítulos.

O primeiro capítulo é dedicado aos conceitos basilares da Gramática de Construções. Nesse sentido, o capítulo contempla o panorama inicial da abordagem, o desenvolvimento da noção de construção gramatical, os Princípios CENCE ME e a noção de esquematicidade e de produtividade.

O segundo capítulo é dedicado às Construções de Estrutura Argumental e ao *status* do verbo na Gramática de Construções. Dessa forma, discute-se a relação entre as Construções de Estrutura Argumental e os verbos, a noção de perfilamento e a noção de fusão entre Estrutura Argumental e Estrutura Semântica, uma vez que a análise se desenvolve por meio de restrições semânticas entre essas duas conceptualizações. Além disso, discute-se também as relações taxonômicas entre as Construções de Estrutura Argumental.

O terceiro capítulo é dedicado aos procedimentos de seleção, coleta e análise dos dados e da bibliografia desta dissertação. Assim, expõe-se os aspectos gerais da pesquisa, como o problema, os objetivos e a hipótese de trabalho. Bem como, o material e o método empregados para a sua realização.

O quarto capítulo, por sua vez, é dedicado à análise dos dados, sendo organizado de acordo com a sua sistematização em restrições, extensões e rede na Língua Portuguesa.

Por fim, nas considerações finais, os resultados são apresentados de modo geral a fim de responder ao problema de pesquisa que orientou o estudo.

CAPÍTULO 1

GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES

Este capítulo é dedicado à Gramática de Construções, teoria pela qual se baseia a análise dos dados. Em 1.1, apresenta-se o seu panorama inicial e os princípios básicos que são compartilhados por seus diferentes modelos. A intenção é apresentar as preocupações que levaram a tratar o fenômeno linguístico por correspondências simbólicas de forma e de significado. Em 1.2, apresenta-se a noção de Construção Gramatical, detalhando a sua estrutura interna e a sua extensão para os estudos gramaticais. Em 1.3, apresenta-se os Princípios CENCE ME¹ a fim de expor a compreensão da linguagem pela Abordagem Construcionista Baseada no Uso. E, por fim, em 1.4, apresenta-se as noções de esquematicidade e de produtividade.

1.1 INTRODUÇÃO

O modelo de gramática baseado em construções é uma vertente de análise gramatical que pertence à abordagem mais abrangente e flexível conhecida como Linguística Cognitiva (LANGACKER, 2008; GEERAERTS E CUYCKENS, 2010; FERRARI, 2011; NEVES, 2018). Esta faz parte da tradição funcional, conforme explica Langacker (2008), mas se destaca dela por enfatizar a função semiológica da linguagem, ou seja, por realçar a sua natureza conceptual.

A Linguística Cognitiva se concentra na linguagem como um instrumento para organizar, processar e transmitir informação e, por isso, analisa a estrutura linguística não como se fosse autônoma, mas como uma manifestação da organização conceptual geral, de princípios gerais de categorização, de mecanismos de processamento e de influências ambientais e experienciais (GEERAERTS E CUYCKENS, 2010; SOARES DA SILVA, 1997). Nesse sentido, a compreensão da linguagem não se dá apenas pelo viés interacionista, como um instrumento de comunicação, mas também como uma capacidade ou um meio de organizar e processar o próprio conhecimento.

¹ Anagrama com as palavras-chave de cada princípio.

Dentro desse escopo, a Gramática de Construções se concentra na correlação entre a forma e a função do conhecimento linguístico, como fundamentado por Fillmore, Kay e O'Connor (1988), Goldberg (1995, 2006, 2019), Croft (2001), Michaelis (2004), Langacker (2008), Traugott e Trousdale (2013), entre outros.

A literatura reporta especificamente como a gênese da Gramática de Construções os artigos publicados por Charles Fillmore e por Paul Kay durante a década de 1980 (CROFT, 2001; GOLDBERG, 1995, 2006; TRAUGOTT E TROUSDALE, 2013; FERRARI, 2011; NEVES, 2018). De modo particular, a esses autores é atribuída a primeira menção ao termo construção, entendendo-o como uma correspondência de forma e de função, que existe independentemente de outras unidades da gramática e cujo significado não é produto exclusivo de suas partes componentes (KAY, 1984; FILLMORE, 1985, 1988; FILLMORE, KAY E O'CONNOR, 1988; KAY E FILLMORE, 1999; GOLDBERG, 1995).

A principal preocupação, nesse prelúdio, estava em propor um modelo descritivo e explicativo capaz de analisar não apenas o núcleo gramatical (a *core grammar*), mas também os aspectos idiossincráticos relegados à periferia pelo gerativismo. Desse modo, há uma forte crítica aos modelos formalistas que estabelecem uma divisão rígida entre o conhecimento das regras gramaticais (computação) e o conhecimento lexical, priorizando o primeiro em detrimento do segundo. Fillmore, Kay e O'Connor (1988), por exemplo, argumentam que há uma grande parte produtiva e altamente estruturada no domínio idiomático ao analisar expressões como:

- (1) ***"I doubt you could get FRED to eat squid, let alone LOUISE."*** Eu duvido que você consiga fazer Fred comer uma lula, ainda mais Louise. (FILLMORE, KAY E O'CONNOR, *idem*, p. 512) [tradução própria].

Expressões como em (1) são consideradas por Fillmore, Kay e O'Connor (1988) instâncias de uma construção gramatical especial. Enquanto um padrão formal, que permite algumas modificações, a construção é esquematizada como F (X A *let alone* B Y) em que cada letra é um componente da expressão e cada par é posto em contraste, sendo A e B os núcleos de cada par. Nesse contexto, *let alone* funciona como uma conjunção entre as duas partes da expressão. No exemplo em (1), esse padrão corresponde a F = *"I doubt"*; X = *"you could get"*; A = *"Fred"*; Y = *"to eat squid"*; e B = *"Louise"*.

Semanticamente, esse padrão é associado a uma relação de implicação entre as duas partes que pode ser representada como “nega-se (X A Y) – nega-se (X B Y)”, isto é, se a primeira parte da expressão é negada, sugere-se que a segunda parte também seja negada. No exemplo em (1), não há uma negação explícita, mas um caso de dúvida: se eu duvido que você faça Fred comer uma lula, eu também duvido ainda mais que você faça Louise comer uma lula. Mais especificamente, a construção, em seu todo, tem por função enfatizar a força do compromisso do falante com o que é dito na parte B. Sendo assim, a parte A se constitui como a mais informativa e serve como um contexto que pode ser negado ou reafirmado pela parte B.

A partir dessa análise, os autores salientam o problema com as regras maximamente gerais do gerativismo que não dão conta ou não dão espaço para a análise de estruturas específicas como essa. A conclusão dos autores é que a competência linguística, em vez de analisada em termos de generalizações amplas, pode ser descrita como um repertório de agrupamentos de informações que incluem simultaneamente os aspectos da forma (morfologia e sintaxe) e os aspectos da função (semântica e pragmática).

Outros padrões particularmente idiossincráticos também são analisados nos demais artigos das décadas de 1980 e de 1990, como a construção *kind of/sort of* em Kay (1984); a construção interrogativa com interjeições do tipo “*the hell*” em Fillmore (1985); e a construção *What's X Doing Y?* em Kay e Fillmore (1999). Cada uma é exemplificada abaixo:

- (2) “***A mastodon is kind of an elephant***”. Um mastodonte é tipo um elefante. (KAY, *idem*, p. 157) [tradução própria];
- (3) “***Who the hell else did you invite?***”. Quem diabos mais você convidou? (FILLMORE, *idem*, p. 82) [tradução própria];
- (4) “***What do you think your name is doing in my book?***”. O que você acha que o seu nome está fazendo no meu livro? (KAY E FILLMORE, *idem*, p. 3) [tradução própria].

Em conjunto, esses trabalhos reforçam o empreendimento construcionista em descrever e explicar toda a complexidade na gramática das línguas. Além disso, demonstram que o domínio idiomático não é composto exclusivamente por unidades não-composicionais, mas também por esquemas produtivos que licenciam um amplo conjunto de enunciados. Essa evidência permitiu observar que padrões esquemáticos também comportam significados convencionais, ou seja, que estão associados a uma

função e que devem ser armazenados como uma construção gramatical, assim como são as unidades lexicais.

No entanto, a proposta de Charles Fillmore e de Paul Kay, convencionalmente rotulada de *Berkeley Construction Grammar* (TRAUGOTT E TROUSDALE, 2013)², não se constitui como o único modelo baseado em construções. Paralelamente aos seus trabalhos, Ronald Langacker e George Lakoff também desenvolveram suas análises enfatizando a correlação simbólica entre forma e função. Ao primeiro, atribuiu-se o modelo construcionista denominado como Gramática Cognitiva e, ao segundo, o modelo de Gramática de Construções Cognitiva (GOLDBERG, 2006). Este último se desenvolveu de modo mais consistente com os trabalhos de Adele Eva Goldberg que defendeu e propôs um modelo baseado em construções para a análise de Estruturas Argumentais.

Se os trabalhos da década de 1980 se concentraram mais em padrões idiomáticos formais, à exceção de Fillmore (1988), os trabalhos de Goldberg (1995, 2006, 2019) se concentraram nas generalizações que comportam o domínio regular da gramática. Ao postular as Construções de Estrutura Argumental e o compartilhamento de informações entre as construções (redundância), desenvolveu um modelo em que esquemas abstratos interagem de modo direto com itens específicos, formando uma rede com diferentes níveis de esquematicidade e de especificidade. Portanto, é a partir de sua proposta que a Gramática de Construções emerge como uma potente abordagem para o estudo gramatical das línguas.

Antes de aprofundar a discussão cabe salientar também que a Gramática de Construções não é um campo de análise unificado. Em vez disso, corresponde a um grupo de propostas que compartilham certas ideias-chave sobre a natureza do conhecimento gramatical (cf. HOFFMANN E TROUSDALE, 2013). Goldberg (2013) sistematiza cinco princípios compartilhados pela maioria das propostas baseadas em construções.

O primeiro princípio é a noção de construção – pareamento de forma e de significado – como a unidade básica da gramática e, conseqüentemente, como a unidade mínima de análise. Assim, os modelos baseados em construções enfatizam o entrincheiramento entre as propriedades formais e as propriedades funcionais das

² Antes rotulada como *Unification Construction Grammar* (GOLDBERG, 2006).

expressões e não postulam módulos rigidamente separados para a sintaxe, a semântica e a pragmática (GOLDBERG, 2013).

Como segundo princípio, os modelos baseados em construções rejeitam qualquer componente transformacional, derivacional ou subjacente em relação à Estrutura de Superfície – a forma foneticamente realizada da expressão. Dessa forma, os modelos baseados em construções propõem apenas um único nível para a representação das unidades sintáticas (GOLDBERG, 2013), e as generalizações são estabelecidas por meio da categorização de instâncias semelhantes, cujo agrupamento forma uma única representação mais abstrata (BYBEE, 2010).

O terceiro princípio se refere à metáfora de rede. De acordo com essa metalinguagem, as construções formam um inventário estruturado e inter-relacionado de informações convencionalizadas – o *constructicon* – que é concebido em termos de Relações Taxonômicas. Nesse sentido, cada construção é representada por um nó na rede que pode estar conectado a outro nó, formando Elos e Hierarquias de Herança. Assim, é possível a análise tanto de uma sintaxe interna, chamada por Croft (2001) de Relações Meronímicas, ou seja, uma análise da estrutura interna dos constituintes de uma construção; quanto de uma sintaxe externa – as Relações Taxonômicas entre as diferentes construções na rede da língua (cf. CROFT, 2001; FILLMORE, 1988; TRAUGOTT E TROUSDALE, 2013).

O quarto princípio, por sua vez, diz respeito ao reconhecimento de variabilidade e de generalização interlinguística pelos modelos baseados em construções. Croft (2001), por exemplo, com a Gramática de Construções Radical, rejeita qualquer critério formal para a determinação de uma categoria universal e até mesmo de uma categoria específica a uma língua. Ao mesmo tempo, considerando alguma medida de motivação funcional, reconhece a possibilidade de padrões recorrentes entre diferentes línguas, dado o amplo domínio semântico concebido em termos de Espaço Conceptual. Desse modo, esses modelos refutam a existência de uma Gramática Universal de base genética, como defendido por Noam Chomsky.

O quinto e último princípio não cobre todas as abordagens construcionistas e diz respeito à adoção de um Modelo Baseado no Uso. Esta dissertação assume uma das propostas construcionistas baseada no uso – a Gramática de Construções Cognitiva ou Abordagem Construcionista Baseada no Uso (GOLDBERG, 2006, 2019). Isso significa que se adota aqui o pressuposto da língua como uma estrutura dinâmica e complexa que emerge da experiência com o uso da língua, ou seja, que cada

interação – dado o *input* recebido – causa um impacto na representação mental da gramática. Portanto, para além de mecanismos representacionais e cognitivos, enfatiza-se também o papel dos atos de fala na comunicação e a sua influência na constituição de uma gramática (GOLDBERG, 2013, 2019; NEVES, 2018).

A grande vantagem desses modelos baseados em construções, conforme pontua Croft (2001), está na sua generalidade e cobertura empírica de forma a tratar as unidades linguísticas em todos os seus níveis e de acordo com as suas particularidades. Esse compromisso caracteriza a adequação descritiva da proposta e se soma à adequação explicativa como explorado por Goldberg (2006, 2019) que influenciou diretamente na evolução do conceito de construção gramatical.

1.2 CONSTRUÇÃO GRAMATICAL

Na Gramática de Construções, a língua é um sistema complexo, altamente especializado e formado por diferentes agrupamentos que reúnem informações tanto da forma quanto do significado. Em razão disso, pode-se falar em uma gramática simbólica, cujas unidades estão interligadas dinamicamente por diferentes relações. Estas unidades, embora reflitam a organização geral da cognição, têm sua especificidade justamente na sua natureza linguística passível de observação e de análise metalinguística (LANGACKER, 2008).

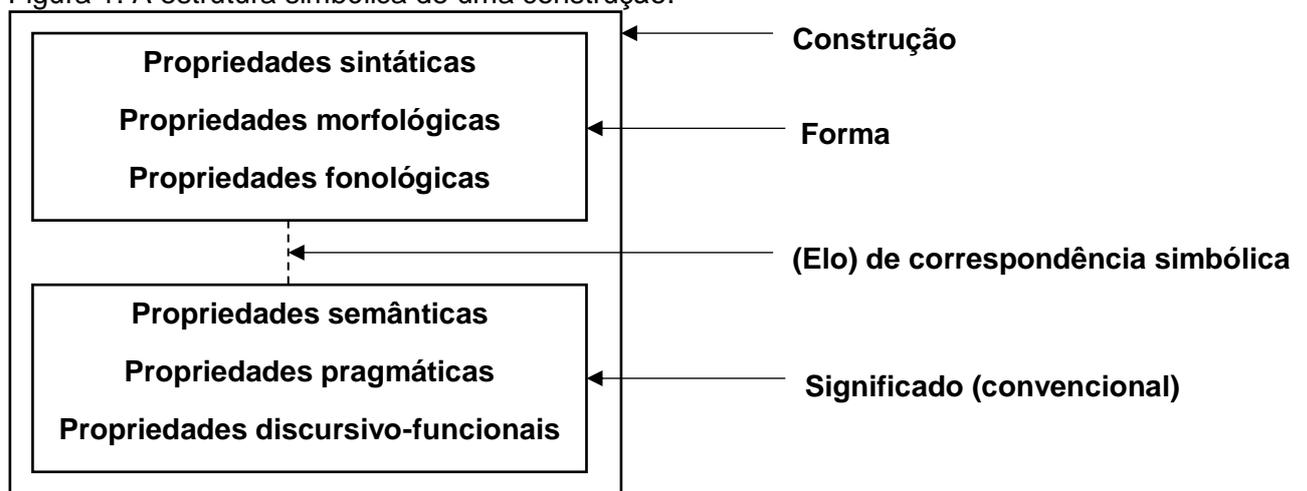
Em tese, uma construção é um par aprendido e, conseqüentemente, convencional de forma e de função semântica e/ou discursiva, que engloba informações sobre morfemas, palavras, expressões idiomáticas e padrões frasais totalmente ou parcialmente esquemáticos (GOLDBERG, 2006). Desse modo, este conceito inclui todos os níveis de análise gramatical desde a menor unidade de significado da língua (os morfemas) até um *continuum* de expressões mais abstratas e complexas (MARTELOTTA, 2011).

Croft (2001) se refere aos termos significado e semântica como qualquer aspecto convencionalizado da função de uma construção, abarcando as propriedades da situação descrita; as propriedades discursivas – onde a expressão se encontra; e as propriedades da situação pragmática – onde se encontram os interlocutores. Assim, não há uma divisão rígida entre o conhecimento linguístico e o conhecimento extralinguístico, pois toda informação necessária para a interpretação de uma expressão faz parte do seu substrato conceptual, incluindo sua forma e significado

composicionais e a capacidade imaginativa e o conhecimento de mundo e de contexto dos interlocutores (LANGACKER, 2008).

Dada essa visão enciclopédica do conhecimento linguístico, a semântica e a pragmática formam uma única noção gradual que é determinada pelo grau de ativação das suas propriedades durante o ato comunicativo. Desse modo, é no evento de uso em si onde se determina a saliência da informação semântica e/ou pragmática que define a função de uma construção. O conjunto dessa função com forma consiste em um todo estruturado de informações que estão simbolicamente relacionadas. Croft (2001) apresenta a seguinte figura da anatomia interna de uma construção:

Figura 1: A estrutura simbólica de uma construção.



Fonte: Croft (2001, p. 18) [tradução própria].

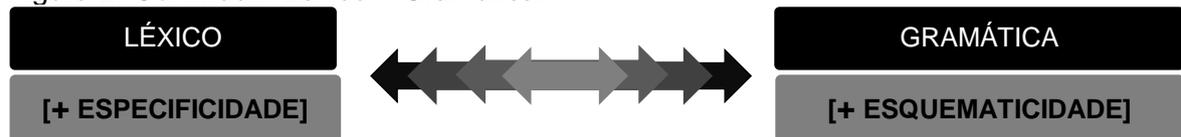
Segundo Croft (2001) e Langacker (2008), a construção como um todo é uma unidade simbólica por ser um pareamento entre uma estrutura formal e uma estrutura semântica de modo que uma é capaz de evocar a outra. De acordo com a representação de Croft (*idem*), a caixa maior representa essa unidade e contém duas caixas internas: (i) a Forma especifica suas informações fonológicas, morfológicas e sintáticas; e (ii) o Significado (convencional) especifica suas informações semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais. A correspondência – Relação Simbólica – entre esses dois tipos de conhecimento é representada pela linha pontilhada.

Sob essa concepção, não há também uma divisão rígida entre o conhecimento lexical e o conhecimento gramatical de uma língua, uma vez que todas as unidades são pares de forma e de função a serviço da comunicação entre os interlocutores e, portanto, estão suscetíveis aos mesmos mecanismos. O que distingue essas unidades são os seus diferentes graus de complexidade interna. Nesse sentido, as

construções são consideradas em um *continuum* que parte de estruturas mais lexicais ou conteudísticas para estruturas mais gramaticais ou procedurais (CROFT, 2001; TRAUGOTT E TROUSDALE, 2013; GOLDBERG, 1995; MARTELOTTA, 2011).

De acordo com Langacker (2008), o parâmetro-chave para o *continuum* entre o léxico e a gramática é a especificidade – o grau de precisão e de detalhe em que uma construção é caracterizada. A Figura 2, a seguir, busca representar essa relação:

Figura 2: *Continuum* Léxico – Gramática.



Fonte: autoria própria.

Para Langacker (2008), quanto mais específica for uma construção, mais lexical ela será; e quanto mais esquemática ela for, mais gramatical será. Assim, no polo lexical, há um conjunto de expressões fixas e, no polo gramatical, um conjunto de padrões abertos que assumem a forma de esquemas na Gramática de Construções. Entre esses dois extremos, encontram-se uma gama diversa de construções com variados graus de complexidade interna, se aproximando mais do polo lexical ou do polo gramatical.

O Quadro 1, a seguir, apresenta a classificação das construções de acordo com Croft (2001) e Goldberg (2013):

Quadro 1: Classificação das construções.

CROFT (2001)		GOLDBERG (2013)	EXEMPLOS
Tipo de construção	Nome tradicional		
Complexa e (majoritariamente) esquemática	Sintaxe	Passiva Construção de Movimento Causado	[SUJ aux. V Obl.]: “O papel é comprado pelos bancos [...]” ³ [S V O Obl.]: “Cristal vira a roupa pelo avesso”. ⁴
Complexa e (majoritariamente) específica	Expressões Idiomáticas (E.I.)	E.I. preenchida E.I. parcialmente preenchida E.I. minimamente preenchida	Bater as botas; Maria vai com as outras; etc. [Abrir mão + SP]: abrir mão do emprego, etc. [quem+SV ₁ +SV ₂]: quem espera sempre alcança, etc.

³ Exemplo extraído do Corpus do Português: (19N:Br:Cur).

⁴ Exemplo extraído do Corpus do Português: (19:Fic:Br:Louzeiro:Pixote).

Complexa, mas vinculada	Morfologia	Palavras (parcialmente preenchidas)	[X-ndo]: andando; [X-eiro]: vaqueiro.
Atômica e esquemática	Categoria Sintática	-	verbo; substantivo, etc.
Atômica e específica	Léxico/Palavra	Palavras	vida; pequeno, etc.

Fonte: Croft (2001) e Goldberg (2013).

No Quadro 1, é evidente o *continuum* entre as construções mais específicas e os padrões sintáticos mais abstratos. No nível mais baixo, estão as construções atômicas e específicas ou palavras que são especificadas fonologicamente e ocupam *slots* em níveis de maior especificação na rede. Logo acima, há o que seria denominado como construções atômicas e esquemáticas, mas elas não são reconhecidas por Croft (2001) e por Goldberg (2013, 2019), porque não existe teste formal que defina uma categoria, como o verbo, interlinguisticamente ou mesmo dentro uma língua particular.

Prosseguindo, há também as construções complexas, mas vinculadas que são generalizações emergentes a partir do léxico disponível que formam modelos parcialmente preenchidos (GOLDBERG, 2013). Na Língua Portuguesa, por exemplo, há o esquema [X-ndo] que licencia verbos na forma nominal de gerúndio e que pode apresentar o valor semântico de tempo ou de atributo, como respectivamente em “amanhecendo, sairemos” e “água fervendo” (BECHARA, 2009, p. 224). Outro exemplo é a construção [X-eiro] que prototipicamente se refere a uma entidade perfilada dentro de um *frame* semântico mais amplo, como as atividades de cozinhar ou de faxinar, que envolve a informação daquele que faz ou que produz algo. Assim, conforme análise de Mateus (2019), a partir dessa construção [X-eiro], expressões como cozinheiro(a) e faxineiro(a) são licenciadas em Língua Portuguesa.

Em nível mais alto, Goldberg (2013) especifica ainda mais a classificação das construções complexas de Croft (*idem*). As construções complexas e (majoritariamente) específicas são divididas em três classificações de acordo com o nível de esquematicidade: (i) Expressões Idiomáticas Minimamente Preenchidas, como “quem espera sempre alcança” e “quem vê cara não vê coração”, licenciadas pelo padrão [quem + sintagma verbal₁ + sintagma verbal₂]; (ii) Expressões Idiomáticas Parcialmente Preenchidas, como “abri mão do emprego” licenciada pela forma [abrir mão + sintagma preposicionado]; e (iii) Expressões Idiomáticas Preenchidas, como em “bater as botas” e “chutar o balde”. Cada uma dessas construções apresenta ao

menos um elemento especificado e possuem um sentido fortemente convencional, como em “abrir mão do namoro” ou “abrir mão do emprego”, cuja semântica envolve a desistência do que é expresso no sintagma preposicionado.

As construções complexas e (majoritariamente) esquemáticas também são classificadas com maior precisão por Goldberg (2013). A autora trata de Construções de Estrutura Argumental que são uma subclasse especial de construções que funcionam como o principal predicado relacional de uma sentença (GOLDBERG, 1995, 2006, 2019). Um exemplo é o próprio objeto desta pesquisa, a Construção de Movimento Causado, que licencia expressões como “Cristal vira a roupa pelo avesso” (19:Fic:Br:Louzeiro:Pixote) e que será detalhada no terceiro capítulo. Além das Construções de Estrutura Argumental, há também construções mais gerais, como a Construção de Voz Passiva, cuja função também inclui informação pragmática ao inverter a ordem transitiva prototípica, como em “O papel é comprado pelos bancos [...]” (19N:Br:Cur).

Indo além da classificação no Quadro 1, pode-se falar também de construções mais gerais que atuam na macro-organização da narrativa, como os operadores textuais. Um exemplo é de Gonçalves (2019) que analisou a microconstrução “quando é fé”: [Conjunção Temporal *quando* + Forma Verbal *é* + Sintagma Nominal *fé*]. Segundo a análise do autor, essa microconstrução é restrita a uma posição fixa anterior à oração a que se refere e funciona como um operador textual, figurando na macro-organização da narrativa e contribuindo para a progressão dos eventos narrados e para a introdução do clímax narrativo. O seguinte exemplo, extraído de Gonçalves (2019, p. 79), demonstra seu uso:

(5) DJ Sílvia chega sacudindo a galera até que a sanfona vem rasgando o ritmo gostoso da quadrilha, que junta uma porção de pares animados, galeando as cadeiras. **Quando é fé, sobe ao grande palco a dupla Rodrigo & Alexandre**, e aí só dá eles, levando o evento em prol da Oasis às alturas! (ADNS)⁵

Em (5), além do seu valor temporal semelhante à “de repente”, “quando é fé” atua na introdução de uma informação com maior realce discursivo dentro da cadeia de eventos, o que indica o ápice da narrativa. Sendo assim, os pareamentos de forma

⁵ Em Gonçalves (2019), esta é a ocorrência de número (37).

e de significado também atuam em níveis para além da estrutura oracional, articulando o encadeamento textual e discursivo.

O conjunto dessas construções forma um *constructicon* estruturado e complexo que corresponde ao conhecimento de uma língua e todas essas construções podem ser caracterizadas em três dimensões gradientes, conforme sistematizam Traugott e Trousdale (2013): (i) o tamanho; (ii) o grau de especificidade fonológica; e (iii) o tipo de conceito, sendo os dois últimos referentes ao *continuum* entre o léxico e a gramática já apresentado.

Quanto ao tamanho, uma construção pode ser (i) atômica, quando monomorfêmica, como a construção [X-eiro]; (ii) complexa, quando composta por encadeamentos analisáveis, como a expressão “mexer os pauzinhos”; e (iii) intermediária, quando parcialmente analisável, como a palavra *bonfire* (fogueira) em que *fire* (fogo) é reconhecível, mas *bon* não é, sendo historicamente a redução fonológica de *bone fire* (TRAUGOTT E TROUSDALE, 2013).

Em relação à dimensão da especificidade fonológica, uma construção pode ser: (i) substantiva, quando especificada fonologicamente, como a palavra [virar]; (ii) esquemática, quando for uma abstração, ou seja, quando for resultado do processo de generalização sobre instâncias concretas da língua, como a Construção de Movimento Causado; e (iii) intermediária, quando constituída por partes tanto substantivas quanto esquemáticas, como a construção [abrir mão + sintagma preposicionado] (TRAUGOTT E TROUSDALE, 2013).

Na dimensão do tipo conceitual, por sua vez, uma construção pode ser (i) conteudística, quando utilizada referencialmente, como as palavras [cama] e [dormir]; (ii) procedural, quando possui um significado abstrato que indica as relações linguísticas, a perspectiva e a orientação dêitica de uma expressão, como a microconstrução “quando é fé”; e (iii) intermediária, quando possui propriedades tanto procedurais quanto conteudísticas, como a *way construction* (TRAUGOTT E TROUSDALE, 2013).

Essas concepções acima dizem respeito à anatomia e às diferentes características que uma construção pode assumir. Entretanto, o conceito de construção abarca um domínio ainda mais amplo. Embora autores como Traugott e Trousdale (2013) e Croft (2001) apresentem uma sistematização mais descritiva das construções, Goldberg (1995, 2006, 2019) busca sistematizar um conceito mais inclusivo para a natureza do conhecimento linguístico e não se atém apenas à

fragmentação das construções. Por isso, ao longo de suas obras, a autora possui um interessante desenvolvimento em relação ao conceito de construção (GOLDBERG, 2019). Em sua obra de 1995, a autora enfatizou a idiosincrasia dos padrões construcionais, definindo-os como qualquer padrão, cuja interpretação não fosse estritamente previsível de suas partes componentes ou de outros padrões já estabelecidos em uma língua. Assim, uma construção deveria apresentar alguma característica particular ou idiosincrática que a tornasse única na língua, seja na sua forma ou no seu significado, o que é resultado direto da tradição que a precede.

Em seu livro de 2006, no entanto, a autora ampliou esse conceito ao reconhecer que padrões sem nenhum aspecto idiosincrático e, sendo assim, totalmente previsíveis também deveriam ser concebidos como construções desde que ocorressem com frequência suficiente. Porém, segundo a própria argumenta, frequência suficiente é um conceito incoerente, pois uma única ocorrência pode ser retida na memória (GOLDBERG, 2019). Por isso, em sua obra de 2019, apresenta uma nova concepção ainda mais inclusiva:

[...] construções são entendidas como agrupamentos emergentes de traços de memória com perda que são alinhados dentro do nosso espaço conceptual de alta-(hiper!) dimensão com base na forma, na função e nas dimensões contextuais compartilhadas. (GOLDBERG, 2019, p. 19) [tradução própria].⁶

Essa nova concepção inclui informações não apenas da forma e do significado, mas também de como essas unidades são representadas na mente e como as experiências linguísticas impactam o seu armazenamento. Assim, há uma maior aproximação do aparato cognitivo com o uso linguístico, sendo a língua análoga ao Sistema Nervoso Central, onde uma rede de conexões interligadas é ativada de acordo com a função ou o propósito mentalizado pelos seus falantes. Essa ampliação é resultado da sistematização de sua compreensão da linguagem nos Princípios CENCE ME.

1.3 GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES COGNITIVA OU ABORDAGEM CONSTRUCIONISTA BASEADA NO USO

⁶ Original: “[...] *constructions are understood to be emergent clusters of lossy memory traces that are aligned within our high- (hyper!) dimensional conceptual space on the basis of shared form, function, and contextual dimensions.*” (GOLDBERG, 2019, p. 19).

Adele Eva Goldberg é referência por propor um modelo baseado em construções para a análise de Estruturas Argumentais. Em sua obra inaugural, *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*, de 1995, a autora defendeu e fundamentou a existência das Construções de Estrutura Argumental – um conjunto de conceptualizações sistematizadas que dão forma às orações básicas da Língua Inglesa. Nesse sentido, ela enfatizou um conjunto de mecanismos para a descrição de sentenças básicas, abordando (i) a relação entre as Construções de Estrutura Argumental e os verbos; (ii) a relação entre diferentes construções e os seus Elos de Herança; e, de modo ainda preliminar, (iii) a produtividade parcial.

Em seu segundo livro, *Constructions at work: the nature of generalizations in language*, de 2006, a autora se concentrou no processo de generalização do conhecimento linguístico. Em vista disso, embora apresente e refine algumas lições de 1995, o seu objetivo convergiu para como e por que o ser humano generaliza, ou seja, nas motivações para a formação de esquemas mais abstratos a partir do *input* recebido e em como esse fenômeno pode ser explicado. Entretanto, as respostas para essas questões só foram sistematizadas de modo mais consistente em seu terceiro livro.

Em *Explain me this. Creativity, competition, and the partial productivity of constructions*, de 2019, a autora sistematizou a sua compreensão da linguagem nos Princípios CENCE ME. Estes princípios enfatizam o fato de que exemplares – representações parcialmente abstratas da experiência com a língua – são agrupados no Espaço Conceptual Hiperdimensional, dando origem às construções que compõem o conhecimento de uma língua. Estas construções são de natureza emergente por compor um todo dinâmico e em constante adaptação de acordo com as demandas comunicativas (GOLDBERG, 2019). Os Princípios CENCE ME são:

Quadro 2: Princípios CENCE ME.

PRINCÍPIOS CENCE ME

- A. Os falantes equilibram as necessidades em ser **Expressivos** e **Eficientes**, enquanto se adaptam às convenções de suas comunidades de fala.
- B. Nossa **Memória** é vasta, mas imperfeita: traços da memória são retidos, mas são parcialmente abstratos (“com perdas”).
- C. Memórias com perdas são alinhadas quando compartilham aspectos relevantes da forma e da função, resultando em agrupamentos emergentes e sobrepostos de representações: **Construções**.
- D. **Novas** informações são relacionadas às informações velhas, resultando em uma rica rede de construções.

E. Durante a produção, múltiplas construções são ativadas e **Competem** entre si para expressar nossa mensagem pretendida.

F. Durante a compreensão, incompatibilidades entre o que é esperado e o que é testemunhado refinam nossa rede de construções aprendida por meio da Aprendizagem Orientada a Erros.

Fonte: reprodução da Tabela 1.3 de Goldberg (2019, p. 17-18) [tradução própria].

Esses princípios, segundo sugere Goldberg (2019), atuam e contribuem para a constituição de todas as línguas naturais. O primeiro princípio remete especificamente aos objetivos comunicativos dos interlocutores. De acordo com a autora, os objetivos do ouvinte e do falante são (i) compreender mensagens-em-contextos de acordo com as formas que testemunham; e (ii) produzir formas de acordo com as mensagens-em-contextos que desejam transmitir. Consequentemente, os falantes precisam aprender como cada construção é usada a fim de produzir e compreender novas combinações de modo contextualmente apropriado e sem esforço cognitivo consciente.

A expressividade se refere aos meios ou às opções disponíveis ao falante que devem ser suficientes para a transmissão bem-sucedida de uma mensagem, seja ela crença, pensamento ou atitude. A eficiência, por outro lado, se resume em “quanto menos, melhor”, isto é, os falantes de uma comunidade preferem formas reduzidas por serem mais fáceis de aprender e de produzir do que formas maiores e em grande quantidade. Essas duas forças foram apresentadas em Goldberg (1995) sob o rótulo de Princípio do Poder Expressivo Maximizado e de Princípio da Economia Maximizada em que as duas forças se equilibram e se restringem mutuamente, levando os falantes a se equilibrarem entre o uso mais eficiente e com menos esforço e o uso mais expressivo com o objetivo de assegurar o sucesso da comunicação.

Ao mesmo tempo, os falantes buscam se adequar às convenções de sua comunidade linguística, pois concebem a língua como um empreendimento social e normativo, ou seja, eles desejam falar como os outros falantes de sua comunidade. Este fato não é restrito ao campo linguístico, os seres humanos são conscientes de que existem modos corretos e errados de se fazer muitas coisas dentro de sua cultura e, a partir da experiência, buscam aprender e obedecer a essas convenções. E é justamente esse respeito aos padrões normativos que permite os seres humanos a criar práticas culturais complexas, como o próprio sistema linguístico (GOLDBERG, 2019).

O segundo princípio condiz com uma maior atenção aos efeitos da memória. De acordo com Goldberg (2019), os seres humanos acumulam uma vasta rede inter-

relacionada de conhecimentos que é estruturada e parcialmente abstrata. É estruturada porque a memória é associativa por natureza, ou seja, nenhuma representação é armazenada em módulos rigidamente separados ou em uma lista de exceções. Em vez disso, a memória forma uma rede com cada representação individual sendo interligada às demais representações. E é parcialmente abstrata por envolver compreensão com perda, isto é, o ser humano não armazena todas as informações que testemunha e não o faz de modo aleatório. Ele tende a reter apenas as informações que são percebidas como mais relevantes em um dado contexto a fim de refinar suas inferências posteriormente (GOLDBERG, 2019).

Todos esses fatos relacionados à memória geral se aplicam igualmente à língua. Devido à vasta capacidade do cérebro humano para memória implícita, um único encontro com uma construção gramatical é suficiente para deixar um traço com perda retido na memória. Este traço, por sua vez, pode ser fortalecido através de encontros adicionais, reforçando aspectos compartilhados e adicionando novas informações contextuais ao agrupamento que se forma. Este processo mecânico é denominado por Goldberg (2019) como *Entrincheiramento Simples* e significa apenas que quanto mais frequente for uma formulação, mais acessível e familiar ela é, ou seja, mais *entrincheirada*.

O terceiro princípio é justamente um resultado dessa compreensão. A partir das experiências linguísticas – o *input* recebido desde a mais tenra idade – os seres humanos armazenam exemplares estruturados e parcialmente abstratos que são agrupados dinamicamente no Espaço Conceptual Hiperdimensional. Este agrupamento dá origem às restrições na forma e na função das diversas construções que existem. Um claro exemplo é o processo de generalização que dá origem às Construções de Estrutura Argumental em que os verbos possuem um papel fundamental em fornecer informações relevantes para o agrupamento⁷.

De acordo com Goldberg (2006, 2019), as Construções de Estrutura Argumental são generalizações emergentes a partir de padrões sintáticos que ocorrem com verbos específicos. Nesse sentido, conforme o ser humano testemunha esses padrões com verbos particulares, há o armazenamento de seus exemplares em agrupamentos no Espaço Conceptual Hiperdimensional, formando esquemas construcionais prontamente disponíveis para o uso. O fato de os falantes reterem na

⁷ Observa-se aqui que generalização, abstração e esquematização correspondem ao mesmo processo (SOARES DA SILVA, 1997), sendo terminologias variáveis entre a literatura construcionista.

memória quais verbos ocorrem com quais construções fortalece a plausibilidade dessa perspectiva.

O verbo, nesse caso, é crucial por fornecer o conteúdo semântico que fortalece o entrincheiramento entre a forma e a função da construção e por funcionar como uma âncora ao atrair outros verbos com semântica similar para o mesmo agrupamento. Dessa forma, as unidades verbais não são apenas os meios de se revelar Construções de Estrutura Argumental, mas são os meios pelos quais tais construções emergem ao longo do desenvolvimento linguístico e a partir de princípios gerais de categorização (cf. GOLDBERG, 2006, 2019).

A conclusão a que se chega, nessa perspectiva, é que construções mais gerais e suas restrições formais e funcionais são resultado do processo de generalização a partir de exemplares parcialmente abstratos que foram testemunhados no uso. À medida que os exemplares se sobrepõem no Espaço Conceptual Hiperdimensional, associam-se novas informações às informações velhas, o que culmina na ampla rede de construções que corresponde ao conhecimento de língua. Essa é a ideia proposta no quarto princípio – “novas informações são relacionadas às informações velhas, resultando em uma rica rede de construções” – o *constructicon* (GOLDBERG, 2019).

Os dois últimos princípios estão relacionados ao modo como esse conhecimento linguístico é restringido. O quinto princípio tem por base o Princípio da Não-Sinonímia em Goldberg (1995) ao afirmar que as construções competem entre si. Como toda unidade da gramática é composta por forma e função, presume-se a inexistência de variação e de sinonímia entre as construções. Esse é um princípio básico do Funcionalismo Clássico que estabelece a inexistência de sinonímia perfeita ao trabalhar com a noção de funcionalidade complexa em que toda unidade gramatical compõe um sentido, um valor particular. Assim, até palavras semanticamente muito próximas apresentam alguma diferença, como *ceiling* (teto) e *roof* (telhado), que diferem em perspectiva (no ponto de vista).

Em razão disso, a competição estabelece que todas as formas em uma língua estão em competição umas com as outras para a transmissão de uma mensagem-em-contexto particular. No caso das palavras, sempre que não puderem ser combinadas, estarão em competição – o eixo da escolha paradigmática. Assim, as palavras influenciam os potenciais significados umas das outras, o que restringe as subgeneralizações e as super-generalizações. Goldberg (2019) exemplifica as duas situações respectivamente com (i) a associação entre a palavra *breakfast* (café da

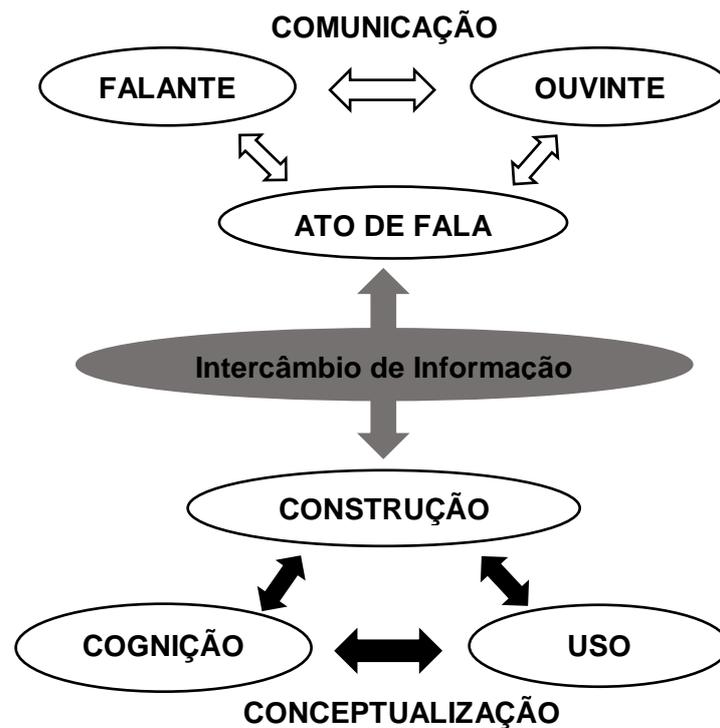
manhã) com o significado de cereal; e (ii) a referência da palavra *ball* (bola) para outros objetos circulares, como botão e lua. Ambas as situações ocorrem, porque a criança ainda não aprendeu suficientemente a correlação entre forma e significado da palavra em questão ou por não possuir ainda alternativas que sejam mais felizes em determinados contextos. Assim, é preciso maior experiência com a língua para que a aprendizagem e a fluência reduzam essas associações. O mesmo ocorre com as Construções de Estrutura Argumental.

O último Princípio CENCE ME se refere à tendência humana de gerar expectativas sobre as formas linguísticas que estão por vir e o seu papel na Aprendizagem Orientada por Erros. A partir das pistas disponíveis e à medida que o curso comunicativo se segue, o ouvinte sempre tenta antecipar o que o falante dirá a seguir. E quando o que é testemunhado é incompatível com a previsão feita, o resultado é um sinal de erro que modifica as conexões previamente estabelecidas, melhorando as futuras previsões (GOLDBERG, 2019).

Tanto a competição quanto essa Aprendizagem Orientada por Erros compõem uma abordagem explicativa de como as generalizações são restringidas e porque, embora criativos, os seres humanos ainda são conservadores, o que remete à Preempção Estatística – competição em contexto – e ao aprendizado de formas mais convencionais.

Toda essa discussão pode ser sistematizada ao conceber os seguintes elementos envolvidos na comunicação:

Figura 3: A comunicação sob a perspectiva construcionista.



Fonte: autoria própria.

A Figura 3 pretende sistematizar como a Abordagem Construcionista Baseada no Uso concebe a inter-relação entre a estrutura linguística, o uso e a cognição. A comunicação, como uma atividade cooperativa, envolve dois interlocutores – o falante e o ouvinte –, cuja intenção é trocar informações e, por isso, na permuta de turnos, seus papéis se articulam, dada a busca em se fazer compreendido e em compreender. Isso só é possível ao acionar o conhecimento de uma língua compartilhada – o *constructicon* – e selecionar ou ativar formas associadas a determinadas mensagens – as construções. Estas, por sua vez, enquanto unidades emergentes, são construídas com base no *input* recebido e a partir das capacidades cognitivas do ser humano e das demandas comunicativas (uso). Entre as construções acionadas para a comunicação, no nível oracional da língua, estão as Construções de Estrutura Argumental.

1.4 ESQUEMATICIDADE E PRODUTIVIDADE

Além das características apresentadas na seção 1.2, Traugott e Trousdale (2013) também apresentam três noções relevantes para o processo de mudança

construcional: a esquematicidade, a produtividade e a composicionalidade⁸. Aqui, destaca-se as noções de esquematicidade e de produtividade por serem relevantes na compreensão das relações entre as Construções de Estrutura Argumental, como discutido no decorrer desta dissertação.

1.4.1 Esquematicidade

A esquematicidade está relacionada ao processo de categorização em que um conjunto de construções é armazenado sob um mesmo esquema mais geral e abstrato (TRAUGOTT E TROUSDALE, 2013). Este pressuposto deriva do reconhecimento da composição gramatical tanto por itens específicos quanto por generalizações a partir deles. Goldberg (2006, 2019) tem argumentado vastamente sobre o processo de generalização, como constatado com os Princípios CENCE ME. De acordo com a autora, toda experiência linguística é reunida em agrupamentos de acordo com as semelhanças que compartilham entre si, gerando um conjunto de representações parciais e estruturadas no Espaço Conceptual Hiperdimensional (GOLDBERG, 2019).

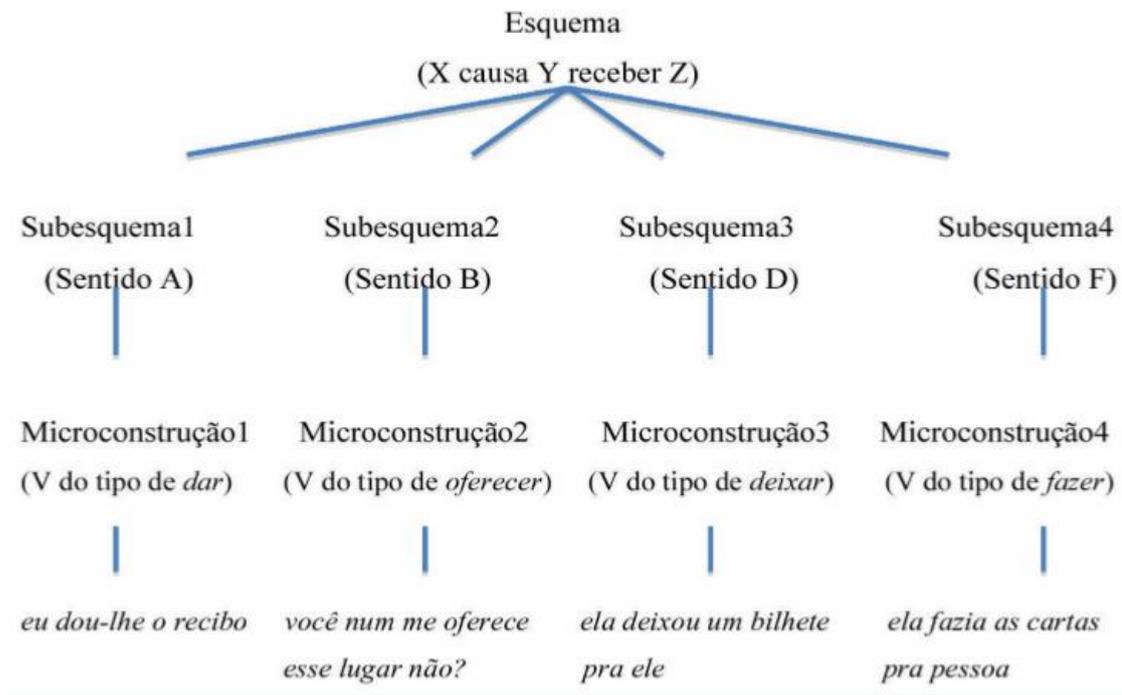
Traugott e Trousdale (2013) elucidam esse processo em termos de esquemas, subesquemas, microconstruções e *constructos*, demonstrando diferentes níveis de generalização sobre instâncias concretas da língua. Conforme essa nomenclatura, o esquema se refere a uma estrutura totalmente abstrata com *slots* completamente abertos; o subesquema corresponde a um nível menos esquemático ao especificar alguma propriedade do esquema mais amplo; e a microconstrução corresponde a uma estrutura que é especificada fonologicamente em alguma medida e que é instanciada no uso por *constructos* – *tokens* empiricamente atestados. Todos esses níveis estão correlacionados por graus de generalização ou por graus de especificidade a depender da perspectiva assumida.

Furtado da Cunha (2017) se baseia nessa sistematização para a análise das Construções de Estrutura Argumental no Português Brasileiro. Ao analisar a

⁸ Para Traugott e Trousdale (2013), a composicionalidade está relacionada à medida em que a ligação entre a forma e o significado de uma construção é transparente. Desse modo, uma construção é mais composicional quando for possível compreender o significado de cada item individual e a partir deles decodificar o significado do todo; e será menos composicional quando o significado de cada unidade individual não corresponder ao significado de toda a construção.

Construção Ditransitiva⁹, por exemplo, a autora propõe a seguinte hierarquia construcional:

Figura 4: Hierarquia construcional da Construção Ditransitiva.



Fonte: Furtado da Cunha (2017, p. 125).

A Construção Ditransitiva, conforme define Furtado da Cunha (2017) para o Português Brasileiro, envolve prototipicamente uma cena em que um agente animado causa a transferência de um paciente para um recipiente humano. Dessa forma, a construção aciona como sentido central um evento de transferência, cujo predicado prototípico é o verbo *dar*, e é representada esquematicamente como $[[S V OD OI] \leftrightarrow [X causa Y a receber Z]]$.

Em função disso, Furtado da Cunha (2017) concebe a Construção Ditransitiva como um Esquema, sendo uma generalização a partir de suas instâncias no uso. Porém, uma Construção de Estrutura Argumental, assim como as unidades lexicais, também pode ser polissêmica, ou seja, a sua forma pode ser associada a diferentes, mas relacionados significados que irradiam do seu significado prototípico.

A Figura 4 representa a hierarquia construcional da Construção Ditransitiva com seus diferentes significados que estão relacionados a ela por Elos de Polissemia.

⁹ A Construção Ditransitiva analisada por Furtado da Cunha (2017) corresponde à Construção Dativa em outros trabalhos (cf. FERRARI, 2016; GOLDBERG, 1995, 2006, 2019).

O Esquema corresponde à abstratização superior da construção e cada um dos seus significados são representados no nível do Subesquema. Na ilustração, (i) o Subesquema 1 se refere ao sentido prototípico da construção; (ii) o Subesquema 2 corresponde à extensão Condições de Satisfação Implicam X causa Y a receber Z; (iii) o Subesquema 3 caracteriza a extensão de transferência futura; e (iv) o Subesquema 4 representa a extensão em que a transferência é uma intenção, embora a sua realização seja incerta.

Abaixo desses Subesquemas, Furtado da Cunha (2017) apresenta as Microconstruções que especificam a natureza do predicado nessa construção. Desse modo, (i) a Microconstrução 1 se caracteriza pelo verbo do tipo dar; (ii) a Microconstrução 2 pelo verbo do tipo oferecer; (iii) a Microconstrução 3 pelo verbo do tipo deixar; e (iv) a Microconstrução 4 pelo verbo do tipo fazer. Cada uma dessas Microconstruções, por sua vez, é instanciada por produtos reais do uso linguístico – os *constructos* –, como o uso prototípico do verbo dar em “eu dou-lhe o recibo”.

Seguindo Traugott e Trousdale (2013), portanto, Furtado da Cunha (2017) também assume que os Elos de Polissemia sejam definidos no nível dos Subesquemas. Nesse caso, cada Subesquema restringe um aspecto da semântica de transferência do Esquema superior. É importante observar também que a autora assume o sentido prototípico da construção como um Subesquema particular na hierarquia e não o atribui diretamente ao Esquema. Essa posição contrasta com Goldberg (1995) que utiliza uma representação diagramática radial em que o sentido central corresponde ao uso prototípico da construção do qual as suas extensões se irradiam. Dessa forma, Goldberg (1995) não assume o sentido prototípico como um agrupamento separado, mas como uma instância licenciada diretamente pela construção prototípica, sendo as demais suas extensões.

Entretanto, a proposta de Traugott e Trousdale (2013) é um método relevante para representar as informações que estão associadas ao agrupamento das Construções de Estrutura Argumental, organizando-as sistematicamente em níveis de generalização ou de especificidade. Além disso, essa representação hierárquica também pode demonstrar a produtividade das Construções de Estrutura Argumental.

1.4.2 Produtividade

A produtividade está relacionada à medida em que uma construção mais esquemática sanciona outras construções mais específicas e à medida em que essa extensão é restringida (TRAUGOTT E TROUSDALE, 2013). Uma construção é produtiva quando pode ser estendida para novos e hipotéticos usos, ou seja, quando pode ser aplicada a novos contextos e a novas experiências linguísticas (GOLDBERG, 2019). Um exemplo de produtividade pode ser verificado no uso da Construção Transitiva com o verbo “tuitar” em Língua Portuguesa, como na seguinte expressão:

- (6) “Botafogo anuncia vaga de estágio após **tuitar ‘Vamos, Flamengo’**; clube nega relação”¹⁰.

Na expressão destacada, a Construção Transitiva ocorre junto com o verbo tuitar que é um novo verbo na Língua Portuguesa, cuja origem está em um neologismo a partir da palavra “*Twitter*” – nome de uma Rede Social. Ao ser utilizada com um verbo tão recente na língua, a Construção Transitiva demonstra, em alguma medida, a sua produtividade por se tratar de um novo contexto de uso. Nesse caso, a ação de tuitar é vinculada à semântica do padrão transitivo, cuja conceptualização envolve a transferência de ação entre duas entidades.

Contudo, tratando-se de Construções de Estrutura Argumental, a produtividade é apenas parcial, ou seja, essas construções podem até ser usadas de modo um tanto criativo, mas resistem à produtividade total. Goldberg (2019) estampa um exemplo no próprio título de sua obra: *Explain me this*. Na Língua Inglesa, enquanto é possível se dizer “*tell me something*” ou “*tell something to me*”, é possível apenas dizer “*explain this to me*”, o que não se explica simplesmente por alguma incompatibilidade semântica entre a construção e o verbo.

Em razão disso, Goldberg (2019) se propõe a responder quando, por que e como a criatividade e o conservadorismo se manifestam no uso da língua. Assim, busca determinar a medida em que as Construções de Estrutura Argumental podem ser estendidas. De acordo com a autora, há duas noções cruciais nesse processo: *coverage* (cobertura) e competição. Ambas possuem suas bases nos Princípios CENCE ME e estão correlacionadas à capacidade de memória do ser humano e ao mecanismo de Aprendizagem Orientada por Erros.

¹⁰ Disponível em: <https://jovempan.com.br/esportes/futebol/botafogo-anuncia-vaga-de-estagio-apos-tuitar-vamos-flamengo.html>. Acesso em: 30 de setembro de 2020.

O ser humano, de acordo com o *input* recebido, reúne exemplares parcialmente estruturados em agrupamentos dinamicamente organizados em seu Espaço Conceptual Hiperdimensional. Estes agrupamentos dão origem às restrições ou aos Fatores de Condicionamento de cada unidade gramatical de uma língua. A partir disso, a noção de *coverage* (cobertura) estabelece que novas expressões só são licenciadas na língua, se se ajustarem a agrupamentos previamente existentes. Dessa forma, o potencial uso produtivo de uma construção – uma *coinage* – só é aceitável na medida em que se ajusta a um agrupamento já existente e bem atestado dentro do Espaço Conceptual Hiperdimensional (GOLDBERG, 2019).

À concepção de *coverage*, Goldberg (2019) relaciona três outras noções: Frequência *Type*, Variabilidade e Similaridade. A Frequência *Type*, se tratando das Construções de Estrutura Argumental, se refere ao número de diferentes verbos que são testemunhados em uma construção. Essa frequência é distinta da Frequência *Token* que se refere às diferentes ocorrências de um único verbo em uma mesma construção. A Variabilidade se caracteriza pelos diferentes tipos semânticos e fonológicos de instâncias testemunhadas em uma dada construção. E a Similaridade se refere à semelhança de uma *coinage* – um potencial uso produtivo – em relação aos exemplares já testemunhados. Juntas, essas noções se referem à medida em que uma Construção de Estrutura Argumental é distribuída no Espaço Conceptual Hiperdimensional. Quanto mais ampla for a sua distribuição, mais exemplares a construção cobre no Espaço Conceptual Hiperdimensional. Consequentemente, maiores serão também a sua variabilidade e as possíveis similaridades com novos usos. Assim, as três noções inter-relacionadas indicam a possibilidade de generalização de uma construção particular e, portanto, o grau de sua produtividade.

De acordo com Goldberg (2019), essa produtividade só é inibida pela competição. A Preempção Estatística (*Statistical Preemption*) é definida pela autora como uma competição em contexto, isto é, uma competição entre unidades linguísticas associadas a uma mesma mensagem-em-contexto. Por esse viés, as generalizações para além dos recursos disponíveis – o uso criativo da língua – só ocorre quando não existe uma formulação convencional prontamente disponível para uma dada mensagem-em-contexto. Em contrapartida, essa produtividade é inibida quando existe uma formulação alternativa que transmite a mesma mensagem-em-contexto e está mais acessível no evento comunicativo.

Essa competição em contexto é muito comum em restringir as generalizações na formação de novas palavras. Na Língua Inglesa, o sufixo *-er* é muito produtivo para criar substantivos agentivos, como *teacher, listener, speaker, blogger, etc.*, mas é bloqueado para as formas *cooker* e *spier* que já possuem uma forma convencional prontamente disponível: *cook* e *spy* (GOLDBERG, 2019). O mesmo ocorre para a aprendizagem de verbos irregulares, como *go*, cuja forma no pretérito é *went* e não *goed*, e para a correção de super-generalizações e subgeneralizações, como as associações entre a palavra *ball* para designar qualquer entidade circular e entre a palavra *breakfast* com a concepção de cereal. O mesmo também é verdade para as Construções de Estrutura Argumental. Os falantes de Língua Inglesa, ao assumirem a forma “*explain something to me*” como a forma mais convencional de expressar a sua mensagem pretendida, bloqueiam a forma alternativa “*explain me something*”. Assim, se diz que “*explain something to me*” bloqueia a ocorrência de “*explain me something*”.

A ideia central por trás disso é que os falantes nativos aprendem um modo mais convencional de expressar certas mensagens-em-contexto. Os falantes são conscientes de que a língua faz parte de um acordo social e, por isso, a concebem como um empreendimento normativo. Desse modo, buscam se adequar a sua comunidade de fala e tratam a forma mais entrincheirada ou mais familiar como o modo mais “correto” de se transmitir uma mensagem, bloqueando certas generalizações (GOLDBERG, 2019).

Essa preempção só é possível por meio da Aprendizagem Orientada por Erros. Quando duas construções estão em competição, uma será fortalecida toda vez que for testemunhada em um contexto que seria favorável para a outra. Nesse sentido, a ideia de contexto é essencial para a competição. Se não houver a ativação das duas formas para um mesmo propósito, não haverá a supressão de uma em favor da outra. Além disso, a Preempção é estatística por prever usos ocasionais da forma bloqueada por equívoco ou por intenção, como Goldberg (2019) fez com o título de sua obra.

A produtividade, então, está relacionada à medida em que os agrupamentos licenciam generalizações no Espaço Conceptual Hiperdimensional – *coverage* – e à medida em que a competição em contexto restringe as possíveis generalizações – Preempção Estatística. A relevância dessas noções está em determinar o grau de produtividade de uma construção e, portanto, no grau em que ela licencia outras expressões bem formadas na língua.

CAPÍTULO 2

ESTRUTURA ARGUMENTAL E VERBO NA GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES

Este capítulo é dedicado às Construções de Estrutura Argumental e ao *status* do verbo na Gramática de Construções, elementos que são substanciais para a análise dos dados. Em 2.1, discute-se especificamente a inter-relação entre as Construções de Estrutura Argumental e os verbos. Por isso, a seção é subdividida a fim de contemplar (i) as Construções de Estrutura Argumental; (ii) os verbos como agrupamentos de representações estruturadas; (iii) a noção de perfilamento; e a (iv) noção de fusão entre Estrutura Argumental e Estrutura Semântica. E, em 2.2, discute-se as relações que podem ser estabelecidas entre diferentes Construções de Estrutura Argumental.

2.1 A INTER-RELAÇÃO ENTRE CONSTRUÇÕES DE ESTRUTURA ARGUMENTAL E VERBOS

Contraopondo-se aos modelos lexicais, que derivam a estrutura sintática da valência verbal, Goldberg (1995) argumenta que as sentenças básicas da Língua Inglesa são instâncias de Construções de Estrutura Argumental. Estas são correspondências de forma e de significado que existem independentemente de itens lexicais e que funcionam como o principal predicado relacional de uma sentença (GOLDBERG, 2006). Por predicado relacional, entende-se aquele que determina e restringe os elementos que compõem um enunciado. Assim, são uma subclasse especial de construções que definem a forma básica das orações e que restringem a interpretação de “quem fez o que a quem” (GOLDBERG, 2019).

Entretanto, isso não significa que a interpretação *in toto* seja única e estritamente definida pela Construção de Estrutura Argumental, uma vez que os verbos também possuem papel fundamental nesse processo. De acordo com Goldberg (1995, 2006), as construções determinam uma Estrutura Argumental, que restringe semanticamente os *slots* na composição de orações, enquanto os verbos determinam uma Estrutura Semântica bastante específica. A distinção entre as duas estruturas está justamente na medida em que uma semântica é mais ampla e a outra é mais específica, ou seja, no nível da generalização, como detalhado a seguir.

Como a análise se desenvolve por meio de restrições semânticas, cabe apresentar o que se entende por semântico. Goldberg (1995, 2006, 2019) adota a Semântica de *Frames* (*Frame Semantics*), um programa de pesquisa em semântica empírica desenvolvido por Charles Fillmore, para a análise da interface semântica das construções. Fillmore (1982) define *frame* como qualquer sistema de conceitos relacionados entre si de tal modo que para entender qualquer um deles é preciso entender toda a estrutura conceptual a que pertencem. Em vista disso, assim como Langacker (2008), Fillmore (1982) também concebe a interpretação das expressões linguísticas a partir de um substrato conceptual que é fundamentado na experiência do ser humano com o mundo físico, social e cultural ao seu redor.

Um exemplo é o *frame* de Evento Comercial que evoca uma circunstância em que há um comprador interessado em trocar seu dinheiro por bens, e um vendedor interessado em trocar seus bens por dinheiro. Este evento é acionado para os verbos “comprar”, “vender”, “pagar”, “pechinchar”, “financiar”, “gastar”, “custar”, “cobrar”, entre outros. Porém, cada verbo difere entre si no modo como a cena é evocada (FILLMORE, 1982). À guisa de demonstração, considere os verbos “comprar” e “vender” nas expressões a seguir:

- (1) Talvez nem saiba de nada, coitado. - Coitado? **William vendeu este ano sua cadeia de lojas, a Brady.** O sobrinho vai herdar uma nota. (19:Fic:Br:Rey:Crimes).
- (2) Estado - **A Unicamp comprou o seu arquivo e seus manuscritos?** Hilda - A universidade comprou a cópia dos artigos que saíram na imprensa, livros com dedicatórias e autografados, como os que o Jorge Amado e a Lygia (Fagundes Telles) me mandaram, cadernos meus do colégio, uma porção de coisas. (19Or:Br:Intrv:ISP).

Ambas as expressões em (1) e em (2) acionam o mesmo *frame* semântico de Evento Comercial. No entanto, o verbo “vender” prioriza a ação do vendedor (William) em relação aos seus bens (sua cadeia de lojas, a Brady) e deixa o comprador e o dinheiro em segundo plano. E o verbo “comprar” salienta a ação do comprador (Unicamp) em relação aos bens (arquivos e manuscritos) e deixa a vendedora (Hilda Hilst) e o dinheiro em segundo plano.

Goldberg (1995, 2006, 2019), partindo desse pressuposto, propõe que tanto as Construções de Estrutura Argumental quanto os verbos acionam *frames* semânticos, ou seja, ambos fazem referência a um sistema conceptual estruturado. Conseqüentemente, os esquemas não apenas executam a função de configuração do

frame lexical, como em Fillmore (1982), mas também contribuem com seu próprio conteúdo conceptual. A partir dessa compreensão, Goldberg (1995, 2006, 2019) elabora a sua proposta para as Construções de Estrutura Argumental e sua relação com verbos em instâncias mais específicas.

2.1.1 Construções de Estrutura Argumental

As Construções de Estrutura Argumental são unidades simbólicas constituídas por uma interface formal, que corresponde ao que é tradicionalmente concebido como valência – o número e o tipo de complementos em uma oração (GOLDBERG, 2019) – e por uma interface semântica associada a uma cena básica da experiência humana, de acordo a Hipótese da Codificação de Cena: “Construções, que correspondem a tipos de sentenças básicas, codificam como seus sentidos centrais tipos de eventos que são básicos para experiência humana.”¹¹ (GOLDBERG, 1995, p. 39).

As cenas básicas da experiência humana se referem a eventos ancorados diretamente na experiência física do ser humano com o ambiente a sua volta, como mover uma entidade por um caminho, transferir um objeto a outra entidade, direcionar uma ação a outro ser humano, e assim por diante. Em função disso, as Construções de Estrutura Argumental podem acionar *frames* fundamentados em experiências como “alguém dar algo a alguém” ou “alguém experimentar uma mudança de estado”, consoante as seguintes ocorrências:

(3) **“Alguns alunos compraram flores para a professora”**¹²
(BECHARA, 2009, p. 423).

(4) “Ele estava de cara cheia. Não satisfeito com a fabricação de aguardente, também consome. E se bebe, é para valer. Uma carraspana das boas. **Bêbado, o Provedor vira um animal.**”
(19:Fic:Br:Resende:Braco).

O enunciado em (3) é uma instância da Construção Dativa do Português, que aciona um evento de transferência entre duas entidades e que pode ser

¹¹ Original: “*Scene Encoding Hypothesis: Constructions which correspond to basic sentence types encode as their central senses event types that are basic to human experience.*” (GOLDBERG, 1995, p. 39).

¹² Exemplo retirado de Bechara (2006) por demonstrar um uso em que há coerção na semântica do verbo pela Construção de Estrutura Argumental.

esquemática como [X causa Y a receber Z] → [S - V OD Obl.]¹³. No caso particular, alguns alunos compram flores com a intenção de dar à professora, acionando uma semântica não prevista pelo verbo “comprar”. Desse modo, a construção exerce uma coerção na semântica do verbo para gerar uma interpretação de transferência, como previsto pela proposta de Goldberg (1995, 2006, 2019).

Por coerção, entende-se o processo de reinterpretação contextual de um item lexical que é desencadeado pela necessidade de resolver conflitos semânticos (MICHAELIS, 2004). Nesse caso, a coerção é um processo em que um item lexical é reinterpretado como uma exigência de um padrão construcional. Assim, afirma-se que a construção coage um aspecto da interpretação do verbo que não era previsto pelo seu *frame* semântico prototípico (GOLDBERG, 2019).

A ocorrência em (4), por sua vez, está associada a uma experiência diferente em que uma entidade experencia uma mudança de estado. A Construção Resultativa Intransitiva do Português pode ser esquematizada como [X se tornar Y] → [S - V Pred. S]. Em (4), especificamente, a mudança se refere a passagem de sóbrio para bêbado que deixa o Provedor com comportamento animalesco. Nesse enunciado, o verbo também não apresenta prototipicamente essa semântica e a interpretação do todo é gerada pela semântica do padrão construcional.

Portanto, ambos os casos apresentam um padrão oracional associado a uma cena básica da experiência humana independentemente da semântica vinculada ao verbo principal. Além disso, é possível verificar que diferenças sistemáticas no significado de um mesmo verbo é resultado de sua fusão com diferentes Construções de Estrutura Argumental (GOLDBERG, 1995, 2006). Um exemplo é a possibilidade do verbo “virar” também ser usado com a Construção de Movimento Intransitiva do Português, como a seguir:

(5) E você, Cecília, está convidada para passar o próximo fim de semana comigo em Guiratinga. Tôdas respondiam ao mesmo tempo, enquanto ela descia os degraus e atravessava a calçada. Só entraram quando **o carro virou a esquina**. Vendo-a de relance com o seu vestido, Cecília teve uma sensação de desdobramento, como se assistisse à sua própria fuga. (19:Fic:Br:Teixeira:Rua).

¹³ Furtado da Cunha (2017) analisa essa construção no Português Brasileiro sob a nomenclatura de Construção Ditransitiva, como exposto no primeiro capítulo. Aqui, optou-se pelo termo Construção Dativa para distingui-la da Construção Ditransitiva ou Construção de Duplo Objeto presente na Língua Inglesa.

A oração em (5) é uma instância da Construção de Movimento Intransitiva do Português que esquematicamente pode ser representada como [X se mover para Z] → [S - V Obl.]. Essa construção aciona um *frame* em que uma entidade se move em relação ao espaço a fim de mudar a sua posição (giro) ou alterar o percurso do seu movimento (trajetória). Em (5), especificamente, a mudança se refere à trajetória do carro, compreendido metonimicamente, uma vez que o carro é controlado por uma entidade humana. Por enquanto, o fato mais relevante a ser observado é a interpretação do verbo ser distinta de acordo com os diferentes padrões oracionais em que se encaixa, o que é justificado pela força de coerção das Construções de Estrutura Argumental sobre os verbos que as instanciam. Essa discussão será detalhada na próxima subseção.

O fato comum observado em (3), (4) e (5), por si só, é a evidência mais forte sobre a existência das Construções de Estrutura Argumental. Cabe observar ainda que a Hipótese da Codificação de Cena, como esperado ao lidar com a língua, não abarca todas as construções (GOLDBERG, 1995). Um exemplo é a Construção de Voz Passiva que é associada a uma distribuição particular das informações em uma oração. Considere a seguinte expressão:

(6) Durante a Primeira Guerra Mundial, os feridos com lesão circulatória tinham seus membros amputados, pois não existia outra coisa a fazer, tampouco havia material e pessoas treinadas para assisti-los. **Durante a Segunda Guerra Mundial, alguns reparos vasculares foram feitos pelo doutor Michael de Backey, ainda vivo.** Ele é reconhecido como cirurgião do século e um dos mais famosos de toda a história. (19N:Br:Cur).

A expressão em (6) é uma instância da Construção de Voz Passiva do Português em que a ordem da Construção Transitiva canônica é invertida a fim de salientar o agente do evento. A Construção Transitiva tem como sentido básico um processo de transferência de ação já realizado entre uma entidade agente humana e uma outra entidade paciente e também humana (HOPPER E THOMPSON, 1980). Essa semântica motiva o seguinte esquema [X ação Y] → S - V OD] em que X é um agente e Y é um paciente. Na Construção de Voz Passiva, por outro lado, essa relação é invertida como pode ser visto no seguinte esquema [X ação à Y] → [S - V Obl.] em que X se refere ao paciente e Y ao agente do evento, o que motiva o sintagma preposicionado após o verbo. Em função disso, a entidade afetada passa a figurar o

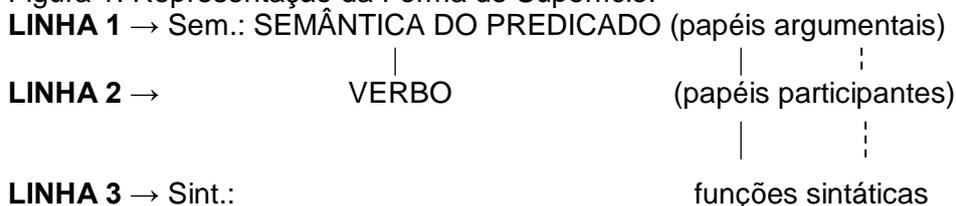
Tópico da expressão, enquanto o agente passa a figurar o Potencial Domínio de Foco, recebendo maior realce discursivo.

As generalizações desses padrões construcionais são capturadas por meio da própria Forma de Superfície – a forma foneticamente realizada da expressão. Essa proposta contraria o gerativismo de Noam Chomsky para quem a Estrutura de Superfície é um padrão derivado de uma Estrutura Profunda mais abstrata e regida por princípios inatos. Desse modo, Goldberg (2006) rejeita os processos transformacionais e postula a seguinte hipótese:

Hipótese da Generalização de Superfície: há tipicamente generalizações sintáticas e semânticas mais amplas associadas a uma estrutura argumental de superfície do que entre a mesma forma de superfície e uma distinta forma da qual hipoteticamente é derivada sintática ou semanticamente. (GOLDBERG, 2006, p. 25).¹⁴

De acordo com essa hipótese, generalizações muito mais ricas são encontradas quando se considera os padrões construcionais em seus próprios termos. A Forma de Superfície, assim, é identificada como um sistema de representação direta de uma Construção de Estrutura Argumental sem apelar para hipotéticas formas subjacentes. A Figura 1, a seguir, ilustra o modelo de representação da autora:

Figura 1: Representação da Forma de Superfície.



Fonte: Goldberg (2006).

A partir dessa representação, é possível detalhar a relação entre as Construções de Estrutura Argumental e os verbos. A Linha 1 representa a semântica da construção, enquanto um predicado relacional, e, por isso, especifica um conjunto de Papéis Argumentais – os *slots* associados com a Estrutura Argumental de uma

¹⁴ Original: “*Surface Generalization Hypothesis: there are typically broader syntactic and semantic generalizations associated with a surface argument structure form than exist between the same surface form and a distinct form that it is hypothesized to be syntactically or semantically derived from.*” (GOLDBERG, 2006, p. 25).

construção. A Linha 2 representa a semântica do verbo com seus respectivos Papéis Participantes – os *slots* associados com a Estrutura Semântica de um verbo. Estes são considerados instâncias dos Papéis Argumentais, de acordo com o nível de generalização. E a Linha 3, por sua vez, representa a vinculação simbólica entre a semântica da construção – Estrutura Argumental – e as suas relações gramaticais – as funções sintáticas.

O verbo, na representação, é interpretado apenas como uma instância particular do conjunto simbólico mais abstrato que corresponde à Linha 1 e à Linha 3. Assim, qualquer verbo que possa ser uma instância da construção pode figurar na Linha 2, desde que constatado em uso. As linhas que descem representam a integração do todo, sendo que as (i) linhas sólidas indicam que os Papéis Argumentais devem ser fundidos com os Papéis Participantes; e as (ii) linhas tracejadas indicam que a construção pode contribuir com um papel não previsto na semântica do verbo. Além dessas informações, a representação também inclui as propriedades discursivas em subscrito, como em [agente (*tópico primário*)] (GOLDBERG, 2006).

Em seus trabalhos, Goldberg (1995) lidou especificamente e com mais atenção às seguintes construções: (i) a Construção Ditransitiva, que posteriormente é denominada como Construção de Duplo Objeto (GOLDBERG, 2019); (ii) a Construção de Movimento Causado; (iii) a Construção Resultativa; e (iv) a *Way Construction*. Cada uma é apresentada no quadro a seguir:

Quadro 1: Construções de Estrutura Argumental da Língua Inglesa.

CONSTRUÇÃO	FORMA	SIGNIFICADO
Construção de Duplo Objeto	S V OD ₁ OD ₂	X causa Y a receber Z
Construção de Movimento Causado	S V OD Obl.	X causa Y a mover Z
Construção Resultativa	S V OD Pred.	X causa Y a se tornar Z
<i>Way Construction</i>	S V <poss.> way Obl.	X cria um caminho e se move através dele (para) Z

Fonte: Goldberg (1995, 2019) [tradução própria].

Cada uma dessas Construções de Estrutura Argumental licencia respectivamente expressões como:

- (7) “**Sally baked her sister a cake.**” Sally assou sua irmã um bolo (GOLDBERG, 1995, p. 141) [tradução própria].
- (8) “**They sprayed the paint onto the wall.**” Eles borrifaram a tinta na parede (GOLDBERG, 1995, p. 152) [tradução própria].

- (9) “***He talked himself blue in the face.***” Ele falou até ficar exausto (GOLDBERG, 1995, p. 189) [tradução própria].
- (10) “***Frank dug his way out of the prison.***” Frank cavou seu caminho para fora da prisão (GOLDBERG, 1995, p. 199) [tradução própria].

O exemplo em (7) é uma instância da Construção de Duplo Objeto, cujo sentido central envolve a transferência real e bem-sucedida de algo entre dois seres sencientes (GOLDBERG, 1995, 2019). Em (7), particularmente, Sally assa um bolo com a intenção de dar a sua irmã e envolve uma extensão do sentido central. Este é um exemplo muito explorado por Goldberg (1995, 2006) por demonstrar que a Construção de Estrutura Argumental fornece o elo direto entre a forma e a interpretação da expressão, uma vez que o verbo *bake* não apresenta em sua semântica a ideia de transferência e muito menos a exigência por três argumentos. Além disso, cabe observar também, que as Construções de Estrutura Argumental, assim como as unidades lexicais da língua, também podem ser polissêmicas, ou seja, suas formas podem ser associadas a diferentes, mas relacionados significados (GOLDBERG, 1995).

A expressão em (8), por sua vez, é uma instância da Construção de Movimento Causado. Esta construção possui como sentido central um evento em que o sujeito causa diretamente o movimento do objeto direto ao longo de um caminho ou para um determinado lugar que é especificado pelo argumento oblíquo (GOLDBERG, 1995, 2006). Em (8), particularmente, o sujeito (*they*), ao borrifar (*sprayed*), causa o movimento da tinta (*the paint*) para a parede (*onto the wall*). Dessa forma, envolve um evento causativo-manipulativo entre duas entidades a fim de alterar a localização espacial de uma delas.

Em (9), por outro lado, a expressão é uma instância da Construção Resultativa em que o argumento paciente sofre potencialmente uma mudança de estado como resultado da ação que é denotada pelo verbo (GOLDBERG, 1995). No enunciado, o paciente (*himself*), que é correferencial ao sujeito (*he*), passa por uma mudança de estado ao falar (*talked*) até a exaustão (*blue in the face*).

Por último, o enunciado em (10) é uma instância da *Way Construction*, cujo sentido central envolve o movimento do sujeito apesar de alguma dificuldade externa. Nesse sentido, em (10), o sujeito (Frank) cria o seu caminho (*dug his way*) ao cavar uma saída para fora de uma prisão (*out of the prison*), o que pressupõe a dificuldade imposta pelo sistema prisional.

Todas essas Construções de Estrutura Argumental analisadas por Goldberg (1995, 2006, 2019) correspondem apenas à Língua Inglesa. Porém, algumas já foram constatadas em outros idiomas. A própria autora faz referência à Língua Chinesa que também possui uma Construção de Duplo Objeto, embora esta apresente uma distribuição semântica mais ampla do que a vigente em Língua Inglesa, e menciona a inexistência da mesma construção em Línguas Românicas, como o Francês, o Italiano e o Espanhol. Essa mesma ausência se constata em Língua Portuguesa, uma vez que seria inapropriado para um falante brasileiro dizer expressões como:

- (11) ***João assou seu irmão um bolo.**
- (12) ***João assou um bolo seu irmão.**

Tanto (11) quanto (12) são inaceitáveis, como indicado pelo asterisco, porque os falantes de Língua Portuguesa utilizam a Construção Dativa para transmitir a mensagem de doação. Nesse caso, os argumentos após o verbo não são dois objetos diretos, mas um objeto direto e um sintagma preposicionado, como destacado a seguir:

- (13) **João assou um bolo para o seu irmão.**

Ferrari (2016) e Furtado da Cunha (2017), embasadas na proposta de Goldberg (1995, 2006), analisaram a Construção Dativa e a Construção de Movimento Causado no Português Brasileiro. Porém, enquanto Ferrari (2016) adota o termo Construção Dativa para realçar a semântica de doação do padrão; Furtado da Cunha (2017), como já apresentado, adota o termo Construção Ditransitiva, também considerando o significado de doação da construção. Embora utilize este termo, a autora esclarece que se trata de uma construção distinta do que propõe Goldberg (1995) para a Língua Inglesa. Dessa forma, a análise da autora não exclui a afirmação sobre a ausência de uma construção com dois objetos diretos após o verbo em Língua Portuguesa.

Ferrari (2016), ao analisar a Construção Dativa e a Construção de Movimento Causado no Português Brasileiro, apresenta as seguintes expressões:

- (14) **“João chutou a garrafa para o jardim”** (FERRARI, 2016, p. 107).
- (15) **“João deu sua casa aos primos”** (FERRARI, 2016, p. 107).

Em (14), a expressão envolve um evento em que uma entidade causa o movimento de uma outra entidade para um determinado lugar por meio da ação de chutar, sendo uma instância da Construção de Movimento Causado do Português Brasileiro. E, em (15), a expressão envolve um evento em que uma entidade causa a transferência de uma propriedade para uma outra entidade que a recebe. Nesse caso, a expressão em (15) envolve um evento de doação e, por isso, é considerada uma instância da Construção Dativa do Português Brasileiro.

No primeiro capítulo, foi apresentada a organização hierárquica da Construção Dativa no Português Brasileiro a partir da análise de Furtado da Cunha (2017); e a Construção de Movimento Causado será detalhada no terceiro capítulo, uma vez que é o objeto de análise desta dissertação. Contudo, antes de encerrar essa subseção, vale ampliar um pouco a discussão sobre a Construção de Duplo Objeto e a Construção Dativa na Língua Inglesa.

A escolha pelo termo Construção Dativa aqui é justificada pela sua coexistência com a Construção de Duplo Objeto na Língua Inglesa. A Construção Dativa corresponde ao que Goldberg (1995) nomeou primeiramente como *Transfer Caused Motion Construction* e a Construção de Duplo Objeto à Construção Ditransitiva, como já mencionado. Ambas podem expressar uma mesma mensagem de doação, mas Goldberg (1995, 2006) as distingue a partir dos corolários do Princípio da Não-Sinonímia¹⁵. As duas construções divergem em forma: a Construção de Duplo Objeto apresenta uma sequência formal de dois objetos diretos após o verbo; enquanto a Construção Dativa apresenta um objeto direto e um argumento oblíquo¹⁶ após o verbo. Desse modo, como são semanticamente sinônimas, as duas construções devem divergir pragmaticamente e, de fato, essa divergência existe.

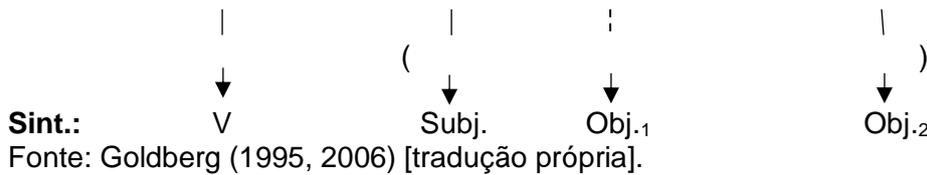
De acordo com Goldberg (2019), a Construção de Duplo Objeto possui um conjunto variado de Fatores de Condicionamento – os aspectos de diferentes dimensões que caracterizam a estrutura interna de uma construção. A autora apresenta a seguinte Estrutura de Superfície que é atribuída a essa construção:

Figura 2: Construção de Duplo Objeto da Língua Inglesa.

Sem.: CAUSAR-RECEBER (agente recipiente_(tópico secundário) tema)

¹⁵ Discutido mais adiante.

¹⁶ Um argumento oblíquo é um argumento de sintagma preposicionado (GOLDBERG, 2019). Este conceito cobre tanto as noções de Complemento Relativo (BECHARA, 2009) ou de Complemento Oblíquo (CASTILHO, 2014) quanto de Objeto Indireto, como segmentado pelas gramáticas de Língua Portuguesa.



A Construção de Duplo Objeto, como já apresentado, aciona o *frame* semântico de transferência real e bem-sucedida entre uma entidade agente e uma entidade recipiente (ou beneficiária). Desse modo, semanticamente, a posição do sujeito deve ser ocupada por uma entidade que apresente volição e a posição do primeiro objeto direto por uma outra entidade animada, entendida como um beneficiário ou um destinatário voluntário. A exceção dessas restrições semânticas está em extensões metafóricas a partir do seu sentido prototípico (GOLDBERG, 1995).

Essa caracterização semântica motiva as restrições formais da construção em que [X causa Y a receber Z] corresponde formalmente à [(agente, recipiente, tema) → (S - V Obj.₁ Obj.₂)], como esquematizado na figura acima (GOLDBERG, 1995, 2006). No entanto, para além dessas restrições, as generalizações de superfície também incluem propriedades de Estrutura Informacional, ou seja, propriedades que derivam da suposição dos falantes sobre o estado de conhecimento dos ouvintes (GOLDBERG, 2006).

Sobre a Estrutura Informacional, Goldberg (2006) se fundamenta na terminologia de Gundel (1985) que distingue Dado e Novo Referencial de Dado e Novo Relacional. O primeiro tipo se refere à ativação cognitiva do conhecimento pelos interlocutores, ou seja, ao que eles já conhecem e ao que é novo para eles; e o segundo se refere ao modo como a informação é empacotada para transmitir o *status* de informação mais relevante. De acordo com o segundo tipo, uma expressão pode ser segmentada em (i) Tópico, informação que contextualiza os outros elementos da oração; (ii) Potencial Domínio de Foco, a informação que está sendo afirmada ou negada pela expressão; e (iii) Elementos de Segundo Plano, que não correspondem ao Tópico nem ao Potencial Domínio de Foco.

A Construção de Duplo Objeto difere da Construção Dativa justamente pelo *status* de Dado e Novo Relacional. De acordo com Goldberg (1995, 2006), o argumento recipiente da Construção de Duplo Objeto não faz parte do Tópico nem do Potencial Domínio de Foco e, portanto, é um Elemento de Segundo Plano caracterizado como um Tópico Secundário. Por isso, esse argumento é tipicamente (i) um sintagma nominal definido ou um pronome; (ii) já dado ou acessível e raramente

novo; (iii) referencial a um ser animado; (iv) pressuposto; e (v) não negado, o que falha no seu teste para o Potencial Domínio de Foco (cf. GOLDBERG, 2006). Essa informação está em subscrito no argumento recipiente da Figura 2.

A Construção Dativa, por outro lado, pode ter tanto o recipiente quanto o paciente como o Potencial Domínio de Foco. De acordo com Goldberg (1995), essa construção é uma extensão metafórica da Construção de Movimento Causado através da metáfora conceptual TRANSFERÊNCIA DE PROPRIEDADE É TRANSFERÊNCIA FÍSICA. Nesse caso, ambas estão relacionadas por um Elo de Herança Metafórico em que a transferência de propriedade é compreendida em termos de uma transferência física.

Como uma extensão da Construção de Movimento Causado, a interpretação da Construção Dativa também demonstra ser dependente de contextos bastante específicos. Considere, por exemplo, as seguintes expressões:

- (16) “*Mina sent Mel a book.*” Mina enviou Mel um livro (GOLDBERG, 2006, p. 26) [tradução própria].
 (17) “*Mina sent a book to Mel.*” Mina enviou um livro para Mel (GOLDBERG, 2006, p. 26) [tradução própria].

Goldberg (2006) utiliza esses dois exemplos para argumentar contra a derivação, mas eles podem ser usados aqui para demonstrar as possíveis diferenças em interpretação entre as duas construções. O exemplo em (16) é uma instância da Construção de Duplo Objeto e semanticamente reporta que Mina deu um livro à Mel ao enviá-lo para ela. Dessa forma, o exemplo em (16) é padronizado do mesmo modo que a expressão em (7), pois ambas correspondem à mesma Forma de Superfície da Construção de Duplo Objeto.

O exemplo em (17), por outro lado, pode reportar que Mina enviou um livro para Mel sem necessariamente envolver um evento de doação. Considere, por exemplo, que Mel seja a atendente em uma biblioteca e seja conhecida por ambos os interlocutores. Nesse contexto, apenas a expressão em (17) seria apropriada, uma vez que a mensagem pretendida é um evento de deslocamento de um objeto e não um evento de doação. Desse modo, a expressão em (17), seria uma instância da Construção de Movimento Causado, assim como a expressão em (8). Por outro lado, quando envolve a interpretação de doação, o sintagma “*to Mel*” é interpretado como

um recipiente e não como um referencial locativo. Dessa forma, a expressão seria uma instância da Construção Dativa.

Além dessas diferenças, a Construção de Duplo Objeto apresenta outros Fatores de Condicionamento que não estão presentes na Construção Dativa. De acordo com Goldberg (2019), a Construção de Duplo Objeto é exigente quanto ao som dos verbos que a preenchem, preferindo aqueles que soam como germânicos e não como latinos. Nesse caso, a construção prefere verbos mais curtos (germânicos) do que verbos mais longos, com partes reconhecíveis e com a segunda sílaba acentuada (latinos). Vale ressaltar ainda que essas restrições da Construção de Duplo Objeto variam entre o Inglês Americano Padrão e outros dialetos, como o Inglês Americano Não-Padrão e o Inglês Britânico.

As Construções de Estrutura Argumental, como observado ao longo dessa discussão, apresentam uma gama de restrições que vão desde fatores fonológicos até fatores discursivos. Além disso, podem ser usadas de modos sutilmente diferentes entre dialetos de uma mesma língua e variar de acordo com o contexto social e o registro (cf. GOLDBERG, 2019). Todas essas restrições fazem parte dos Fatores de Condicionamento e conduzem o uso de cada uma dessas construções. Portanto, as generalizações de superfície não capturam apenas as relações semânticas e sintáticas das Construções de Estrutura Argumental.

Além disso, essas construções representam uma parte substancial do conhecimento linguístico para a produção e a interpretação de expressões oracionais, fornecendo uma base conceptual linguística aberta, a partir dos seus *slots*, para licenciar expressões mais específicas. Assim, os *slots* abertos de uma construção podem ser preenchidos por uma gama de instâncias, incluindo palavras e até outras construções de nível mais complexo.

2.1.2 Verbo como agrupamento de representações estruturadas

Na Gramática de Construções, os verbos, embora não sejam estruturas semânticas decomposicionais, também envolvem significados e, portanto, devem incluir referência a *frames* semânticos ricamente imbuídos de conhecimento contextual e de mundo (GOLDBERG, 1995). Ao iniciar este capítulo, mencionou-se os verbos “vender” e “comprar” que são interpretados com base no *frame* semântico

de Evento Comercial. Porém, estreitando a relação com o objeto de análise, o verbo “virar” é o melhor candidato para discussão.

Com respeito à etimologia do verbo “virar”, Cunha (2010, p. 679) apresenta o seguinte verbete: “mudar de um para outro lado a direção ou a posição de’ XVII. Do fr. *virer*, deriv. do lat. **virāre*, que se supõe resultar do cruzamento de *gyrāre* ‘girar’ com *vibrāre* ‘vibrar’ ou com *vertere* ‘voltar, virar’ [...]”. Dada essa etimologia, o verbo “virar” se refere prototipicamente a uma mudança de direção em que uma entidade muda a posição de uma outra entidade em relação ao espaço. A representação, a seguir, busca sistematizar essas informações:

Figura 3: Estrutura Semântica do verbo “virar”.

VIRADOR → VIRAR → **VIRADO** → **DIREÇÃO**

Fonte: Autoria própria.

Os participantes evocados por um verbo são nomeados por Goldberg (1995, 2006) como Papéis Participantes e juntos compõem a Estrutura Semântica do verbo que funciona como uma instância das Construções de Estrutura Argumental. Pela Figura 3, por exemplo, o verbo “virar” evoca três Papéis Participantes em sua Estrutura Semântica: o virador, o virado e a direção. A razão por essa nomenclatura se deve à natureza semântica bastante específica do verbo que contrasta com as generalizações de nível superior das Construções de Estrutura Argumental.

Essa Estrutura Semântica do verbo “virar” na Figura 3 é considerada como o seu sentido prototípico por ser fundamentada diretamente na experiência dos falantes com o mundo físico ao seu redor (LANGACKER, 2008) e, conseqüentemente, por ser o exemplar que melhor representa a sua categoria (CROFT, 2001), uma vez que conceitos baseados em experiências sensório-motoras, como se mover pelo espaço, são considerados de ordem primária ou mais básica dentro do sistema conceptual do ser humano (LAKOFF E JOHNSON, 1980).

Goldberg (1995), inicialmente, ao defender a existência das Construções de Estrutura Argumental, enfatizou a vantagem construcionista em não atribuir significados implausíveis ao verbo – na verdade, em não atribuir significado algum ao verbo além do seu significado básico, exceto quando houvesse diferenças em perfilamento. Essa atitude é justificada pela sua oposição a teorias lexicais que assumem o verbo como o elemento que determina e restringe os argumentos de uma

oração. Fosse esse o caso, o verbo receberia um novo significado a cada padrão oracional que assumisse, o que a autora argumentou como implausível.

Em função disso, Goldberg (1995) manteve o *status* do verbo estritamente relacionado a sua Estrutura Semântica, enquanto uma instância das Construções de Estrutura Argumental. Contudo, ao fundamentar os Princípios CENCE ME, a autora reconheceu que a representação de uma palavra, e isso inclui o verbo, é influenciada pela sua frequência de uso e pela gama de contextos em que é testemunhada (GOLDBERG, 2019).

Através dessa reorientação, Goldberg (2019) definiu uma palavra como um agrupamento de representações estruturadas e parcialmente sobrepostas dentro do Espaço Conceptual Hiperdimensional. Essas representações podem incluir informações detalhadas sobre forma, significado e contextos de uso. Dessa forma, não há apenas o armazenamento da sequência sonora e do sentido prototípico da palavra, mas também de representações semânticas que são baseadas em seus contextos de uso.

O que Goldberg (1995, 2006) definiu inicialmente como a Estrutura Semântica de um verbo é apenas o seu *frame* semântico prototípico, o núcleo de suas representações semânticas. Nesse caso, o significado de um verbo está relacionado a um agrupamento dinâmico de representações, cuja gênese está na experiência linguística alinhada às capacidades de memória e de categorização do ser humano (GOLDBERG, 2019).

Conforme um verbo é estendido para novos contextos, devido à necessidade de vincular velhas palavras a novos propósitos comunicativos, os falantes armazenam informações sobre esses usos, o que forma uma representação em que o verbo é associado a múltiplos sentidos agrupados e organizados radialmente em torno do seu *frame* semântico. Dessa forma, Goldberg (2019) reconhece a polissemia como uma rede de significados relacionados a uma única palavra particular.

Silva Neto e Barros (no prelo), partindo dessa pressuposição, analisaram algumas ocorrências com o verbo “virar” a fim de mapear os padrões construcionais associados ao seu uso em Língua Portuguesa. Os autores constataram seu uso com cinco construções diferentes, sendo elas: a Construção de Movimento Causado; a Construção Resultativa Intransitiva; a Construção de Movimento Intransitiva; a Construção [Pronome Oblíquo + VIRAR]; e a Construção [VIRAR E MEXER + Oração]. Cada uma dessas construções é atestada a seguir:

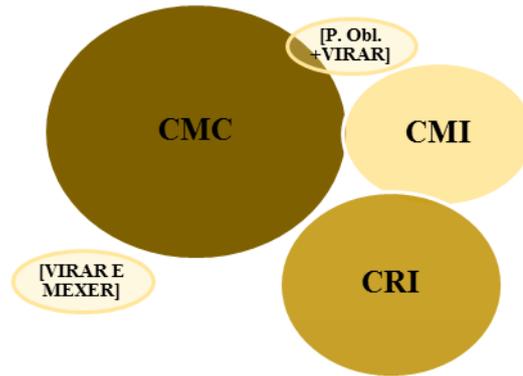
- (18) “**O canário vira o olhinho de miçanga para o ar azul do dia.**” (19:Fic:Br:Meireles:Olhinhos).
- (19) “Ninguém fala “**sábado eu vou virar homossexual**”.” (19Or:Br:Intrv:Cid).
- (20) “**O boi virou à esquerda**, entrou no pátio da antiga Sociedade de Transportes.” (19N:Pt:Beira).
- (21) “Só que não havia dinheiro para a viagem. Estado - O que você fez? Faria - **Comecei a me virar**. Mas ninguém queria patrocinar minha ida à França.” (19Or:Br:Intrv:ISP).
- (22) “Seus quatro filhos são hoje garotos-problema, falam sem parar, inconvenientes que usam brincos, roupas folgadas, repetem de ano e detestam livros. **Vira e mexe, encontro um deles numa casa noturna daqui.**” (19:Fic:Br:Paiva:Brasil).

Em (18), o canário causa o movimento dos seus olhos a fim de mudar a sua direção para o ar azul do dia. Em (19), uma entidade pode sofrer uma mudança em sua sexualidade, pressupondo a heterossexualidade e a homossexualidade como duas possibilidades de mudança. Em (20), um boi altera a sua trajetória para esquerda. Em (21), Faria, ao ter dificuldade para viajar, procura por si mesmo alguma solução que o leve a concretizar seu objetivo. E, em (22), a expressão “vira e mexe” indica a frequência com que o narrador encontrou os filhos de Celso em uma casa noturna.

Cada uma dessas ocorrências não deriva diretamente do verbo “virar”, mas de diferentes padrões construcionais em que ele é usado. A Construção de Movimento Causado corresponde ao seu uso mais prototípico, uma vez que o evento evocado por ele se caracteriza como um subtipo do evento evocado pela construção, como discutido adiante. Por outro lado, quando o verbo “virar” é usado nas outras construções, algum aspecto da sua semântica é coagido. Ao ser usado com a Construção de Movimento Intransitiva, por exemplo, a causalidade prevista em seu *frame* semântico é restringida e, por isso, não há o perfilamento do seu Papel Participante virador, como pode ser constado em (20).

Como os falantes retêm em sua memória quais verbos ocorrem com quais construções, conforme propõe Goldberg (2019), é plausível que essas relações sejam marcadas no Espaço Conceptual Hiperdimensional. Silva Neto e Barros (no prelo) sistematizaram as ocorrências do verbo “virar” do seguinte modo:

Figura 4: Sobreposição de padrões construcionais com o verbo “virar” em Língua Portuguesa.



Fonte: Silva Neto e Barros (no prelo).

Pela Figura 4, observa-se as relações de sobreposição entre os diferentes padrões construcionais com o verbo “virar” no Espaço Conceptual Hiperdimensional. Cada círculo representa uma região específica no agrupamento, onde o tamanho indica a abrangência de sua distribuição no espaço e a tonalidade indica o seu grau de ativação em relação ao significado do verbo.

A Construção de Movimento Causado ocupa o maior espaço e possui o maior grau de ativação por ser o uso mais prototípico e recorrente, correspondendo a 46% dos dados. Em seguida, a Construção Resultativa Intransitiva que também ocupa maior espaço e maior grau de ativação, ocorrendo em 38% dos dados. Depois, a Construção de Movimento Intransitiva com menor espaço e menor grau de ativação, com 11% de ocorrência. E, por último, os usos menos composicionais que ocupam espaços mais marginais na representação e que correspondem a 3% dos dados.

Silva Neto e Barros (no prelo), portanto, sistematizaram um agrupamento semanticamente inter-relacionado de padrões construcionais que corresponde a uma parcela do nicho distribucional do verbo “virar” no *constructicon* da Língua Portuguesa. Desse modo, reconhece-se que os verbos determinam uma Estrutura Semântica que corresponde ao seu *frame* semântico prototípico. Porém, observa-se também que os verbos não são exclusivos a uma única construção. Em vez disso, eles estão distribuídos em diferentes padrões construcionais de acordo com o seu uso atestado.

Consequentemente, o aprendizado da correlação entre a forma e a função de uma palavra não se limita apenas ao seu *frame* semântico, mas engloba uma gama de representações que estão associadas a significados contextualmente determinados. Nesse caso, toda palavra tem o seu próprio nicho distribucional e, considerando o verbo, a sua distribuição ocorre em diferentes Construções de Estrutura Argumental, das quais usos mais específicos emergem.

Basta apresentar agora como capturar as restrições que governam o uso desses verbos nas Construções de Estrutura Argumental. Entretanto, antes é preciso apresentar o conceito de perfilamento que diz respeito à saliência dos participantes nos *frames* acionados pelos verbos e pelas construções.

2.1.3 Perfilamento

Goldberg (1995, 2006) associa a noção de perfilamento tanto ao léxico quanto às Construções de Estrutura Argumental. Por perfilamento, entende-se uma proeminência ou uma saliência que é atribuída a uma subestrutura dentro de um *frame* semântico particular. Assim, de modo geral, esse conceito corresponde à distribuição de atenção entre os participantes dentro de uma base conceptual mais abrangente (GOLBERG, 1995; LANGACKER, 2008).

O verbo, por exemplo, como observado no tópico anterior, evoca um *frame* semântico. Em 2.1, observou-se que os verbos “vender” e “comprar” acionam o mesmo *frame* semântico de Evento Comercial, mas diferem em quais participantes são evocados. Essa divergência se refere justamente a uma diferença em perfilamento em que o verbo “vender” requisita a participação do vendedor e dos bens e o verbo “comprar” requisita a participação do comprador e dos bens para a composição de um evento mais específico.

Goldberg (1995) demonstra essa divergência em perfilamento com os verbos *rob* (roubar) e *steal* (furtar) para justificar as diferentes realizações sintáticas dos dois verbos. A autora apresenta as seguintes expressões:

- (23) “***Jesse robbed the rich (of all their money).***” Jesse roubou o rico (de todo o seu dinheiro) (GOLDBERG, 1995, p. 45) [tradução própria].
- (24) “****Jesse robbed a million dollars (from the rich).***” Jesse roubou um milhão de dólares (do rico) (GOLDBERG, 1995, p. 45) [tradução própria].
- (25) “***Jesse stole money (from the rich).***” Jesse furtou dinheiro (do rico) (GOLDBERG, 1995, p. 45) [tradução própria].
- (26) “****Jesse stole the rich (of money).***” Jesse furtou o rico (de dinheiro) (GOLDBERG, 1995, p. 45) [tradução própria].

De acordo com a autora, o verbo *rob* perfila o ladrão em relação à vítima e deixa os bens em segundo plano, enquanto o verbo *steal* perfila o ladrão em relação aos bens e deixa a fonte em segundo plano. Essa diferença justifica a impossibilidade de usar *rob* com os bens, como em (24), e de usar *steal* com a vítima, como em (26).

Além disso, essa diferença em perfilamento resulta em uma diferença semântica entre os verbos, uma vez que *rob* envolve uma entidade afetada negativamente – a vítima –, enquanto *steal* não tem a mesma implicação, pois realça apenas que os bens não são propriedades do ladrão (GOLDBERG, 1995).

Em vista disso, Goldberg (1995, 2006), tratando-se da Estrutura Semântica dos verbos, postula que os Papéis Participantes são perfilados quando são obrigatoriamente expressos em um enunciado ou, se não realizados foneticamente, são interpretados de modo definido. Portanto, são papéis que possuem um elevado grau de proeminência ou saliência na cena evocada.

As Construções de Estrutura Argumental também acionam *frames* semânticos e, conseqüentemente, especificam o grau de proeminência com que seus Papéis Argumentais são evocados. De acordo com Goldberg (1995, 2006), os Papéis Argumentais perfilados são aqueles realizados em posições formalmente proeminentes, como a posição de sujeito e de objeto direto em línguas de sujeito-predicado. Essas posições recebem elevado grau de saliência por se referirem geralmente a posições de realce discursivo, como o Tópico e o Potencial Domínio de Foco. Dessa forma, pressupõe-se um alinhamento entre a semântica e a pragmática, uma vez que tudo o que for semanticamente relevante também deve ser discursivamente relevante.

Por conseguinte, o teste para perfilamento não é o mesmo para a Estrutura Semântica do verbo e para a Estrutura Argumental da construção. Os Papéis Participantes só são perfilados quando são obrigatoriamente expressos ou interpretados de modo definido, enquanto os Papéis Argumentais são perfilados só quando expressos como relações gramaticais diretas (GOLDBERG, 1995).

Como já discutido, a Estrutura Semântica dos verbos é uma instância particular da Estrutura Argumental das construções. De acordo com a proposta de Goldberg (1995, 2006), as construções devem especificar o modo como os verbos se integram a elas ao restringir as diferentes classes de verbos com quem podem se integrar e ao especificar o modo como essa integração ocorre.

2.1.4 Integração entre Estrutura Semântica e Estrutura Argumental

Goldberg (1995, 2006) utiliza o termo “fusão” para capturar as restrições semânticas impostas simultaneamente aos Papéis Participantes dos verbos e aos

Papéis Argumentais das construções. Essa integração é discutida em termos tanto de compatibilidade quanto de incompatibilidade entre as duas estruturas. As Construções de Estrutura Argumental especificam quais classes verbais são suas instâncias através da formação de subagrupamentos e também especificam o modo como as Estruturas Semânticas desses verbos podem ser combinadas com suas Estruturas Argumentais.

Há dois princípios que restringem o modo como os Papéis Participantes devem ser integrados aos Papéis Argumentais. O Princípio da Coerência Semântica estabelece que apenas papéis semanticamente compatíveis podem ser fundidos e isso é determinado por princípios gerais de categorização em que um deles é construído como uma instância do outro (GOLDBERG, 1995, 2006). Considere, por exemplo, os Papéis Participantes do verbo “virar” e os Papéis Argumentais da Construção de Movimento Causado em Língua Portuguesa:

Figura 5: Papéis Participantes e Papéis Argumentais.



Fonte: Autoria própria.

A Estrutura Semântica do verbo “virar” e a Estrutura Argumental da Construção de Movimento Causado são isomorficamente compatíveis por acionarem o mesmo tipo de evento causativo-manipulativo. A Figura 5 demonstra que os Papéis Participantes virador, virado e direção são construídos como instâncias dos Papéis Argumentais causa, tema e alvo respectivamente. A categorização é baseada nas propriedades semânticas de cada uma dessas entidades em relação ao evento que participam. Por exemplo, o virador é uma instância do papel causa por se referir a uma entidade agentiva e volitiva que causa o movimento de uma outra entidade. Assim, virador e causa são compatíveis de acordo com o Princípio da Coerência Semântica.

O segundo princípio que restringe a integração dessas estruturas é o Princípio da Correspondência. Este princípio estabelece que cada Papel Participante perfilado e expresso deve ser fundido com um Papel Argumental igualmente perfilado. A exceção é quando o verbo possui três Papéis Participantes perfilados. Nesse caso, um deles pode ser fundido com um Papel Argumental não perfilado (GOLDBERG,

Sint. V Suj. Obl. OD

Fonte: adaptado de Goldberg (1995, 2006).

A Figura 6 representa a fusão entre a Estrutura Argumental da Construção de Movimento Causado e a Estrutura Semântica do verbo “sumir” que licencia expressões como em (27). No exemplo, em particular, uma entidade – Jacinto – causa o movimento de uma outra entidade – a carta – para um determinado lugar – no bolso. Assim, o evento acionado pelo verbo “sumir” é construído como um evento causativo-manipulativo e, por isso, a construção contribui com dois Papéis Argumentais – o tema e o alvo.

Uma última incompatibilidade discutida por Goldberg (1995) é quando um Papel Participante não é uma instância do Papel Argumental com o qual se funde. Porém, nesse contexto, um Papel Participante pode ser interpretado por vias metafóricas ou metonímicas como uma instância de determinado Papel Argumental. Observe a seguinte expressão:

- (28) “**Joe sent Chicago a letter.**” Joe enviou Chicago uma carta (GOLDBERG, 1995, p. 55) [tradução própria].

A expressão em (28) é uma instância da Construção de Duplo Objeto. Essa construção, como já apresentado, possui uma restrição semântica para que seu primeiro objeto direto seja um ser animado e interpretado como um beneficiário ou um destinatário voluntário (GOLDBERG, 1995). No entanto, a expressão apresenta uma entidade locativa – Chicago – no *slot* desse argumento. Goldberg (1995) explica que essa entidade é interpretada metonimicamente como um recipiente e, portanto, sua interpretação se refere a uma pessoa que está em Chicago.

O reconhecimento da Estrutura Semântica do verbo e da Estrutura Argumental da construção e das relações de compatibilidade e de incompatibilidade entre as duas permite também uma abordagem para distinguir o *status* de argumento e de adjunto na Gramática de Construções. Goldberg (2006) apresenta quatro rotas possíveis a partir da fusão entre um verbo e uma construção para essa classificação:

Quadro 2: Rotas possíveis para o *status* de argumento

Papel da Construção de Estrutura argumental	Não é papel da Construção de Estrutura Argumental
---	---

Papel Participante do verbo perfilado/obrigatório	(a) ARGUMENTO do verbo e da construção: <i>She gave him a letter.</i>	(b) ARGUMENTO contribuído pelo verbo: <i>She loaded the wagon with hay.</i>
Participante do verbo não perfilado/obrigatório	(c) ARGUMENTO contribuído pela construção: <i>He baked her a cake.</i>	(d) Tradicional ADJUNTO: <i>She swam in the summertime.</i>

Fonte: Goldberg (2006, p. 42) [tradução própria].

O Quadro 2 apresenta as quatro possibilidades para o *status* de argumento. Em (a), estão os contextos em que a Estrutura Semântica do verbo se funde isomorficamente com a Estrutura Argumental da construção, como a integração do verbo *give* com a Construção de Duplo Objeto. Em (b), estão os casos em que um Papel Participante perfilado é expresso por um papel que não pertence à Construção de Estrutura Argumental. No exemplo, a expressão é uma instância da Construção Causativa mais uma outra Construção com *with* que representa o elemento com o qual se carregou o caminhão. Nesse contexto, o sintagma preposicionado, como um requerimento do verbo, mas não da construção, é tratado como se estivesse entre as noções tradicionais de argumento e de adjunto. Em (c), estão as ocorrências em que a Construção de Estrutura Argumental contribui com um ou mais Papéis Argumentais, como já discutido. E, por fim, em (d), estão os tradicionalmente conhecidos adjuntos que não são requerimentos do verbo nem da Construção de Estrutura Argumental, como a informação temporal “*in the summertime*”.

Goldberg (1995) ainda prevê duas possibilidades em que os Papéis Participantes podem não ser expressos. A primeira possibilidade se refere ao uso de um verbo em uma construção que especifica a possibilidade (i) de ocultar parcialmente (*shade*) um dos participantes, como o agente na Construção de Voz Passiva; (ii) de cortar (*cut*) um dos participantes da cena evocada, como a Construção de Voz Média; ou de (iii) mesclar (*merges*) dois participantes do evento em um único Papel Argumental, como a Construção de Voz Reflexiva nas Línguas Românicas. As expressões, a seguir, exemplificam uma ocorrência com a Construção de Voz Passiva (29) e outra com a Construção de Voz Média (30) em Língua Inglesa:

- (29) “***The woolens are washed well (by Mary).***” As vestimentas de lã foram bem lavadas (por Mary) (HAASE, 2000) [tradução própria].

- (30) “*The woolens wash well.*” As vestimentas de lã lavam bem (HAASE, 2000)¹⁷
[tradução própria].

De acordo com Goldberg (1995), a Construção de Voz Passiva oculta parcialmente o participante agentivo associado ao verbo e, por isso, ele pode ser omitido e, quando expresso, ocorre como um sintagma preposicionado. Em (29), essa informação é indicada pelo uso de parênteses. A Construção de Voz Média, por sua vez, corta o participante agentivo da cena evocada pelo verbo. Nesse caso, esse participante não é evocado, o que caracteriza a generalidade da expressão, e o verbo permanece em sua forma ativa. Em (30), particularmente, não há nenhuma referência à entidade que realiza a ação de lavar bem a vestimenta de lã. O que distingue ocultar de cortar um participante é justamente a possibilidade de expressão da entidade agentiva pela primeira e não pela segunda (GOLDBERG, 1995).

A mesclagem de Papéis Participantes, por outro lado, pode ser exemplificada com a própria Língua Portuguesa. Silva Neto e Barros (no prelo) observaram que a mesclagem não ocorre apenas com os Papéis Participantes, mas também com os Papéis Argumentais associados a uma Construção de Estrutura Argumental. Observe a seguinte expressão:

- (31) Por esse tempo, passos fortes na escada vieram perturbar os meus pensamentos. **Todos nos viramos para a porta de entrada.** Pela sala adentro entrou aquele senhor de cartola e calças brancas que me disseram Senador, num bonde de barcas. (19:Fic:Br:Barreto:Caminha).

O enunciado destacado, em (31), é uma instância da Construção de Movimento Causado que ocorre juntamente com a Construção de Voz Reflexiva. Nesse contexto, a Construção de Movimento Causado contribui com a conceptualização básica da expressão ao indicar um evento causativo-manipulativo, enquanto a Construção de Voz Reflexiva restringe a interpretação da expressão para indicar um evento que parte e incide sobre uma mesma entidade, como indicado pelo pronome oblíquo. Assim, os Papéis Participantes virador e virado são mesclados em uma única entidade, o que faz dos Papéis Argumentais causa e tema uma única entidade também. A compreensão da expressão, conseqüentemente, é que todos causaram o movimento

¹⁷ Disponível em: <https://www.grin.com/document/36907>. Acesso em: 13 de abril de 2021.

do próprio corpo, alterando o seu eixo de atenção, para a porta de entrada (SILVA NETO E BARROS, no prelo).

A segunda possibilidade é quando o verbo especifica lexicalmente que um dado Papel Participante pode não ser expreso (GOLDBERG, 1995). Esse é o caso de (i) Complementos Nulos Indefinidos, quando a interpretação é indefinida e, portanto, não se reconhece a identidade do referente; e de (ii) Complementos Nulos Definidos, quando a identidade do referente é recuperada pelo contexto. Goldberg (1995) exemplifica o Complemento Nulo Indefinido com a seguinte expressão:

- (32) “*After the operation to clear her esophagus, **Pat ate and drank all evening.***”
Após operação para limpar o esôfago, Pat comeu e bebeu a noite toda (GOLDBERG, 1995, p. 58) [tradução própria].

Nesse caso, a informação sobre o que Pat comeu e bebeu é irrelevante para o evento comunicado e, por isso, a informação não recebe nenhuma proeminência ou saliência especial. Desse modo, os papéis que se refeririam à comida ou à bebida não são perfilados nesse contexto.

Silva Neto e Barros (no prelo), ao analisarem ocorrências com o verbo “virar” em diferentes construções, notaram a elisão de alguns argumentos. Considere as seguintes expressões:

- (33) Numa esquina, depois da igreja de Santa Luzia, **um cão tentava virar uma lata de lixo**, puxando-lhe a borda com as patas dianteiras. Uma pancada de vento agitava as árvores, perto da Praça XV de Novembro. (19:Fic:Br:Montello:Silencio).
(34) A pesca de a truta, uma espécie importada, é uma atividade econômica importante hoje. **Virou também prato obrigatório para os turistas em a região.** (19N:Br:Folha).

Em (33), o argumento oblíquo da Construção de Movimento Causado não é especificado fonologicamente, mas a informação é cognitivamente saliente com base na experiência que os seres humanos possuem em relação à posição de um objeto como uma lata de lixo – um objeto cilíndrico em posição prototipicamente vertical –, o que sugere uma posição oposta ao sofrer o movimento pelo cão. E, em (34), sendo a Língua Portuguesa uma língua *pro-drop*, o sujeito da Construção Resultativa Intransitiva não é especificado fonologicamente. Nesse caso, a elisão é motivada discursivamente, uma vez que a mudança se refere a uma entidade já mencionada

anteriormente que passou a ser uma especiaria culinária para turistas (SILVA NETO E BARROS, no prelo).

Em ambos os enunciados, a identidade dos referentes pode ser recuperada pelo contexto. Assim, uma vez que as restrições contextuais asseguram o acesso ao participante em questão, ele é considerado saliente e, portanto, uma entidade perfilada. Como a Língua Portuguesa, diferentemente da Língua Inglesa, permite a elisão do argumento sujeito, é mais plausível nomear cada um desses casos como Argumento Nulo Definido e Argumento Nulo Indefinido, uma vez que o sujeito não é considerado um complemento e sim um argumento externo.

Goldberg (1995) conclui sua discussão sobre a inter-relação entre verbos e Construções de Estrutura Argumental ao sistematizar as relações gerais dessas duas unidades linguísticas. Como já apresentado, as relações entre a Estrutura Semântica e a Estrutura Argumental são discutidas em termos de compatibilidade e de incompatibilidade. Assim, as relações entre os próprios verbos e as Construções de Estrutura Argumental se dão nos mesmos termos.

O questionamento que guia Goldberg (1995) é quais classes verbais podem ser associadas a uma determinada construção. De acordo com a autora, a relação mais comum é quando o verbo é uma instância da construção, isto é, quando o tipo de evento designado pelo verbo é uma instância do tipo de evento mais geral designado pela construção. Um exemplo já foi apresentado na Figura 5 ao demonstrar a integração isomórfica entre a Estrutura Semântica do verbo “virar” e a Estrutura Argumental da Construção de Movimento Causado. Nesse caso, o tipo de evento designado pelo verbo – uma mudança de direção causada – se constitui como uma instância do tipo de evento mais geral da construção – um evento causativo-manipulativo. Goldberg (1995) apresenta os seguintes exemplos em Língua Inglesa:

(35) “***She handed him the ball.***” Ela entregou ele a bola (GOLDBERG, 1995, p. 60) [tradução própria].

(36) “***She put the phone on the desk.***” Ela colocou o telefone na mesa (GOLDBERG, 1995, p. 60) [tradução própria].

Em (35), o verbo *hand*, que designa um tipo de evento de transferência, se constitui como uma instância da Construção de Duplo Objeto, cuja semântica prototípica também envolve um evento de transferência; e, em (36), o verbo *put*, que designa um tipo de evento causativo-manipulativo, é uma instância da Construção de

Movimento Causado, cuja conceptualização também envolve um evento causativo-manipulativo mais amplo. Desse modo, os eventos caracterizados por esses verbos são construídos como um subtipo do evento mais geral que caracteriza a semântica das construções.

Outras relações entre verbo e construção são tratadas por Goldberg (1995) como incompatibilidades¹⁸ e podem ser de vários tipos. A autora menciona que os verbos podem denotar os meios pelos quais a ação é performada, quando não denotam diretamente o significado associado com a construção. Seu exemplo é com o uso de verbos de movimento balístico na Construção de Duplo Objeto. Considere a seguinte expressão:

(37) “**Joe kicked Bob the ball.**” Joe chutou Bob a bola (GOLDBERG, 1995, p. 61) [tradução própria].

Em (37), uma entidade – *Joe* – transfere um objeto – *the ball* – ao chutá-lo para uma outra entidade – *Bob*. Assim, de acordo com Goldberg (1995), Joe causou que Bob recebesse a bola ao chutá-la pra ele. Nesse caso, o verbo *kick* indica os meios pelos quais a transferência ocorreu.

Um outro tipo de incompatibilidade se refere ao caso das construções causativas em o que verbo pode designar o resultado associado com a construção. Nesse contexto, a construção fornece um argumento agentivo que não se integra com nenhum Papel Participante do verbo. Goldberg (1995) exemplifica com um morfema causativo em Língua Chichewa. No entanto, a expressão apresentada em (27) – “**Jacinto sumiu a carta no bolso**” exemplifica muito bem essa situação. Nessa expressão, a Construção de Movimento Causado contribui com um argumento agentivo – o causa – que não é previsto na semântica do verbo, assim como foi ilustrado na Figura 6. Nesse caso, o verbo “sumir” indica apenas o resultado do deslocamento da carta para o bolso.

Outro exemplo em que a semântica do verbo indica o resultado associado à semântica da construção é o uso de verbos de emissão sonora em construções que designam movimento, como em (38):

¹⁸ Goldberg (1995) menciona que outras propostas discutem a incompatibilidade em termos de “padrões de confluência” (“*conflation patterns*”).

- (38) “**The train screeched into the station.**” O trem apitou na estação (GOLDBERG, 1995, p.62) [tradução própria].

Nessa expressão, o trem grita ou guincha para dentro da estação. Dessa forma, o som emitido pelo trem é resultado e ocorre simultaneamente ao seu movimento para dentro da estação.

Além de meios e de resultado, a semântica do verbo pode indicar também o modo pelo qual o evento da construção ocorre. Goldberg (1995) demonstra esse caso com a *Way Construction*. Considere o seguinte enunciado:

- (39) “[anyone] watching would have thought **he was scowling his way along the fiction shelves in pursuit of a book.**” [qualquer um] assistindo pensaria que ele estava carrancudo ao longo das prateleiras de ficção em busca de um livro (GOLDBERG, 1995, p.62) [tradução própria].

Em (39), o verbo *scowling*, enquanto um verbo de modo, indica que uma entidade – *he* – fez o seu caminho em busca de livros com uma cara carrancuda ou com uma expressão de irritado. Nesse contexto, a semântica do verbo envolve o modo pelo qual o movimento ocorreu e não os seus meios.

Há também relações em que o verbo designa o resultado pretendido com o ato denotado pela construção. Goldberg (1995) demonstra com a Construção Conativa, como em:

- (40) “**Ethel shot at Fred.**” Ethel atirou em Fred (GOLDBERG, 1995, p. 63) [tradução própria].

Essa construção conceptualiza um evento em que uma entidade direciona uma ação para uma outra entidade, o que pode ser esquematizado como “*X directs action at Y*”. A partir disso, o verbo, em (40), não implica necessariamente que Ethel atirou em Fred, mas que essa ação é o resultado pretendido da ação direcionada a ele (GOLDBERG, 1995).

A última relação apresentada por Goldberg (1995) é quando o verbo designa uma pré-condição em relação à semântica da construção. A autora exemplifica com o uso de verbos de criação na Construção de Duplo Objeto, como em (41):

- (41) “**Sally baked Harry a cake.**” Sally assou Harry um bolo (GOLDBERG, 1995, p. 65) [tradução própria].

Em (41), Sally assa um bolo com a intenção de dar a Harry e, por isso, não envolve uma relação causal entre a semântica do verbo *bake* e a semântica de transferência da construção. Nesse caso, *bake*, enquanto um verbo de criação, implica apenas uma pré-condição para que a transferência ocorra.

De acordo com Goldberg (1995), a semântica associada ao verbo deve designar pelo menos um aspecto saliente da semântica associada à construção. Assim, uma provável explicação para essas conexões é uma relação metonímica entre os *frames* acionados pelo verbo e pela construção. Além disso, conforme os exemplos apresentados, ao menos um Papel Participante deve ser fundido com um Papel Argumental. A integração final resulta em um único tipo de evento expresso por uma única oração (GOLDBERG, 1995).

2.2 REDE TAXONÔMICA NA GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES

As gramáticas baseadas em construções, como apresentado no primeiro capítulo, compartilham o pressuposto de que as construções formam um inventário estruturado e inter-relacionado de informações que é denominado de *constructicon* – uma espécie de léxico expandido que inclui todas as unidades de uma língua. Esse *constructicon* é representado em termos de uma Rede Taxonômica, onde cada nó simboliza uma construção particular (TRAUGOTT E TROUSDALE, 2013).

Croft (2001) esclarece que as Relações Taxonômicas são as conexões que se estabelecem entre as diferentes construções de uma língua e as distingue das Relações Meronímicas, cuja noção se divide em duas classificações. Há as Relações Meronímicas Internas, que se constituem como a relação parte-todo de uma mesma construção; e as Relações Meronímicas Externas, que se referem à relação dos constituintes sintáticos entre diferentes construções, como a natureza do sujeito nas construções transitivas. No entanto, para os propósitos desta dissertação, apenas as Relações Meronímicas Internas são relevantes e se referem ao que foi discutido na seção anterior.

Essa distinção entre as Relações Meronímicas e as Relações Taxonômicas também pode ser esclarecida em termos de uma Sintaxe Interna, referente às relações dentro de uma construção específica, e de uma Sintaxe Externa, referente às relações ou ao compartilhamento de informações entre as diferentes construções (cf. FILLMORE, 1988; GOLDBERG, 1995). A essas relações subjaz a compreensão

da linguagem como um reflexo de princípios gerais de categorização em que a distribuição das unidades linguísticas em diferentes agrupamentos se dá por meio de características que são compartilhadas entre elas (GOLDBERG, 2006, 2019; CROFT, 2001).

Goldberg (1995) apresenta quatro princípios psicológicos relevantes para a organização da linguagem. O primeiro é o Princípio da Motivação Maximizada em que uma construção motiva a outra na medida que compartilham aspectos sintáticos em comum como resultado de uma relação semântica. Essa é uma motivação maximizada nos termos da autora. O segundo é o Princípio da Não-Sinonímia em que diferenças na forma sintática implicam diferenças na semântica ou na pragmática da construção. Esse princípio estabelece dois corolários: (i) se são distintas sintaticamente e semanticamente sinônimas, são pragmaticamente diferentes; e (ii) se são sintaticamente distintas e pragmaticamente sinônimas, são semanticamente diferentes. O terceiro é o Princípio do Poder Expressivo Maximizado em que o inventário de construções deve ser maximizado para fins comunicativos; e, por último, o Princípio da Economia Maximizada em que o número de construções é maximizado o máximo possível de acordo com o princípio anterior. Esses dois últimos se restringem mutuamente, conforme apresentado ao discutir os Princípios CENCE ME no capítulo anterior.

A motivação é capturada pelos Elos de Herança na proposta de Goldberg (1995). Segundo a autora, toda informação não conflitante entre duas construções é compartilhada, o que caracteriza a redundância do sistema linguístico. Desse modo, uma construção é motivada de acordo com as características formais que herda de outras construções previamente existentes na língua. Os elos entre essas construções são interpretados em termos de dominação de um nível mais elevado sobre outro menos elevado. Assim, uma construção herda informações de outra construção e, por isso, é dominada ou motivada por ela. Quando uma única construção compartilha Elos de Herança com mais de uma construção dominante, há que o se caracteriza como Herança Múltipla.

Goldberg (1995) distingue os Elos de Herança¹⁹ em quatro tipos principais. Há os Elos de Polissemia (E_P) em que duas ou mais construções estão relacionadas por

¹⁹ Optou-se por seguir a proposta de Goldberg (1995) por seu modelo se constituir a base desta dissertação. Traugott e Trousdale (2013) tratam essas classificações como Elos Relacionais e não como Elos de Herança.

uma interface formal em comum, embora sejam distintas em suas interfaces semânticas. Nesse caso, os Elos de Polissemia representam a ligação entre o sentido prototípico de uma construção e qualquer extensão dele. Assim, preserva-se as especificidades formais que são herdadas da construção dominante. Esse elo vai ser explorado no próximo capítulo com exemplos da Construção de Movimento Causado.

Há também os Elos de Subparte (E_s) em que as especificações sintáticas e semânticas de uma construção são subpartes das especificações sintáticas e semânticas de uma outra construção dominante. A Construção de Movimento Intransitiva, por exemplo, está relacionada à Construção de Movimento Causado por um Elo de Subparte por envolver o movimento de uma entidade no espaço. Embora Goldberg (1995) demonstre essa relação em Língua Inglesa, ela também é verdade para a Língua Portuguesa. Considere as seguintes expressões:

- (42) Madalena esperou que todos se afastassem para pedir: - padre Antonio, a gente podia levar o piano. **Ele virou o rosto para ela.** - Quero dizer, os pedaços do piano. Está tudo lá embaixo, ninguém quer. (19:Fic:Br:Olinto:Sangue).
- (43) Na primeira rádio em que trabalhei, **o dono virou pra mim** e disse: "Pára de encher o saco, desiste disso. Você não vai ser locutor nunca! (19Or:Br:Intrv:Web).

Em (42), a expressão é uma instância da Construção de Movimento Causado em que uma entidade – Ele – causa o movimento de uma outra entidade – o rosto – para uma determinada localização espacial – para ela. Em (43), por sua vez, a expressão é uma instância da Construção de Movimento Intransitiva em que uma entidade – o dono – se move em relação ao espaço a fim de mudar a sua direção – para mim. Ambas as construções estão relacionadas sintaticamente e semanticamente por envolverem o movimento de uma entidade em relação ao espaço. Dessa forma, a Construção de Movimento Intransitiva herda as restrições associadas a uma entidade que se move – o tema –, e a uma informação locativa – o alvo –, embora não conceptualize um evento causativo. Portanto, as duas construções são independentes uma da outra e estão ligadas por um Elo de Subparte.

Outra relação entre as construções se define pelos Elos de Instância (E_i) em que uma construção é um caso especial de uma outra construção. Diante disso, a construção dominada se caracteriza como uma versão mais específica da construção dominante. Goldberg (1995) exemplifica com a ocorrência do verbo *drive* na Construção Resultativa, cujo sentido especial da integração restringe a categoria semântica do argumento *result-goal*, como apresentado a seguir:

- (44) “**Chris drove Pat mad/bonkers/bananas/crazy/over the edge.**” Chris deixou Pat furiosa [...] (GOLDBERG, 1995, p. 79) [tradução própria].
- (45) “***Chris drove Pat silly/dead/angry/happy/sick.**” Chris deixou Pat boba [...] (GOLDBERG, 1995, p. 79) [tradução própria].

Os enunciados apresentados pela autora demonstram que a Construção Resultativa e o verbo *drive* restringem a ocorrência de expressões adjetivas no argumento *result-goal*, permitindo apenas aquelas cuja semântica se refere a um estado de insanidade, como *mad* (furioso), *bonkers* (maluco), *bananas* (extremamente furioso ou excitado), *crazy* (louco) e *over the edge* (levar alguém ao limite até ele se comportar de modo maluco). Assim, refuta outros adjetivos que não estão vinculados a esse nicho semântico, como *silly* (bobo), *dead* (morto), *angry* (bravo), *happy* (feliz) e *sick* (doente). Desse modo, a semântica de *drive* é categorizada como uma instância da semântica atribuída à Construção Resultativa.

Segundo Goldberg (1995), os Elos de Instância sempre envolvem em contrapartida os Elos de Subparte. Nesse sentido, enquanto a Construção Resultativa está ligada à Construção Resultativa + *drive* por um Elo de Instância, a relação inversa se estabelece por um Elo de Subparte. Por isso, há uma influência mútua entre as unidades no sistema linguístico e a autora opta por usar apenas os Elos de Instância em seus diagramas.

Por último, há os Elos de Extensão Metafórica (E_M) que são postulados quando duas construções estão relacionadas entre si através de um mapeamento metafórico. A Construção de Movimento Causado é a mais feliz para ilustrar essa relação. A ela estão associadas metaforicamente a Construção Resultativa e a Construção Dativa (*Transfer Caused Motion Construction*). De acordo com Goldberg (1995), o mapeamento envolvido entre a Construção de Movimento Causado e a Construção Resultativa se refere à compreensão de mudança em termos de movimento e de estado em termos de localização. Assim, dada a metáfora MUDANÇA DE ESTADO É MOVIMENTO, o predicativo da Construção Resultativa é interpretado metaforicamente como um tipo de alvo. Considere as seguintes ocorrências:

- (46) “**Pat hammered the metal flat.**” Pat martelou o metal até ficar plano (GOLDBERG, 1995, p. 81) [tradução própria].
- (47) “**Pat threw the metal off the table.**” Pat jogou o metal para fora da mesa (GOLDBERG, 1995, p. 81) [tradução própria].

Em (46), há um exemplo da Construção Resultativa em que Pat martelou o metal até ficar plano; e, em (47), há um exemplo da Construção de Movimento Causado em que Pat jogou o metal para fora da mesa. Nesse sentido, enquanto a Construção de Movimento Causado implica um deslocamento entre dois espaços distintos, a Construção Resultativa implica um deslocamento entre dois tempos distintos: um anterior à mudança e outro após a mudança. Por isso, o predicativo das resultativas é interpretado como um alvo metafórico. Essa análise permite explicar os motivos pelos quais as resultativas (i) não ocorrem com direcionais; (ii) não coocorrem com outra resultativa; (iii) não ocorrem com ditransitivas; (iv) não ocorrem com verbos de movimento em sentido literal; e também (v) a sua ausência de polissemia (cf. GOLDBERG, 1995).

A abordagem de Goldberg (1995), então, estabelece que a Construção Resultativa é uma extensão metafórica do sentido prototípico da Construção de Movimento Causado e, por conseguinte, suas expressões implicam que “X causa Y a tornar Z”. Além disso, também estabelece a análise de ambas as construções em seus próprios termos, uma vez que se constituem como agrupamentos distintos com seus próprios nichos distribucionais.

A Construção de Movimento Causado também está relacionada metaforicamente à Construção Dativa, como já mencionado anteriormente. Nesse caso, o mapeamento metafórico envolve compreender transferência de propriedade em termos de transferência física e, portanto, envolve a metáfora TRANSFERÊNCIA DE PROPRIEDADE É TRANSFERÊNCIA FÍSICA. Essa extensão motiva expressões como:

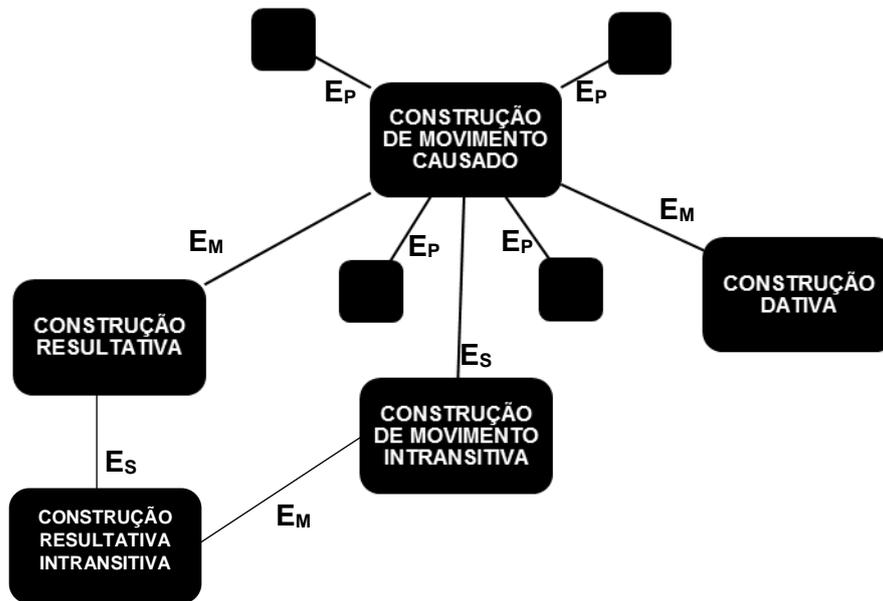
(48) “**Bill gave his house to the Moonies.**” Bill deu sua casa ao Moonies (GOLDBERG, 1995, p. 89) [tradução própria].

Em (48), a expressão não implica o movimento da casa de Bill para os Moonies, mas a transferência da propriedade de Bill para os Moonies. Assim, a expressão envolve a conceptualização de doação entre duas entidades. Essa metáfora é motivada pelo fato de que dar sempre envolve o movimento de um possessor para um recipiente. Dessa forma, as duas construções estão ligadas por um Elo Metafórico.

Anteriormente, demonstrou-se que as generalizações sobre as expressões sintáticas são capturadas no nível de construções individuais e a partir da própria

Forma de Superfície. As generalizações entre as construções, por sua vez, são capturadas a partir de uma Hierarquia de Herança Construcional representada por meio de diagramas. Goldberg (1995, p. 109) apresenta duas representações dessas generalizações. Aqui, apenas parte da sua Figura 4.1 é apresentada por expor os Elos de Herança associados à Construção de Movimento Causado:

Figura 7: Construção de Movimento Causado e Elos de Herança em Língua Inglesa.

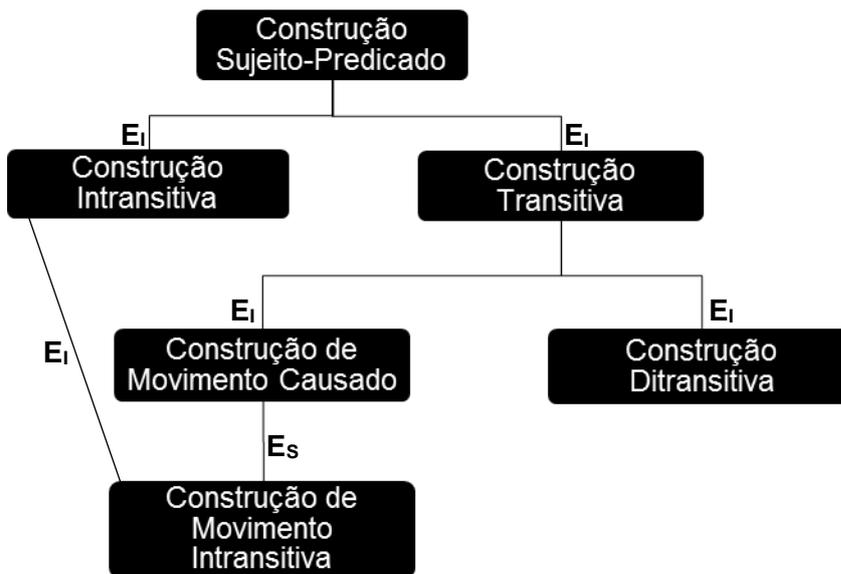


Fonte: Goldberg (1995, p. 109) [tradução própria].

Na Figura 7, cada caixa representa uma construção particular relacionada à Construção de Movimento Causado. As caixas menores indicam as construções relacionadas a ela por Elos de Polissemia (EP); e as caixas maiores representam as construções relacionadas a ela por Elos de Extensão Metafórica (EM), como a Construção Resultativa e a Construção Dativa, e por Elos de Subparte (ES), como a Construção de Movimento Intransitiva. Além disso, há também a especificação da Construção Resultativa Intransitiva que está relacionada à Construção Resultativa por um Elo de Subparte (ES) e à Construção de Movimento Intransitiva por um Elo de Extensão Metafórica (EM), o que caracteriza um caso de Herança Múltipla.

No segundo diagrama apresentado por Goldberg (1995), os Elos de Polissemia (EP) e os Elos de Extensão Metafórica (EM) são retirados e, por isso, ele representa relações mais gerais que envolvem a Construção de Movimento Causado em Língua Inglesa:

Figura 8: Rede de Construções e Elos de Instância.



Fonte: Goldberg (1995, p. 109) [tradução própria].

Na Figura 8, a Construção de Movimento Causado está relacionada por um Elo de Instância (E_i) à Construção Transitiva que, por sua vez, também está relacionada por um Elo de Instância (E_i) à Construção Sujeito-Predicado. Cada uma dessas construções representa restrições específicas de acordo com o nível que ocupa na hierarquia. A Construção Sujeito-Predicado representa uma restrição de nível superior por determinar a ordem das palavras em sujeito-verbo-objeto em Língua Inglesa. A Construção Transitiva herda essa ordem e envolve prototipicamente uma cena em que uma entidade volitiva afeta uma outra entidade. E a Construção de Movimento Causado, por sua vez, herda essa relação entre duas entidades da Construção Transitiva, mas difere dela ao conceptualizar um evento causativo-manipulativo de orientação espacial.

A Hierarquia de Herança Construcional, portanto, prevê que a representação do sistema linguístico seja redundante, uma vez que uma construção específica herda propriedades de construções diretamente superiores, não havendo conflito entre suas informações (GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001). Além disso, o sistema de representação também inclui sub-regularidades no sistema, permitindo que a restrição sobre a ordem possa ser substituída de acordo com outras construções mais específicas (GOLDBERG, 1995, 2006).

CAPÍTULO 3

CONSTRUÇÃO DE MOVIMENTO CAUSADO

Este capítulo é dedicado especificamente à Construção de Movimento Causado, objeto de análise desta dissertação. Em 3.1, apresenta-se a Construção de Movimento Causado em Língua Inglesa, como definida e analisada por Goldberg (1995). E, em 3.2, apresenta-se a Construção de Movimento Causado em Língua Portuguesa, conforme a análise baseada em *corpus* por Furtado da Cunha (2017).

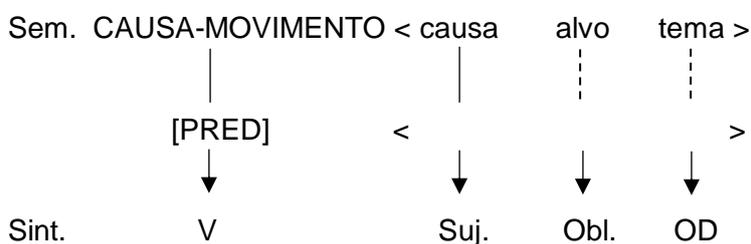
3.1 CONSTRUÇÃO DE MOVIMENTO CAUSADO NA LÍNGUA INGLESA

De acordo com Goldberg (1995, 2006), a Construção de Movimento Causado, em sua forma ativa, é definida sintaticamente como [S [V OD Obl.]], onde o verbo se refere a um evento não-estativo e o oblíquo a uma informação direcional. Semanticamente, essa construção está vinculada a uma conceptualização em que uma entidade causa diretamente o movimento de uma outra entidade ao longo de um caminho ou para um determinado lugar, sendo representada como [X causa Y a mover Z]. Em (1), há uma expressão prototípica dessa construção em Língua Inglesa:

- (1) “**Joe hit the ball across the field.**” Joe bateu a bola através do campo. (GOLDBERG, 1995, p. 153) [tradução própria].

Nessa expressão, Joe causa o movimento da bola ao longo do campo e, portanto, o enunciado conceptualiza a semântica prototípica da Construção de Movimento Causado. A causalidade envolve a interdependência entre duas entidades em que uma gera um evento em relação a outra; e o movimento especifica a natureza desse evento que envolve um deslocamento pelo espaço. Essa relação é representada simbolicamente pela Estrutura de Superfície na Figura 1:

Figura 1: Construção de Movimento Causado na Língua Inglesa.



Fonte: Goldberg (1995, 2006).

Pela Figura 1, a Construção de Movimento Causado restringe três Papéis Argumentais – causa, tema e alvo – que estão vinculados simbolicamente a três funções sintáticas – sujeito, objeto direto e argumento oblíquo. As linhas pontilhadas indicam que a construção pode contribuir com os Papéis Argumentais alvo e tema independentemente da Estrutura Semântica dos verbos em seu uso. Além disso, vale ressaltar que essa sistematização representa a materialidade linguística da cena que é evocada pela construção.

Goldberg (1995, 2006) considera o sentido acima como o prototípico da Construção de Movimento Causado, ou seja, como a sua concepção primária ou básica que serve de domínio-fonte para prováveis extensões semânticas. A esse respeito, a autora constatou que a Construção de Movimento Causado está associada a um conjunto de sentidos inter-relacionados, sendo, portanto, uma construção polissêmica em Língua Inglesa. O Quadro 1, a seguir, sistematiza os sentidos apresentados pela autora:

Quadro 1: Sentidos relacionados à Construção de Movimento Causado na Língua Inglesa.

SIGNIFICADO	EXEMPLO
X causa Y a mover Z	<i>“Frank kicked the dog into the bathroom.”</i> Frank chutou o cachorro para o banheiro. (GOLDBERG, 1995, p. 161).
Condições de satisfação implicam X causa Y a mover Z	<i>“Sam ordered him out of the house.”</i> Sam o ordenou para fora de casa. – (GOLDBERG, 1995, p. 161).
X permite Y a mover Z	<i>“Sam allowed Bob out of the room.”</i> Sam permitiu que Bob saísse do quarto. (GOLDBERG, 1995, p. 161).
X causa Y a não mover Z	<i>“Harry locked Joe into the bathroom.”</i> Harry trancou Joe no banheiro. (GOLDBERG, 1995, p. 162).
X ajuda Y a mover Z	<i>“Sam helped him into the car.”</i> Sam o ajudou a entrar no carro. (GOLDBERG, 1995, p. 162).

Fonte: Goldberg (1995) [tradução própria].

No Quadro 1, todas as expressões compartilham uma mesma interface formal – [S – V OD Obl.] –, mas diferem entre si nos seus significados, como indicado pela lateral esquerda. Na segunda linha, há o sentido prototípico da Construção de Movimento Causado em que uma entidade causa o movimento de uma outra entidade para um determinado lugar. No exemplo, Frank causa o movimento do cachorro ao chutá-lo para o banheiro.

Abaixo desse sentido prototípico, estão as suas extensões semânticas. Na terceira linha, o movimento não está totalmente implicado, porque a sua realização depende da satisfação do ato denotado pelo verbo. Na expressão, por exemplo, o movimento da entidade referida por *him* só ocorrerá se a ordem de Sam for acatada. Por isso, essa subcategoria envolve “condições de satisfação” para o movimento. Goldberg (1995) inclui nesse subagrupamento verbos de força dinâmica que codificam atos comunicativos, como *order* (ordenar), *ask* (perguntar), *invite* (convidar) e *urge* (persuadir).

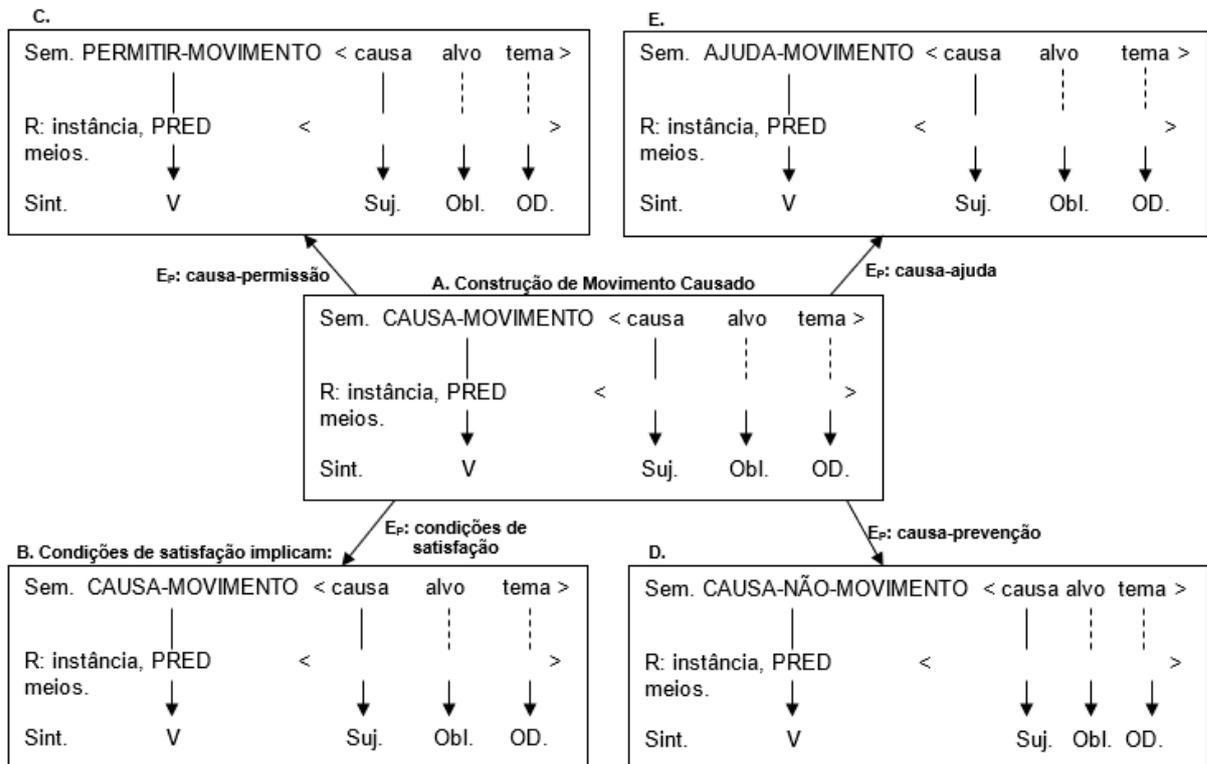
Na quarta linha, X permite Y a mover Z, a permissão se refere a remoção de uma barreira para que o movimento ocorra. No exemplo, Sam permite que Bob saia do quarto ao remover uma barreira que o impedia de realizar esse movimento. Assim, esse subagrupamento inclui verbos de força dinâmica que codificam a remoção de uma barreira, como *allow* (permitir), *let* (deixar), *free* (libertar) e *release* (liberar).

Na quinta linha, X causa Y a não mover Z, há a imposição de uma barreira que causa a permanência do tema em um mesmo local, apesar de sua tendência inerente para o movimento. No exemplo, Harry causa a permanência de Joe no banheiro, embora a tendência seja Joe sair do banheiro. Desse modo, essa extensão está relacionada à privação do movimento e inclui verbos como *lock* (trancar), *keep* (manter) e *barricade* (bloquear).

E, por fim, na última linha, X ajuda Y a mover Z, há uma assistência para o movimento ocorrer em uma determinada direção. No exemplo, Sam ajuda a entidade referida por *him* a se mover para dentro do carro.

Goldberg (1995, p. 163) sistematiza todos esses sentidos no seguinte diagrama:

Figura 2: Construção de Movimento Causado e Elos de Polissemia em Língua Inglesa.



Fonte: Goldberg (1995, p. 163) [tradução própria].

Pela Figura 2, os sentidos associados à Construção de Movimento Causado são organizados radialmente em torno do seu sentido prototípico. Isso significa que os demais sentidos são motivados pela semântica mais básica da construção e, por isso, são irradiados dela. Cada uma dessas extensões constitui uma construção minimamente diferente e estão vinculadas à construção prototípica por Elos de Polissemia (E_P), como indicado pelas setas no diagrama.

Goldberg (1995) ainda expõe mais uma extensão que não é representada na Figura 2. A extensão adicional se refere a verbos em que o sujeito não é interpretado como aquele que causa, permite ou impede o movimento do objeto direto. A autora exemplifica com a seguinte expressão:

- (2) “**Sam accompanied Bob into the room.**” Sam acompanhou Bob para o quarto. (GOLDBERG, 1995, p. 164) [tradução própria].

Em (2), tanto Sam quanto Bob se movem ao longo do caminho especificado pelo argumento oblíquo. Dessa forma, Goldberg (1995) atribui essa extensão adicional a um subagrupamento de verbos que implicam o movimento tanto do sujeito quanto do objeto direto ao longo de um determinado caminho.

Após definir a Construção de Movimento Causado e sistematizar os sentidos vinculados ao seu padrão, Goldberg (1995) apresenta as restrições semânticas associadas ao seu uso. A primeira restrição está na entidade que causa o movimento. De acordo com a autora, o causador (*causer*) deve ser um agente ou uma força da natureza, como nas seguintes expressões:

- (3) “**Chris pushed the piano up the stairs.**” Chris empurrou o piano pelas escadas. (GOLDBERG, 1995, p. 165) [tradução própria].
- (4) “**The wind blew the ship off course.**” O vento soprou o navio para fora do curso. (GOLDBERG, 1995, p. 165) [tradução própria].

Em (3) e em (4), respectivamente, o causador é uma entidade agentiva e uma força da natureza que causa o movimento da entidade referida pelo objeto direto. Nesse caso, há uma restrição nas possíveis entidades que podem ocupar o *slot* associado ao sujeito da construção. Essa mesma restrição impede que o causador seja um instrumento, como a seguir:

- (5) “***The hammer broke the vase into pieces.**” O martelo quebrou o vaso em pedaços. (GOLDBERG, 1995, p. 165) [tradução própria].

Em (5), a inaceitabilidade está na natureza do sujeito, uma vez que se refere ao instrumento pelo qual a ação foi realizada. Essa restrição demonstra que a construção deve fazer referência ao argumento causador e que não pode ser estabelecida apenas como uma construção de sintagma verbal.

A segunda restrição está relacionada à causalidade direta. Ao discutir quais tipos de situações podem ser codificadas pela Construção de Movimento Causado, Goldberg (1995) apresenta as seguintes generalizações:

Quadro 2: Generalizações sobre causalidade direta na Língua Inglesa.

“**Generalização I:** nenhuma decisão cognitiva pode mediar o evento causador e o movimento implicado.” (GOLDBERG, 1995, p. 167).

“**Generalização II:** se o movimento não estiver estritamente implicado, deve-se presumi-lo como uma implicação *ceteris paribus*.” (GOLDBERG, 1995, p. 168).

“**Generalização III:** cenários convencionalizados podem ser empacotados cognitivamente como um único evento mesmo que exista uma causa interveniente.” (GOLDBERG, 1995, p. 169).

“**Generalização IV:** se uma atividade que causa uma mudança de estado (ou efeito), quando performada de modo convencional, efetua algum movimento incidental e, além disso, é performada com a intenção de causar o movimento, então o caminho do movimento pode ser especificado.” (GOLDBERG, 1995, p. 172).

“Generalização V: o caminho do movimento deve ser completamente determinado pela força causal.” (GOLDBERG, 1995, p. 173).

Fonte: sistematizado a partir de Goldberg (1995) [tradução própria].

No Quadro 2, todas as generalizações se referem a restrições sobre quais tipos de situações podem ser vinculadas à Construção de Movimento Causado. De acordo com a Generalização I, nenhuma decisão cognitiva pode mediar a causa e o consequente movimento. Considere as seguintes expressões:

- (6) “***Sam convinced/persuaded/encouraged/instructed him into the room.**” Sam o convenceu/persuadiu/encorajou/instruiu para dentro do quarto. (GOLDBERG, 1995, p. 166) [tradução própria].
- (7) “**Sam frightened Bob out of the house.**” Sam amedrontou Bob para fora da casa. (GOLDBERG, 1995, p. 166) [tradução própria].

A expressão em (6) é inaceitável, porque envolve uma decisão cognitiva pelo objeto direto para que seu movimento ocorra. Dessa forma, essa restrição impede o uso de verbos como *encourage* (encorajar), *convince* (convence), *persuade* (persuadir) e *instruct* (instruir) na Construção de Movimento Causado em Língua Inglesa. Por outro lado, em (7), a expressão é aceitável, porque, embora se refira a um estado psicológico, ela não envolve uma decisão cognitiva intermediária entre a causa e o movimento em si. Goldberg (1995) também inclui os verbos *coax* (influenciar) e *lure* (atrair) nesse último caso e confirma essa restrição ao demonstrar o uso deles com uma entidade não-humana e sem envolver antropomorfização:

- (8) “**Sam frightened/coaxed/lured the mouse out of its hiding place.**” Sam amedrontou/influenciou/atraiu o rato para fora do seu esconderijo. (GOLDBERG, 1995, p. 166) [tradução própria].

Em (8), o uso de uma entidade não-humana como argumento tema fortalece a ausência de uma decisão cognitiva no uso desses verbos.

A Generalização II se refere a eventos em que o movimento real não está estritamente implicado, mas é presumido como uma implicação *ceteris paribus*²⁰. Essa restrição envolve dois sentidos da Construção de Movimento Causado: condições de satisfação e permissão para o movimento. Considere as seguintes expressões:

²⁰ Expressão latina que significa “outras coisas sendo iguais”.

- (9) “**Sam invited him onto the deck.**” Sam o convidou para o convés. (GOLDBERG, 1995, p. 167) [tradução própria].
- (10) “**Sam permitted him into the house.**” Sem o permitiu dentro de casa. (GOLDBERG, 1995, p. 168) [tradução própria].

Em ambos os casos, o movimento real não está estritamente envolvido. Em (9), a entidade do argumento tema só se move sob a condição de satisfação do ato denotado pelo verbo, ou seja, pelo acato do convite de Sam. E, em (10), a entidade do argumento tema só se move, se Sam, uma entidade agentiva, remover a barreira para o seu movimento, ou seja, se permitir ou não a sua entrada. As duas classes parecem permitir uma decisão cognitiva pelo argumento tema, mas diferem da Generalização I pelo movimento real não ser implicado pela expressão. De acordo com Goldberg (1995), o que deve ser observado é que a direção do tema deve ser presumida como aquela determinada pelo sujeito. Assim, quando o movimento real não estiver envolvido, ele deve ser presumido como uma implicação *ceteris paribus* de que o tema realmente se moverá pelo caminho especificado.

A Generalização III se refere a eventos com causa intermediária que podem ser empacotados cognitivamente como um único evento ao ignorar a sua estrutura interna. Goldberg (1995) demonstra o ponto com a seguinte expressão:

- (11) “**The company flew her to Chicago for an interview.**” A companhia a voou para Chicago para uma entrevista. (GOLDBERG, 1995, p. 169) [tradução própria].

Em (11), uma companhia custeia uma viagem de avião para que sua funcionária participe de uma entrevista em Chicago. Goldberg (1995) explica que essa expressão é aceitável, porque pagar e providenciar passagem para uma outra pessoa são formas convencionais de fazê-la viajar para entrevistas. Dessa forma, a Construção de Movimento Causado permite eventos, cujo movimento causado é indireto, mas convencional.

A Generalização IV se refere a verbos associados a uma mudança de estado que implicam algum movimento incidental como resultado, mas não como os meios de causar a mudança. Entre os exemplos, Goldberg (1995) apresenta a seguinte expressão:

- (12) “**The butcher sliced the salami onto the wax paper.**” O açougueiro fatiou o salame no papel de cera. (GOLDBERG, 1995, p. 171) [tradução própria].

Em (12), o argumento tema é afetado pela ação denotada pelo verbo e o seu movimento é um resultado dessa ação. De acordo com a autora, expressões como essa envolvem cenas convencionais vinculadas ao verbo particular. Assim, ao fatiar um salame, por exemplo, é previsível que o salame caia do cortador e, por isso, é possível especificar uma informação direcional. Além disso, restringindo mais ainda, o movimento deve ser interpretado como intencional. Considere as expressões a seguir:

- (13) “***Sam unintentionally broke the eggs onto the floor.**” Sam sem querer quebrou os ovos no chão. (GOLDBERG, 1995, p. 171) [tradução própria].
 (14) “***Sam carefully broke the eggs into the bowl.**” Sam cuidadosamente quebrou os ovos na tigela. (GOLDBERG, 1995, p. 171) [tradução própria].

O contraste entre (13) e (14) está na intencionalidade do movimento. Em (13), a expressão é inaceitável porque o movimento é interpretado como não intencional. E, em (14), a expressão é aceitável, porque movimento é desejável. Assim, a intencionalidade também é um fator relevante nessa restrição.

A Generalização V, por fim, especifica que a informação direcional deve ser determinada pela força causal. Essa restrição impede expressões como:

- (15) “***He nudged the ball down the incline,** (unless there are repetitive nudges).” *Ele empurrou a bola inclina abaixo. (a menos que seja repetitivos empurrões). (GOLDBERG, 1995, p. 172) [tradução própria].

Em (15), a expressão é inaceitável porque, embora represente um evento causativo, ele não determina por si mesmo o caminho do movimento. Nesse caso, a gravidade é uma força intermediária para o movimento. Porém, quando o evento causativo determina o caminho do movimento, sua expressão é aceitável na Construção de Movimento Causado. Observe a seguinte expressão:

- (16) “**He nudged the golf ball into the hole.**” Ele empurrou a bola de golfe para o buraco. (GOLDBERG, 1995, p. 172) [tradução própria].

Em (16), a força causal, iniciada pelo agente, determina o caminho do movimento. Goldberg (1995) também observa que a informação direcional muitas vezes é uma questão de pragmática. O que precisa ser observado é se o evento

causal determina de fato o movimento do argumento tema para um lugar fora de sua localização presente.

Todas essas generalizações se resumem à causalidade direta que Goldberg (1995) atribui à própria Construção de Movimento Causado ou ao princípio que estabelece a expressão de causalidade direta dentro de uma única cláusula. Essa restrição distingue a Construção de Movimento Causado da construção com complemento infinitivo. Esta última permite causalidade indireta, como uma decisão cognitiva intermediária, e também não pressupõe o real movimento do argumento tema pelo caminho especificado. Considere as seguintes expressões:

- (17) “**Sam convinced/persuaded/encouraged/instructed him to go into the room.**” Sam o convenceu/persuadiu/encorajou/instruiu a ir para o quarto. (GOLDBERG, 1995, p. 174) [tradução própria].
- (18) “**Sam asked/begged him to go into the jail cell.**” Sam o pediu/implorou que fosse para a cela da prisão. (GOLDBERG, 1995, p. 174) [tradução própria].

Em (17), uma decisão cognitiva pelo argumento tema intervém entre a causa e o conseqüente movimento, uma vez que é uma demanda para a sua real ocorrência. E, em (18), o movimento pode ou não ter ocorrido, uma vez que o referente de *him* pode ter demonstrado resistência a entrar na cela da prisão.

Goldberg (1995) também observa que todas essas restrições requerem acesso a informações contextuais e ao conhecimento de mundo em interação com as especificações lexicais. A informação pragmática está envolvida principalmente com as cenas convencionalizadas, como visto na ação de fatiar e o movimento que resulta dessa ação, na compra de passagens para alguém viajar ou mesmo na especificação do argumento oblíquo.

Portanto, Goldberg (1995) conclui que a Estrutura Argumental associada com a interpretação de movimento causado deve ser postulada como uma construção na Língua Inglesa. Dessa forma, essa unidade se constitui como uma estrutura simbólica convencional em que seu padrão formal está associado com o seguinte sentido: uma entidade causa diretamente o movimento de uma outra entidade para ou ao longo de um novo local. Esse sentido básico é estendido de vários modos para certos fins comunicativos, como discutido acima.

3.2 CONSTRUÇÃO DE MOVIMENTO CAUSADO NA LÍNGUA PORTUGUESA

Em Língua Portuguesa, e mais especificamente no Português Brasileiro, a Construção de Movimento Causado, sob a égide da Gramática de Construções, foi analisada por Ferrari (2016), por Furtado da Cunha (2017) e por Ribeiro, Ferrari e Pinheiro (2019). No entanto, a presente exposição se fundamenta apenas em Furtado da Cunha (2017), uma vez que a autora segue a taxonomia proposta por Goldberg (1995). Os demais autores, conforme seus propósitos específicos, se distanciam da taxonomia de Goldberg (1995) e, por isso, não se conformam ao objetivo desta dissertação.

3.2.1 Elos de Polissemia: análise baseada em *corpus* por Furtado da Cunha (2017)

Furtado da Cunha (2017), alinhada ao modelo de análise proposto por Goldberg (1995), enfatizou os Elos de Polissemia da Construção de Movimento Causado no Português Brasileiro. Como material de análise, a autora utilizou o Corpus Discurso&Gramática e examinou narrativas e relatos de procedimento que foram produzidos por universitários e por estudantes do ensino médio.

Em sua análise, a autora coletou 431 (quatrocentas e trinta e uma) ocorrências da Construção de Movimento Causado que foram distribuídas em 18 (dezoito) tipos de verbos de deslocamento, sendo o mais recorrente o verbo “colocar” que corresponde a 46% (quarenta e seis por cento) dos seus dados. Outros verbos atestados pela autora foram: “botar”, “levar”, “tirar”, “jogar”, “pôr” e “voltar”. Entre as ocorrências apresentadas, está a seguinte expressão:

- (19) “Descasco os legumes como: cenoura, repolho, beterraba e chuchu. **Coloco os legumes ralados na panela** com a cebola e o alho dourado. (D&G/ Natal, p. 69, escrita)” (FURTADO DA CUNHA, 2017, p. 114).

De acordo com Furtado da Cunha (2017), o verbo “colocar” perfila três Papéis Participantes: quem coloca, o que é colocado e o local. Nesse caso, os papéis acionados pelo verbo são isomorficamente compatíveis com os Papéis Argumentais da Construção de Movimento Causado – causa, alvo e tema – e, por isso, as duas estruturas podem ser integradas, sendo semanticamente compatíveis.

Entretanto, não é sempre que a semântica do verbo e a semântica da construção são perfeitamente compatíveis. De acordo com a autora, a compatibilidade

do verbo “voltar” não é isomórfica com a Construção de Movimento Causado e sua demonstração envolve o contraste entre as seguintes expressões:

- (20) “aí:: é:: ele sabendo disso ... né ... **ele voltou pra:: pra praça da cidade** ... o lugar que tinha essa igreja ... né ... (D&G/Natal, p. 189, fala)” (FURTADO DA CUNHA, 2017, p. 115).
- (21) “o suco que fez antes com a liga e mais essa sobremesa ... depois que tira do congelador ... e **volta o suco pro congelador** e espera dar o ... o ponto certo ... não é? (D&G/Natal, p. 287, fala)” (FURTADO DA CUNHA, 2017, p. 115).

Em (20), observa-se aqui, o verbo “voltar” ocorre com a Construção de Movimento Intransitiva que corresponde ao seu uso prototípico. Isso porque o verbo “voltar” perfila em sua semântica apenas dois Papéis Participantes: (i) aquele que se move; e (ii) o local para onde ocorre o deslocamento. Em (21), por outro lado, conforme observa Furtado da Cunha (2017), o verbo “voltar” ocorre com a Construção de Movimento Causado e, por isso, o próprio padrão construcional contribui com o Papel Argumental tema (o suco). Desse modo, a autora constata que essa construção também pode contribuir com um Papel Argumental independentemente da Estrutura Semântica do verbo no Português Brasileiro.

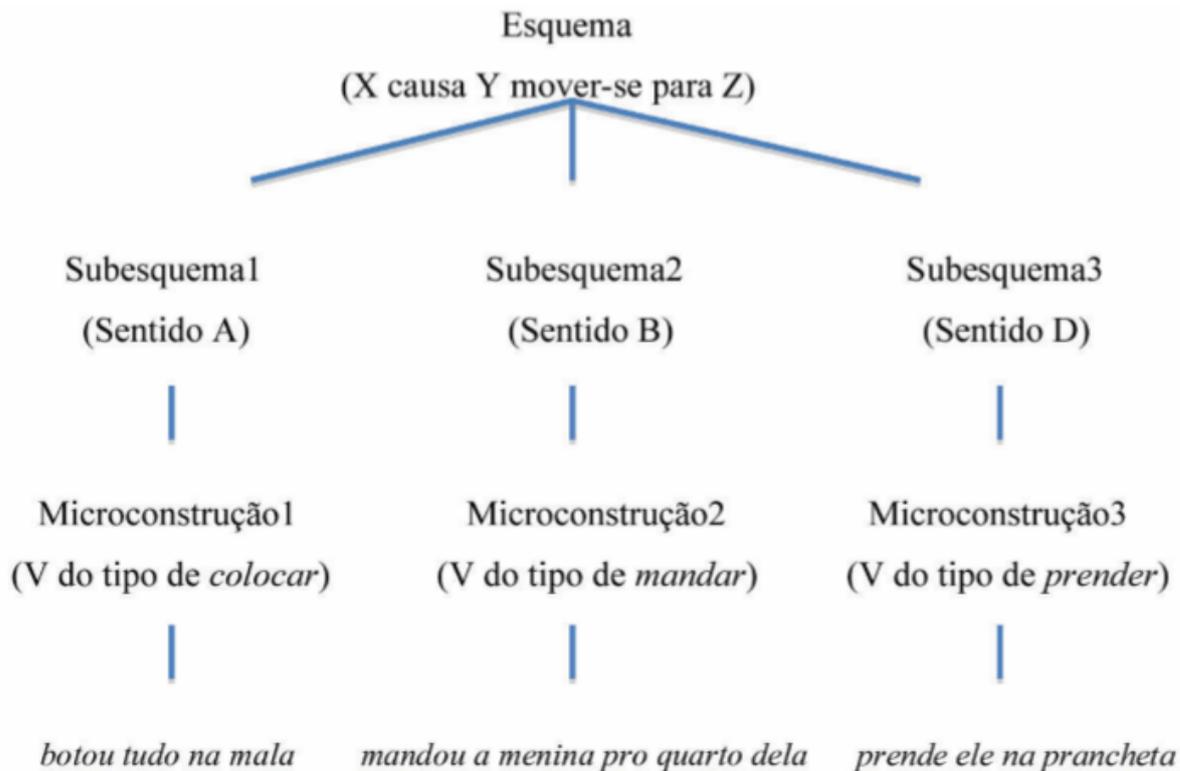
Furtado da Cunha (2017) também constatou que alguns verbos prototípicos da Construção de Movimento Causado também ocorreram metaforicamente, motivados pelo sentido central da construção. A seguinte ocorrência atesta esse uso com o verbo “colocar”:

- (22) “... aconteceu tudo isso ... da gente ter terminado o namoro ... porque **ele colocou chifre em mim** ... (D&G/Natal, p. 229, fala)” (FURTADO DA CUNHA, 2017, p. 115).

Em (22), há uma entidade (ele) que causa o movimento de uma outra entidade (chifre) para um determinado lugar (em mim). Nesse contexto, a expressão envolve a conceptualização básica da Construção de Movimento Causado, mas a sua interpretação é metafórica, uma vez “colocar chifre” não se refere a um deslocamento real, mas a uma traição dentro de um relacionamento. Trata-se, portanto, de uma ocorrência mais convencional e menos composicional que é motivada pelo padrão construcional em discussão.

Com respeito aos Elos de Polissemia, Furtado da Cunha (2017) constatou os seguintes significados relacionados à Construção de Movimento Causado no Português Brasileiro:

Figura 3: Hierarquia construcional da Construção de Movimento Causado no Português Brasileiro.



Fonte: Furtado da Cunha (2017, p. 122).

Como já exposto no primeiro capítulo, Furtado da Cunha (2017) adota a sistematização de Traugott e Trousdale (2013) em esquema, subesquema, microconstrução e *constructo* para a análise das Construções de Estrutura Argumental. Pela Figura 3, além do significado prototípico da Construção de Movimento Causado, a autora também identificou as extensões “Condições de satisfação implicam ‘X causa Y a mover Z’” e “X causa Y a não mover Z”.

De acordo com sua análise, a Construção de Movimento Causado corresponde a um Esquema altamente abstrato, cujo resultado deriva do processo de generalização sobre suas instâncias de uso. Em conformidade com isso, o Esquema está relacionado a três Subesquemas que apresentam uma natureza semântica mais específica: (i) o Subesquema 1 corresponde ao sentido central da Construção de Movimento Causado: “X causa Y a mover Z”; (ii) o Subesquema 2 representa a

extensão “Condições de satisfação implicam ‘X causa Y a mover Z’”; e (iii) o Subesquema 3 se refere à extensão “X causa Y a não mover Z”.

Cada um desses Subesquemas, por sua vez, está associado a uma Microconstrução que especifica a natureza do predicado de cada agrupamento: (i) a Microconstrução 1 especifica verbos do tipo “colocar”; (ii) a Microconstrução 2 verbos do tipo “mandar”; e (iii) a Microconstrução 3 verbos do tipo “prender”. Furtado da Cunha (2017) ainda salienta que o estabelecimento de Subesquemas e Microconstruções leva em conta a proximidade e o distanciamento dos seus significados em relação ao significado básico do Esquema e não apenas o significado do verbo na oração que ocorre. Dessa forma, é o significado do Esquema que serve de base para a organização hierárquica apresentada pela autora.

Através da pesquisa de Furtado da Cunha (2017), observa-se que a Construção de Movimento Causado do Português Brasileiro não apresenta uma polissemia semelhante à Construção de Movimento Causado da Língua Inglesa, ao menos no *corpus* analisado, como a própria autora observa. O contraste é evidente ao notar que a autora encontrou apenas 2 (duas) extensões do padrão para o Português Brasileiro, enquanto Goldberg (1995) identificou 5 (cinco) extensões do padrão para a Língua Inglesa. Dessa forma, aparentemente, as extensões dessa construção com base no seu sentido prototípico não são muito frequentes no Português Brasileiro.

Ferrari (2011, p. 138) apresenta um exemplo em português para cada sentido relacionado à Construção de Movimento Causado tal qual Goldberg (1995) identificou para a Língua Inglesa, como se apresenta a seguir:

- (23) **“Ela levou o carro para a oficina”** (X causa Y a mover Z);
- (24) **“Ele mandou sua ajudante ao supermercado”** (Condições de satisfação implicam X causar Y a mover Z);
- (25) **“O chefe admitiu um funcionário na equipe”** (X autoriza Y a mover Z);
- (26) **“A garota trancou o amigo na cozinha”** (X previne Y de mover Z);
- (27) **“O rapaz guiou os estrangeiros ao ponto turístico”** (X ajuda Y a mover Z).

Furtado da Cunha (2017) observa que, embora plausíveis, essas orações ocorrem com verbos que não foram atestados nos seus dados, o que não invalida a classificação de Ferrari (2011). Além disso, menciona que esses verbos não aparentam ser frequentes em interações comunicativas reais.

Entretanto, observa-se aqui que a expressão em (27) não corresponde à extensão “X ajuda Y a mover Z”, porque a sua conceptualização envolve o deslocamento tanto do sujeito quanto do objeto direto pelo caminho especificado no argumento oblíquo e, por isso, está relacionada à extensão adicional que Goldberg (1995) identificou para a Língua Inglesa. Ferrari (2011) também apresenta um exemplo em domínio abstrato da extensão “X permite Y a mover Z”, o que demonstra ser um uso mais distante de usos que seriam considerados prototípicos dessa extensão, uma vez que envolve a remoção de uma barreira para um movimento real ocorrer. Dessa forma, partindo das constatações de Furtado da Cunha (2017) e dessas observações, provavelmente, essas duas extensões não possuem uma produtividade alta em Língua Portuguesa, sendo vinculadas a padrões mais complexos.

Além dos Elos de Polissemia, Furtado da Cunha (*idem*) também atesta uma ocorrência em que o movimento não se refere a um deslocamento concreto e o sujeito não corresponde a uma entidade agentiva:

(28) “... e esses amplificadores são ligados às caixas ... tá entendendo? **o amplificador manda a potência pras caixas** ... o som ... propriamente dito ... (D&G/Rio, fala)” (FURTADO DA CUNHA, 2017, p. 122).

Em (28), “o amplificador” é interpretado como a causa do movimento abstrato, “a potência” como a entidade deslocada e “pras caixas” como o alvo, não sendo um local propriamente dito. Essa expressão indica a possibilidade de usos que se distanciam do sentido prototípico da Construção de Movimento Causado, embora se conformem perfeitamente ao padrão formal do esquema.

CAPÍTULO 4

METODOLOGIA

Este capítulo é dedicado aos procedimentos metodológicos que nortearam a investigação da Construção de Movimento Causado em Língua Portuguesa. Inicialmente, apresenta-se os aspectos gerais que orientaram o estudo, como o problema de pesquisa, os objetivos, os parâmetros de análise e a hipótese. Em seguida, expõe-se o método e o material, detalhando os procedimentos da análise e a natureza dos dados. Além da base teórica, conforme apresentada nos capítulos anteriores, o manual sobre elaboração de projetos de Gil (2019) também serviu como referência para o delineamento da investigação.

4.1 DELIMITAÇÃO DO OBJETO

Gil (2019) compreende como Problema de Pesquisa um assunto ou um questionamento que ainda não foi respondido satisfatoriamente em determinado campo do conhecimento e que deve ser formulado como uma Pergunta de Pesquisa. Com isso em mente, observou-se que a Construção de Movimento Causado é um padrão ainda pouco analisado em Língua Portuguesa, tendo como referência somente Ferrari (2016), Furtado da Cunha (2017) e Ribeiro, Ferrari e Pinheiro (2019)²¹. Essas pesquisas também se concentraram em aspectos diferentes da construção, o que não permitiu a sistematização da sua Estrutura de Superfície em Língua Portuguesa e, por isso, constatou-se mais demanda pelo seu estudo. Em vista disso, esta dissertação foi guiada a responder à seguinte Pergunta de Pesquisa:

- 1) Quais restrições estão associadas ao uso da Construção de Movimento Causado em Língua Portuguesa?

Dada a natureza das Construções de Estrutura Argumental, essa pergunta conduziu a outros três questionamentos:

²¹ Furtado da Cunha (2017) observa que essa construção já foi analisada no Português Brasileiro através de outros modelos teórico-metodológicos. Desse modo, a afirmação acima se refere somente a análises amparadas na Gramática de Construções.

- I. Quais verbos instanciam o uso da Construção de Movimento Causado em Língua Portuguesa?
- II. Quais relações estão presentes entre a Construção de Movimento Causado e os verbos que a instanciam em Língua Portuguesa?
- III. Quais Elos de Polissemia estão associados à Construção de Movimento Causado em Língua Portuguesa?

De modo a especificar e a delimitar os questionamentos acima, o Problema de Pesquisa assumiu a forma de um Objetivo Geral e de cinco Objetivos Específicos. O Objetivo Geral foi descrever os usos com a Construção de Movimento Causado no Corpus do Português a fim de identificar as suas restrições em Língua Portuguesa. Como a análise de Goldberg (1995) se desenvolve por meio de restrições semânticas que são capturadas pela relação entre as Estruturas Semânticas dos verbos e a Estrutura Argumental da construção, o Objetivo Geral se desdobrou nos seguintes Objetivos Específicos:

- Identificar os verbos que instanciam o uso da Construção de Movimento Causado em Língua Portuguesa;
- Descrever as relações semânticas entre a Estrutura Semântica dos verbos e a Estrutura Argumental da construção;
- Verificar com quais Papéis Argumentais a construção pode contribuir independentemente da Estrutura Semântica dos verbos;
- Identificar com quais Elos de Polissemia a construção está associada em Língua Portuguesa;
- Sistematizar as suas propriedades formais e conceptuais.

Através desses Objetivos Específicos, definiu-se como Parâmetros de Análise: (i) a segmentação dos dados quantitativamente em Frequência *Type* e em Frequência *Token*; (ii) a análise das relações entre a Estrutura Semântica dos verbos e a Estrutura Argumental da construção, como as relações de instância, meios e resultado; (iii) a verificação da construção com verbos transitivos, com dois ou mais Papéis Participantes, e intransitivos, com um único Papel Participante; e (iv) a análise dos Elos de Polissemia da construção. Assim, conforme esses parâmetros foram sendo

contemplados, as propriedades da Construção de Movimento Causado foram sistematizadas de acordo com as suas extensões, rede e restrições, definindo também a sua Estrutura de Superfície em Língua Portuguesa.

Como explicação provisória para o Problema de Pesquisa, assumiu-se a seguinte Hipótese de Pesquisa: a Construção de Movimento Causado em Língua Portuguesa apresenta as mesmas restrições que a Construção de Movimento Causado em Língua Inglesa, mas como uma tendência prototípica, dada a plasticidade do sistema linguístico. Dessa forma, a hipótese é construída com base em associações com os resultados já estabelecidos por Goldberg (1995) e por Furtado da Cunha (2017).

Nesse sentido, a Construção de Movimento Causado em Língua Portuguesa também restringe o argumento causa para se referir a um agente ou a uma força da natureza, bloqueando o uso de um instrumento nessa posição; e também restringe os possíveis eventos relacionados ao seu uso, permitindo apenas aqueles que envolvem causalidade direta (GOLDBERG, 1995). Contudo, no Português Brasileiro, segundo a pesquisa de Furtado da Cunha (2017), há ocorrências que se distanciam dessa caracterização, embora apresentem o mesmo padrão formal e conceptual da Construção de Movimento Causado, como exposto no capítulo anterior.

A partir dessas evidências, a pesquisa se desenvolveu a fim de confirmar ou não essa hipótese, considerando ainda a possibilidade de usos metafóricos ou metonímicos. O resultado pretendido foi a sistematização da Forma de Superfície da Construção de Movimento Causado com base na descrição dos seus usos em Língua Portuguesa.

4.2 MÉTODO E MATERIAL

Conforme a classificação de pesquisas em Gil (2019), esta é uma pesquisa básica, em oposição à pesquisa aplicada, pois a sua finalidade foi a produção de novos conhecimentos sobre um fenômeno linguístico e, mais especificamente, sintático que é nomeado como Construção de Movimento Causado. Em relação aos propósitos mais gerais, é também uma pesquisa descritiva, uma vez que o seu objetivo principal foi a caracterização dessa construção em Língua Portuguesa, embora ainda seja aproximadamente explicativa por determinar a relação entre essa construção e os verbos que a instanciam no uso.

Para o desenvolvimento da pesquisa, adotou-se o Método Misto Incorporado em que foram empregados diferentes procedimentos para análise qualitativa e quantitativa dos dados. A esse respeito, a pesquisa é majoritariamente qualitativa no sentido de buscar a descrição e a interpretação da Construção de Movimento Causado em Língua Portuguesa; e é parcialmente quantitativa por avaliar os dados de acordo com a Frequência *Type* e a Frequência *Token*.

Traugott e Trousdale (2013) igualam a Frequência *Type* à frequência de uma construção e a Frequência *Token* à frequência de um *constructo* (uso). Contudo, Goldberg (2019) salienta a Frequência *Type* como o número de diferentes tipos que são testemunhados e a Frequência *Token* como o número de instâncias que são testemunhadas. Assim, em relação às Construções de Estrutura Argumental, a autora observa que a Frequência *Type* corresponde ao número de diferentes verbos que são testemunhados em uma dada construção e a Frequência *Token* ao número de vezes que um único verbo ocorre em uma construção e, possivelmente, com diferentes sintagmas. Dessa forma, os dados foram avaliados quantitativamente de acordo com a frequência de diferentes verbos e as suas diferentes ocorrências na Construção de Movimento Causado.

Como o Método Misto Incorporado não possui etapas claramente definidas em seu delineamento, a pesquisa assumiu diferentes passos que podem dialogar com outros métodos, como a Pesquisa Bibliográfica e a Pesquisa de Levantamento. Esse diálogo não significa seguir todas as etapas dos dois métodos, mas contemplar alguns de seus passos no processo da pesquisa.

A primeira etapa foi o levantamento bibliográfico e a sua sistematização para compor a introdução e a revisão de literatura. Nesse momento, houve a leitura, o fichamento e a organização lógica das ideias de acordo com os seguintes autores: Barðdal (2006); Croft (2001); Ferrari (2011, 2016); Fillmore (1982, 1985, 1988); Fillmore, Kay e O'Connor (1988); Furtado da Cunha (2017); Goldberg (1995, 2006, 2013, 2019); Hoffmann e Trousdale (2013); Kay (1984); Kay e Fillmore (1999); Langacker (2008); Michaelis (2006); Neves (2018); Ribeiro, Ferrari e Pinheiro (2019); Traugott e Trousdale (2013); entre outros. E, desse grupo, as obras de Goldberg (1995, 2006, 2019) foram enfatizadas pela autora ser atualmente a principal autoridade com respeito às Construções de Estrutura Argumental.

As duas etapas seguintes correspondem diretamente aos procedimentos de manuseio e de análise dos dados. Em vista disso, cada uma dessas etapas é

detalhada nas próximas subseções a fim de garantir a compreensão de como foi o desenvolvimento da investigação.

4.2.1 Coleta e sistematização dos dados

A segunda etapa da pesquisa foi a coleta e a organização dos dados. Para isso, recorreu-se ao Corpus do Português²² que dispõe de uma coletânea de ocorrências da Língua Portuguesa em sua variação diatópica e diacrônica. Nesse caso, não houve a necessidade de planejar e realizar entrevistas para obtenção dos dados, como é comum em pesquisas de levantamento, mas apenas a sua coleta e a sua sistematização de acordo com a busca realizada no site.

O Corpus do Português é um corpus linguístico que foi criado por Mark Davis e financiado pelo *National Endowment for the Humanities* (2004, 2015) e que integra a coleção de *corpora* da *Brigham Young University*. Atualmente, ele é constituído por duas partes: (i) a original e menor que permite a análise da mudança histórica e da variação baseada em gêneros; e (ii) a nova e maior que permite a análise da variação dialetal e o maior contato com o Português Moderno. Essas duas partes são divididas em quatro conjuntos: (i) o Gênero/Histórico, com 45 milhões de palavras; (ii) o *Web/Dialetos*, com 1 bilhão de palavras; (iii) o *NOW* (2012-2019), com 1,1 bilhão de palavras; e (iv) o *WordAndPhrase*, com 40 mil palavras principais.

Os dados para análise foram retirados do conjunto Gênero/Histórico. Ele foi criado em 2006 e recebeu uma nova interface de usuário em 2016. As suas 45 milhões de palavras são oriundas dos séculos XIV e XX, sendo que as 20 milhões de palavras desse último século ainda variam entre os gêneros orais, fictícios, jornalísticos e acadêmicos. Esse conjunto foi eleito por sua diversidade, abrangendo qualquer resultado de uso real da língua, sendo produto tanto da escrita quanto da fala, o que garantiu metodologicamente uma parcela mais representativa da Língua Portuguesa em diferentes contextos de comunicação. Além disso, esse conjunto também permitiu a constatação da Construção de Movimento Causado com verbos semanticamente intransitivos em Língua Portuguesa, como os verbos “espurrar” e “sumir”.

A busca pelos dados ocorreu através da inserção do radical dos verbos juntamente com o sinal de asterisco no campo de pesquisa disponível no site do

²² Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>.

corpus, o que levou a uma lista de frequência com múltiplas palavras que compartilham o mesmo radical. Por essa busca, foi possível constatar diferentes ocorrências dos verbos e em suas diferentes flexões verbais. Por exemplo, ao pesquisar por [vir*], o site direcionou a busca para a seguinte tela:

Figura 1: Lista de Frequência.

	CONTEXT	FREQ	TOTAL 21,354 UNIQUE 419 +
1	VIR	4028	
2	VIRGEM	1916	
3	VIRTUDE	1778	
4	VIRA	1627	
5	VIRIA	1059	
6	VIRAM	960	
7	VIRTUDES	850	
8	VIRGÍNIA	814	
9	VIRÁ	523	
10	VIROU	506	
11	VIRTUAL	437	
12	VIRAR	364	
13	VIRGENS	356	
14	VIRGÍLIO	266	
15	VIRIAM	211	
16	VIRADA	205	
17	VIROU-SE	203	

Fonte: Corpus do Português.

Através dessa lista, selecionou-se as palavras que correspondiam aos verbos de interesse para a pesquisa. Ao clicar na palavra [virou], por exemplo, o site direcionou novamente a busca para uma nova tela com as diferentes ocorrências dessa palavra e os seus respectivos contextos de uso, como pode ser constatado seguir:

Figura 2: Lista com Contexto.

Corpus do Português: Genre/Historical				EN	PT
SEARCH	FREQUENCY	CONTEXT	ACCOUNT		
SECTION: 1800s,1900s (506) FIND SAMPLE: 100 200 500 PAGE: << < 1 / 6 > >>					
CLICK FOR MORE CONTEXT <input type="checkbox"/> [?] <input type="button" value="SAVE LIST"/> CHOOSE LIST <input type="text"/> CREATE NEW LIST <input type="text"/> [?] <input type="button" value="SHOW DUPLICATES"/>					
1	19Or:Br:Intrv:Cid	A B C	a área social é mais a minha cara. JC - De contato, você virou locutora? Leda - É mais ou menos por aí. Eu trabalhava na área		
2	19Or:Br:Intrv:Com	A B C	do vereador Sérgio Leite do PT da figura do presidente do Sinpol. O sindicato virou uma capitania hereditária, revezando o poder entre Sérgio e Henrique Leite. Não		
3	19Or:Br:Intrv:Pov	A B C	até porque somos éticos. OP - Nessa aliança, pelo visto, o PDT virou mulher de malandro, só é lembrado na hora do abraço eleitoral. É isso		
4	19Or:Br:Intrv:SP	A B C	A D' Oro, que pertence ao senhor Lutfalla, irmão de Sylvia, virou a maior fornecedora da Prefeitura, a Obelisco aumentou substancialmente seu faturamento. A Ob		
5	19Or:Br:Intrv:SP	A B C	exemplo, em que um entrou por dentro do outro. Sorôco é importante porque virou linha condutora da trama. A menina louca sempre aparece em momentos-cha		
6	19Or:Br:Intrv:SP	A B C	e foi povoado com portugueses e escravos, muitos deles trazidos do Brasil. Depois virou uma plataforma, por onde passavam escravos enviados para todos os país		
7	19Or:Br:Intrv:SP	A B C	Prestes e Washington Luís. O esquerdismo só chegou forte depois de 1930: Oswald virou comunista depois e Mário foi muito influenciado pelo comunismo. Acho q		
8	19Or:Br:Intrv:SP	A B C	coisas. O TBC, por exemplo, foi feito para abrigar os amadores e virou a primeira companhia profissional de São Paulo. O Arena era apenas uma modificação no		
9	19Or:Br:Intrv:SP	A B C	A Cigarra, nas sete fases completas da Revista Brasileira, fazia uma crônica, virou um hábito. Os amigos que precisavam falar com ele já sabiam onde encontrá-lo.		
10	19Or:Br:Intrv:SP	A B C	almoço é a literatura brasileira, a cultura brasileira está contada ali. Aliás, virou livro, História duma Confraria Literária, do Homero Senna, publicado pela Xerox		
11	19Or:Br:Intrv:SP	A B C	Literária, do Homero Senna, publicado pela Xerox. Até a minha empregada Idalina virou personagem, Drummond e Homero Homem fizeram poemas para ela. Esta		
12	19Or:Br:Intrv:SP	A B C	, na peça do Vinícius era um bandido de morro e, no filme, virou a figura abstrata dum homem fantasiado de caveira, interpretado pelo Ademar Ferreira da		
13	19Or:Br:Intrv:SP	A B C	a tentar, mas estive perto. O telefonema duma pessoa me salvou, virou completamente a coisa e não aconteceu. O que me levou a isso foi uma		
14	19Or:Br:Intrv:SP	A B C	teatro? Odete - O da Estrela, de Moral em Concordata, que depois virou filme dirigido pelo Fernando de Barros. Também gostei de fazer A Casa de Bernarda		
15	19Or:Br:Intrv:SP	A B C	também. Eu não tinha preconceitos. Era muito amiga do camareiro Astolfo, que virou o travesti Rogéria. Mas gostava mesmo de homem, macho. Não devo falar		

Fonte: Corpus do Português.

Nesse momento, passou-se a verificação de cada ocorrência para constatar os seus usos com a Construção de Movimento Causado em Língua Portuguesa. Como um único verbo pode ocorrer com várias Construções de Estrutura Argumental, essa busca teve de ser minuciosa para não haver confusão. Por exemplo, alguns verbos que ocorreram com a Construção de Movimento Causado também ocorreram com a Construção de Movimento Intransitiva, sendo as duas construções relacionadas por um Elo de Subparte, como já apresentado. Por isso, a busca precisou de uma leitura atenta para constatar a veracidade de todas as ocorrências.

A busca foi realizada pelo radical do verbo por ele ser, conforme o processo de generalização, uma instância das Construções de Estrutura Argumental. Como exposto nos capítulos anteriores, as Construções de Estrutura Argumental são generalizações emergentes a partir de padrões sintáticos que ocorrem com determinados verbos. Assim, a busca se sucedeu através do verbo por ele ser um dos meios possíveis e mais viáveis para se chegar às Construções de Estrutura Argumental. Além disso, pelo conhecimento atual do autor, não foi possível a busca diretamente pelo padrão sintático da Construção de Movimento Causado no Corpus do Português, o que reforça a escolha primeiramente pelos verbos para depois constatar a construção em suas ocorrências.

O principal critério para escolha dos verbos foi semântico. Inicialmente a busca foi definida por verbos que estão associados ao domínio do movimento, como “virar”,

“lançar”, “arremessar”, “colocar”, entre outros. As análises realizadas por Furtado da Cunha (2017) e por Ribeiro, Ferrari e Pinheiro (2019) também serviram como guias, uma vez que já apresentam verbos que instanciam a Construção de Movimento Causado em Língua Portuguesa, como os verbos “conduzir”, “mergulhar”, “semear”, “mandar”, “prender”, entre outros. Além disso, buscou-se também por correspondências em Língua Portuguesa com os verbos que ocorreram na Construção de Movimento Causado em Língua Inglesa, como o verbo *sneeze*, cujo correspondente mais próximo em Língua Portuguesa é o verbo “espirrar”.

A intenção era encontrar um escopo mais amplo de ocorrências da Construção de Movimento Causado em Língua Portuguesa para ampliar as análises anteriores, principalmente em referência à Furtado da Cunha (2017). Como já salientado, esta é uma pesquisa majoritariamente qualitativa e, por isso, a preocupação estava em encontrar usos reais e o mais amplo possível da Construção de Movimento Causado para garantir uma análise fiel ao seu uso em Língua Portuguesa, sendo o mais relevante a sua descrição e interpretação.

Em razão disso, não houve uma delimitação sobre quais verbos seriam ou não selecionados para análise, uma vez que constatar o seu uso era o mais importante. A ocorrência com o verbo “sumir”, por exemplo, foi encontrada durante uma busca para outro propósito, mas foi incluída nessa análise por ser uma instância verídica da Construção de Movimento Causado e por agregar informações relevantes para a pesquisa.

Durante o processo de verificação, ao atestar uma ocorrência com a Construção de Movimento Causado, selecionou-se o uso em questão e o site direcionou a busca para uma outra tela com o contexto ampliado dessa mesma ocorrência, como pode ser observado pela seguinte figura:

Figura 3: Contexto ampliado.

Corpus do Português: Genre/Historical

SEARCH FREQUENCY CONTEXT CONTEXT +

Source information:

Date	(1974)
Title	Mário, episódios das lutas civis portuguesas de 1820-1834
Author	Gaio, A. Silva

Expanded context:

a Jorge Pinto que passara a noite a ver enfermos. - Ainda é longe? - perguntou o doutor algum tempo depois. - Você parece que não está certo no caminho! - Não estava muito, não - tomou o homem. - Agora não me engano mais. Vê aquele moinho lá em baixo? - Eu não desço, de noite, por esta ladeira - disse o doutor sofrendo a mula. - Não custa nada. - Não custará, mas eu não quero quebrar as costas. Adeus, meu amigo. Volto para casa. E **virou** a mula para o caminho já andado. - Alto! - clamou o homem, saltando-lhe à frente. - Tenha paciência e desça porque é preciso. - Não quero - respondeu o José Marques, irado. - Vamos! - ordenou o guia com tal cara e modo que aquele sentiu um calafrio. Apeou-se, olhando para o homem com ar desconfiado, e, como pôde, lá chegou ao moinho. Entraram. O guia fechou a porta, acendeu luz, e arrancando umas barbas postiças fez

Fonte: Corpus do Português.

Os contextos ampliados, como consta na Figura 3, foram coletados e transferidos para um arquivo Word. Esses arquivos foram organizados em uma única pasta e nomeados de acordo com os diferentes verbos que foram atestados na Construção de Movimento Causado. Cada arquivo conteve apenas as ocorrências do verbo que o nomeia e essas ocorrências foram organizadas em uma lista enumerada. Essa sistematização facilitou posteriormente a avaliação dos dados em Frequência *Type* e em Frequência *Token*.

Como a preocupação estava em capturar uma escala mais abrangente de usos da Construção de Movimento Causado, as delimitações por gênero, período e nacionalidade também não foram rigorosamente manipuladas. Dessa forma, os dados são constituídos tanto pelo Português Brasileiro quanto pelo Português Europeu. Além disso, todas as ocorrências analisadas são provenientes dos séculos XIX e XX. Essas delimitações não acarretam em problemas metodológicos para esta pesquisa, porque não são elencadas como parâmetros de análise, mas são informações que caracterizam a disposição dos dados.

O Corpus do Português possui um sistema que indica essas informações em cada ocorrência. Elas são indicadas aqui entre parênteses e ao final dos excertos. Considere, por exemplo, as seguintes informações: (19:Fic:Br:Abreu:Onde). A primeira informação se refere ao período da ocorrência, sendo o século XIX; a segunda diz respeito à natureza do texto, sendo uma obra literária fictícia; a terceira especifica a nacionalidade do texto, sendo brasileiro; a quarta se refere ao autor, sendo o Caio Fernando Abreu; e a última informação especifica a sua obra, sendo o livro “Onde andarás Dulce Veiga?”.

Durante essa etapa, foram constatados 41 (quarenta e um) verbos na Construção de Movimento Causado e 1,017 (mil e dezessete) ocorrências distribuídas entre esses diferentes verbos. A Tabela 1, a seguir, sistematiza cada um desses verbos juntamente com o seu número de ocorrências que foram coletadas:

Tabela 1: Verbos na Construção de Movimento Causado em Língua Portuguesa.

VERBOS	OCORRÊNCIAS
1. Afastar	18
2. Aplicar	23
3. Arrastar	31
4. Arremessar	25
5. Atirar	44
6. Bater	29
7. Borrifar	3
8. Chamar	27
9. Chutar	9
10. Colocar	52
11. Conduzir	37
12. Depositar	45
13. Derramar	24
14. Derrubar	9
15. Empilhar	5
16. Encaixar	8
17. Enfiar	50
18. Esfregar	12
19. Espalhar	27
20. Espirrar	7
21. Estocar	1
22. Injetar	4
23. Introduzir	28
24. Jogar	34
25. Lançar	49
26. Levar	46
27. Mandar	19
28. Manter	10
29. Mergulhar	29
30. Meter	60
31. Mover	5
32. Pôr	42
33. Prender	28
34. Projetar	4
35. Puxar	55
36. Semear	5
37. Sumir	1
38. Tocar	7
39. Trancar	7
40. Trazer	18
41. Virar	80
TOTAL:	1,017

Fonte: autoria própria.

A Construção de Movimento Causado, portanto, foi analisada a partir desses 41 (quarenta e um) verbos, totalizando 1, 017 (mil e dezessete) ocorrências. Esse número não corresponde à totalidade de sua ocorrência no Corpus do Português e, por isso, representa apenas uma parcela do seu uso. A próxima subseção detalha como cada um desses usos foi analisado para compor o capítulo de análise.

4.2.2 Os procedimentos de análise

Como toda explicação deve ser precedida pela descrição minuciosa do que está sendo explicado, a análise foi instaurada pela descrição de cada ocorrência coletada da Construção de Movimento Causado. Desse modo, a terceira etapa da pesquisa foi a descrição e a interpretação dos usos para redação do resultado final.

Após a coleta e a organização dos dados, etapa na qual constatou-se os usos da Construção de Movimento Causado e os verbos que a instanciam em Língua Portuguesa, a análise passou para a descrição das relações semânticas que são estabelecidas entre esses verbos e a própria construção. Como já discutido anteriormente, os verbos, e predicados de modo geral, são elementos centrais para a caracterização das Construções de Estrutura Argumental (GOLDBERG, 2019).

De acordo com Goldberg (2019), a distribuição dos predicados em Construções de Estrutura Argumental é bastante meticulosa, o que contrasta com outros sintagmas, como os nominais que tendem a ser muito menos específicos em relação a essa distribuição. Isso significa que os falantes retêm informações específicas sobre como os predicados são usados e até mesmo com quais construções ocorrem. O mesmo não é verdade para os sintagmas nominais que tendem a ser mais variáveis, porque uma diversidade de entidades pode ser relacionada a uma única estrutura de evento particular.

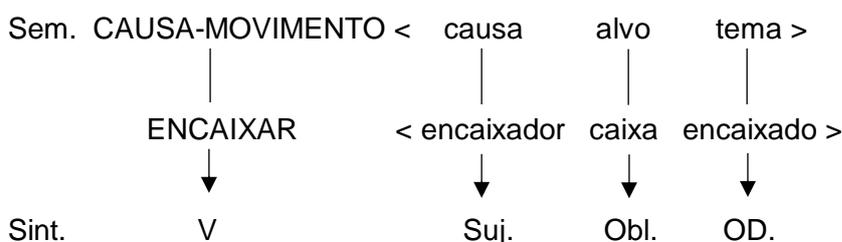
Além disso, embora as Construções de Estrutura Argumental sejam unidades linguísticas independentes de qualquer item lexical, a sua descrição deve incluir referência a suas instâncias mais específicas. A partir da relação semântica entre as Construções de Estrutura Argumental e os verbos que as instanciam é possível medir os seus níveis de produtividade; verificar com quais papéis podem contribuir independentemente da semântica dos verbos; e também identificar os seus Elos de Polissemia.

Por esses motivos, a análise também se concentrou na semântica de cada um dos verbos. Para não partir exclusivamente do conhecimento de falante nativo da língua, alguns dicionários foram consultados para estabelecer o significado básico dos verbos. Os dicionários utilizados foram o Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, de Antônio Geraldo da Cunha (2010), e o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (2008-2021), que é um dicionário *online*²³. Esse último foi baseado no Novo Dicionário Lello da Língua Portuguesa (Porto, Lello Editores, 1996 e 1999), sendo uma versão revisada por linguistas e adaptada para o ambiente virtual.

No segundo capítulo, discutiu-se que os verbos também acionam *frames* semânticos e a discussão se concentrou em torno do verbo “virar”. Nesse caso, a sua etimologia forneceu uma pista para o seu significado mais básico que, por sua vez, permitiu definir a sua Estrutura Semântica. Porém, em outros casos, a etimologia não foi muito útil. A origem do verbo “encaixar”, por exemplo, remete apenas ao substantivo “caixa” e, por isso, foi necessário recorrer ao dicionário *online* para verificar o seu significado. Prototipicamente, o verbo “encaixar” evoca um evento em que uma entidade coloca uma outra entidade em uma caixa. Assim, a sua Estrutura Semântica envolve três Papéis Participantes: o que encaixa – o encaixador; o que é colocado – o encaixado; e uma informação locativa – a caixa.

Ao verificar a Estrutura Semântica do verbo, a análise passou para a sua relação com a Estrutura Argumental da construção. A Figura 4, por exemplo, demonstra a integração entre a Estrutura Semântica do verbo “encaixar” e a Construção de Movimento Causado:

Figura 4: Construção de Movimento Causado e verbo encaixar.



Fonte: baseado em Goldberg (1995, 2006).

Através da Figura 4, constatou-se que a Estrutura Semântica do verbo “encaixar” é isomorficamente compatível com a Estrutura Argumental da construção.

²³ Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/>.

Desse modo, os Papéis Participantes – encaixador, encaixado e caixa – são perfeitamente compatíveis com os Papéis Argumentais – causa, tema e alvo. Assim, o verbo “encaixar” é uma instância prototípica da Construção de Movimento Causado, sendo semanticamente compatíveis.

Todos os verbos foram analisados nesses termos para identificar as suas relações com a construção e também para verificar com quais Papéis Argumentais a construção poderia contribuir independentemente deles. Por esse viés, identificou-se também os Elos de Polissemia da Construção de Movimento Causado, sendo suas extensões vinculadas a agrupamentos verbais bastante específicos. A extensão Condições de Satisfação implicam “X causa Y a mover Z”, por exemplo, está relacionada aos verbos “mandar” e “chamar” que codificam atos comunicativos, assim como Goldberg (1995) constatou em Língua Inglesa.

Além disso, dado o compromisso com o caráter empírico da pesquisa, a análise também considerou algumas particularidades das ocorrências para assegurar o seu pertencimento à Construção de Movimento Causado. Nesse momento, a análise também incluiu explicações para usos com elisão de argumentos; usos com a coocorrência da Construção de Voz Reflexiva; usos com diferentes sintagmas preposicionados; e usos em domínios abstratos. Essa inclusão não apenas certifica empiricamente a validade da pesquisa, mas também revela as particularidades da Língua Portuguesa no uso da Construção de Movimento Causado.

Após todas essas etapas, as propriedades da Construção de Movimento Causado foram sistematizadas para compor o capítulo de análise, apresentando os resultados alcançados durante a pesquisa. O próximo capítulo aborda todas essas informações de modo mais elaborado.

CAPÍTULO 5

CONSTRUÇÃO DE MOVIMENTO CAUSADO: UMA ANÁLISE DE OCORRÊNCIAS NO CORPUS DO PORTUGUÊS

Neste capítulo, apresenta-se a análise da Construção de Movimento Causado a partir dos procedimentos metodológicos que foram detalhados no capítulo anterior. Desse modo, a discussão é organizada de modo a contemplar as suas propriedades em termos de extensões, rede e restrições em Língua Portuguesa.

A Construção de Movimento Causado, como apresentado no terceiro capítulo, é uma unidade simbólica, constituída por uma interface formal, que corresponde sintaticamente à estrutura [S [V OD Obl.]], e por uma interface conceptual, que se refere a uma cena básica da experiência humana em que uma entidade causa o movimento de uma outra entidade ao longo de um caminho ou para um determinado local. Essa cena é representada como “X causa Y a mover Z” em que cada letra indica uma informação saliente, sendo X a entidade que causa o movimento, Y a entidade que é deslocada e Z a informação espacial (GOLDBERG, 1995, 2006).

Essa representação semântica costuma variar entre os autores brasileiros: Ferrari (2011) utiliza a representação “X causa Y a mover Z”; Furtado da Cunha (2017) a representação “X causa Y mover-se para Z”; e Ribeiro, Ferrari e Pinheiro (2019) a representação “X causar Y a mover-se Z”. Porém, o pronome oblíquo e a preposição, como usados nessas duas últimas representações, podem afetar a interpretação da cena que é evocada pela construção. Primeiramente, a cena envolve causalidade e, por isso, a informação em Z não se move de modo independente, mas como resultado da ação que é gerada pela informação em X. Em segundo, a interpretação do sintagma preposicionado sempre é de um alvo independentemente da partícula prepositiva e, por isso, a preposição não deve ser especificada nessa representação. Assim, optou-se aqui por seguir a representação “X causa Y a mover Z”, como já usada nos capítulos anteriores.

Essa definição da Construção de Movimento Causado que corresponde ao seu sentido prototípico foi o ponto de partida para analisar as suas ocorrências. Entre os 1, 017 (mil e dezessete) *constructos* que foram analisados, além desse seu sentido prototípico, identificou-se também outros três sentidos ligeiramente distintos que estão associados ao seu uso em Língua Portuguesa. Dessa forma, assim como identificou Furtado da Cunha (2017), essa construção também é um padrão polissêmico em

Língua Portuguesa. O Quadro 1, a seguir, apresenta cada um desses sentidos com um *constructo* correspondente à sua direita:

Quadro 1: Construção de Movimento Causado e Elos de Polissemia em Língua Portuguesa.

SIGNIFICADO	CONSTRUCTO
X causa Y a mover Z	“[...] O jornalista afastou a papelada da secretária para os lados” (19:Fic:Pt:Oliveira:Abelha).
Condições de satisfação implicam “X causa Y a mover Z”	“Tomé da Póvoa chamou a filha ao escritório.” (18:Dinis:Fidalgos).
X causa Y a não mover Z	“Pais trancam filhos em apartamento”. (19N:Br:Recf).
X causa Y a mover Z por condução	“[...] d. Maura conduziu Espinosa ao quarto de Rose.” (19:Fic:Br:Garcia:Silencio).

Fonte: autoria própria.

No Quadro 1, há os quatro sentidos relacionados à Construção de Movimento Causado que foram identificados durante a pesquisa. Na segunda linha, há o sentido prototípico da construção em que uma entidade causa o movimento de uma outra entidade pelo espaço, sendo “X causa Y a mover Z”, como reflete o seu uso à direita. Nessa ocorrência, o jornalista causa o movimento da papelada para os lados, demonstrando ser um uso exemplar da construção.

A terceira linha, “Condições de satisfação implicam ‘X causa Y a mover Z’”, representa uma extensão da Construção de Movimento Causado. Nesse contexto, o movimento não está estritamente envolvido, porque a sua realização depende da satisfação ou não do ato denotado pelo verbo. Considere, por exemplo, o *constructo* à direita. Nessa ocorrência, Tomé da Póvoa só causa o movimento de sua filha ao escritório, se ela obedecer ao seu chamado. Assim, há uma exigência para que o argumento tema seja uma entidade agentiva e volitiva e, portanto, capaz de atender ou não ao ato denotado pelo verbo, sendo uma restrição exclusiva dessa extensão.

A quarta linha, “X causa Y a não mover Z”, também representa uma extensão da Construção de Movimento Causado. A sua particularidade está na imposição de uma barreira que causa a permanência de uma entidade em um mesmo lugar, apesar de sua tendência para o movimento. Em Língua Portuguesa, essa tendência não é inerente, como postula Goldberg (1995) para a Língua Inglesa, porque basta ser uma entidade suscetível de deslocamento para ocupar o *slot* que corresponde ao argumento tema. Dessa forma, essa extensão envolve entidades tanto animadas quanto inanimadas nessa posição. No *constructo*, os pais privam o movimento dos

filhos para fora do apartamento, embora a tendência seja que eles saiam uma hora ou outra desse espaço.

A quinta linha, “X causa Y a mover Z por condução”, é igualmente uma extensão da Construção de Movimento Causado. Para Goldberg (1995), essa é uma extensão adicional em que o sujeito não é interpretado como aquele que causa, permite ou impede o movimento do objeto direto, porque ambos se movem ao longo de um caminho ou para um determinado lugar. Entretanto, embora esteja claro que o movimento envolva as duas entidades, a causalidade está envolvida em Língua Portuguesa. O movimento do objeto direto pelo caminho especificado no argumento oblíquo só ocorre por haver uma entidade – o sujeito – que o conduz ou o guie pelo caminho em questão. No *constructo*, por exemplo, a interpretação é que D. Maura causou o movimento de Espinosa para o quarto de Rose ao conduzi-lo até lá. Portanto, embora também se mova, o sujeito é interpretado como aquele que causa o movimento, sendo um guia ou um condutor para que o movimento do objeto direto seja efetivamente realizado pelo caminho especificado na expressão.

A particularidade fica ainda mais clara quando se compara o movimento causado por condução com o sentido prototípico da Construção de Movimento Causado. Essa última pode se orientar pelo eixo corporal do sujeito em sua totalidade, em suas partes constituintes ou mesmo em sua orientação vertical, mas a primeira sempre deve envolver um espaço diferente da atual localização do sujeito e do objeto direto. Essa distinção foi verificada no uso do verbo “levar” e do verbo “puxar” que ocorreram em ambos os sentidos. Todas as ocorrências, cujo movimento envolveu o próprio eixo do sujeito, foram instâncias do sentido prototípico da construção; enquanto as ocorrências, cujo movimento envolveu um espaço diferente da atual localização do sujeito, foram instâncias dessa sua extensão.

Furtado da Cunha (2017) já havia identificado as extensões “Condições de satisfação implicam ‘X causa Y a mover Z’” e “X causa Y a não mover Z” no Corpus Discurso&Gramática. Entretanto, ampliando a sua pesquisa, a atual análise também identificou a extensão em que o movimento causado envolve a noção de condução por um percurso: “X causa Y a mover Z por condução”. Aqui, optou-se por inseri-la na rede da Construção de Movimento Causado e nomeá-la como Construção de Movimento Causado por Condução.

Além dessas extensões que foram identificadas, buscou-se também pelas extensões “X ajuda Y a mover Z” e “X permite Y a mover Z”. No entanto, assim como

Furtado da Cunha (2017), a presente pesquisa também não constatou os seus usos em Língua Portuguesa. Ao buscar pela extensão “X ajuda Y a mover Z” no Corpus do Português, por exemplo, surgiram expressões como:

- (1) Alberto não compreendia a sensibilidade dos que encontravam horas normais naquele tempo que para ele decorria com sentido provisório e alvoroçado. Tudo aquilo tinha já o envólucro do que se recorda para toda a vida com tristeza e mal-estar. **E quando Firmino, ante a sua imperícia, o ajudou a colocar a serapilheira aos ombros**, sob os sorrisos que caíam da varanda, sentiu-se ridículo, assim de gravata e sapa-tos de verniz, e com aquele alforje a dançar-lhe nas costas. (19:Fic:Pt:Ferreira:Selva).

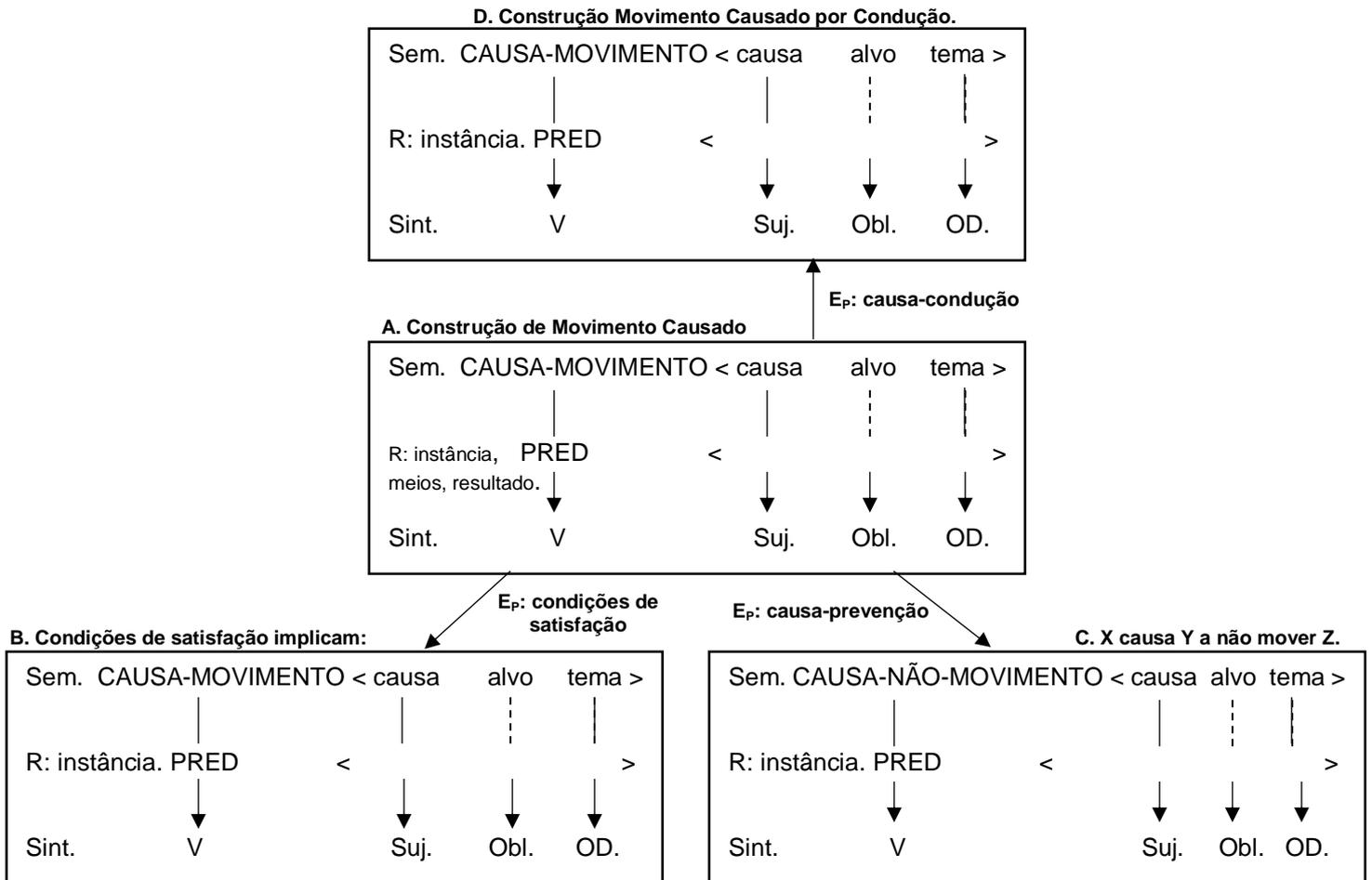
Essa ocorrência não corresponde à Construção de Movimento Causado, porque não está no domínio das orações simples e, conseqüentemente, envolve um evento de natureza mais complexa. A tese fundamental de Goldberg (1995) é que as sentenças simples sejam instâncias de Construções de Estrutura Argumental que, por sua vez, evocam cenas básicas da experiência humana. Assim, uma vez que a sentença é estruturalmente mais complexa, a conceptualização associada a ela também será mais complexa, como pode ser observado em (1).

Nessa ocorrência, há uma oração subordinada com complemento no infinitivo em que “o ajudou a colocar a serapilheira aos ombros” estabelece a relação entre o verbo principal – ajudar – e a oração subordinada que funciona como um complemento indireto. Semanticamente, nesse período, há um movimento causado, mas o escritor recorreu à relação de subordinação com complemento no infinitivo para indicar a noção de assistência ao movimento. Dessa forma, a expressão evoca uma cena em que Firmino auxilia uma outra entidade a causar o movimento da serapilheira aos ombros.

Provavelmente, essas duas extensões – “X ajuda Y a mover Z” e “X permite Y a mover Z” – não são produtivas em Língua Portuguesa. Tanto a pesquisa de Furtado da Cunha (2017) quanto a presente pesquisa reforçam essa hipótese. É possível que exista uma outra alternativa mais produtiva que esteja vinculada ao domínio das construções complexas, como as orações subordinadas com complemento no infinitivo. Assim, haveria uma outra construção mais produtiva que bloqueia o uso de verbos do tipo “ajudar” na Construção de Movimento Causado em Língua Portuguesa. Contudo, como foge aos objetivos da atual pesquisa, outros estudos são requeridos para verificar e validar essa hipótese.

Na Gramática de Construções, como toda unidade linguística é constituída pelo pareamento de uma forma e de um significado particular, toda extensão forma uma construção minimamente diferente que é motivada pelo sentido prototípico da construção de origem, sendo relacionada a ela por um Elo de Polissemia. Nesse caso, através desse Elo de Herança, captura-se a relação semântica entre uma construção particular e as suas extensões que herdaram as suas especificidades formais, mas que apresentam valores semânticos ligeiramente diferentes. Pelo Quadro 1, por exemplo, pode-se estabelecer a relação entre o sentido prototípico da Construção de Movimento Causado (segunda linha) e as suas extensões em Língua Portuguesa. A Figura 1, a seguir, busca representar essa relação em um diagrama radial:

Figura 1: Construção de Movimento Causado e Elos de Polissemia em Língua Portuguesa.



Fonte: baseado em Goldberg (1995).

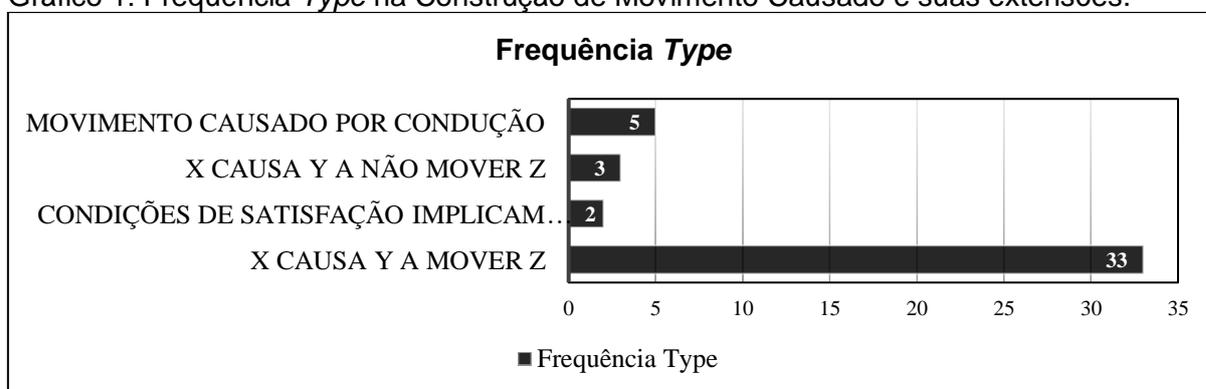
Pela Figura 1, observa-se que as extensões irradiam da Construção de Movimento Causado que ocupa o centro do diagrama. A caixa A representa o sentido prototípico da construção – “X causa Y a mover Z” –; a caixa B representa a extensão

“Condições de Satisfação implicam ‘X causa Y a mover Z’”; a caixa C representa a extensão “X causa Y a não mover Z”; e a caixa D representa a extensão “X causa Y a mover Z por condução”. As setas que partem do centro indicam a direcionalidade da relação e marcam as particularidades dos Elos de Polissemia (E_P) em que há “condições de satisfação”, “causa-prevenção” e “causa-condução”.

Essa representação segue o modelo diagramático que Goldberg (1995) utilizou para análise das Construções de Estrutura Argumental em sua primeira obra. A partir dela, observa-se que todas as construções compartilham uma mesma forma – [S [V OD Obl.]] –, mas que apresentam aspectos semânticos bastante específicos. A extensão “Condições de Satisfação implicam ‘X causa Y a mover Z’”, por exemplo, permite apenas entidades agentivas e volitivas como argumento tema, sendo uma característica exclusiva do seu uso e não das outras construções. Além disso, cada uma dessas construções está relacionada a um grupamento verbal igualmente específico.

Durante a análise, constatou-se uma divergência bastante considerável em relação à Frequência *Type* de cada uma dessas construções. A Frequência *Type*, como já apresentado, se refere ao número de distintos verbos que são testemunhados em uma dada construção (GOLDBERG, 2019). O Gráfico 1, a seguir, sistematiza a distribuição dos 41 (quarenta e um) verbos testemunhados na Construção de Movimento Causado de acordo com o seu sentido prototípico e as suas extensões:

Gráfico 1: Frequência *Type* na Construção de Movimento Causado e suas extensões.

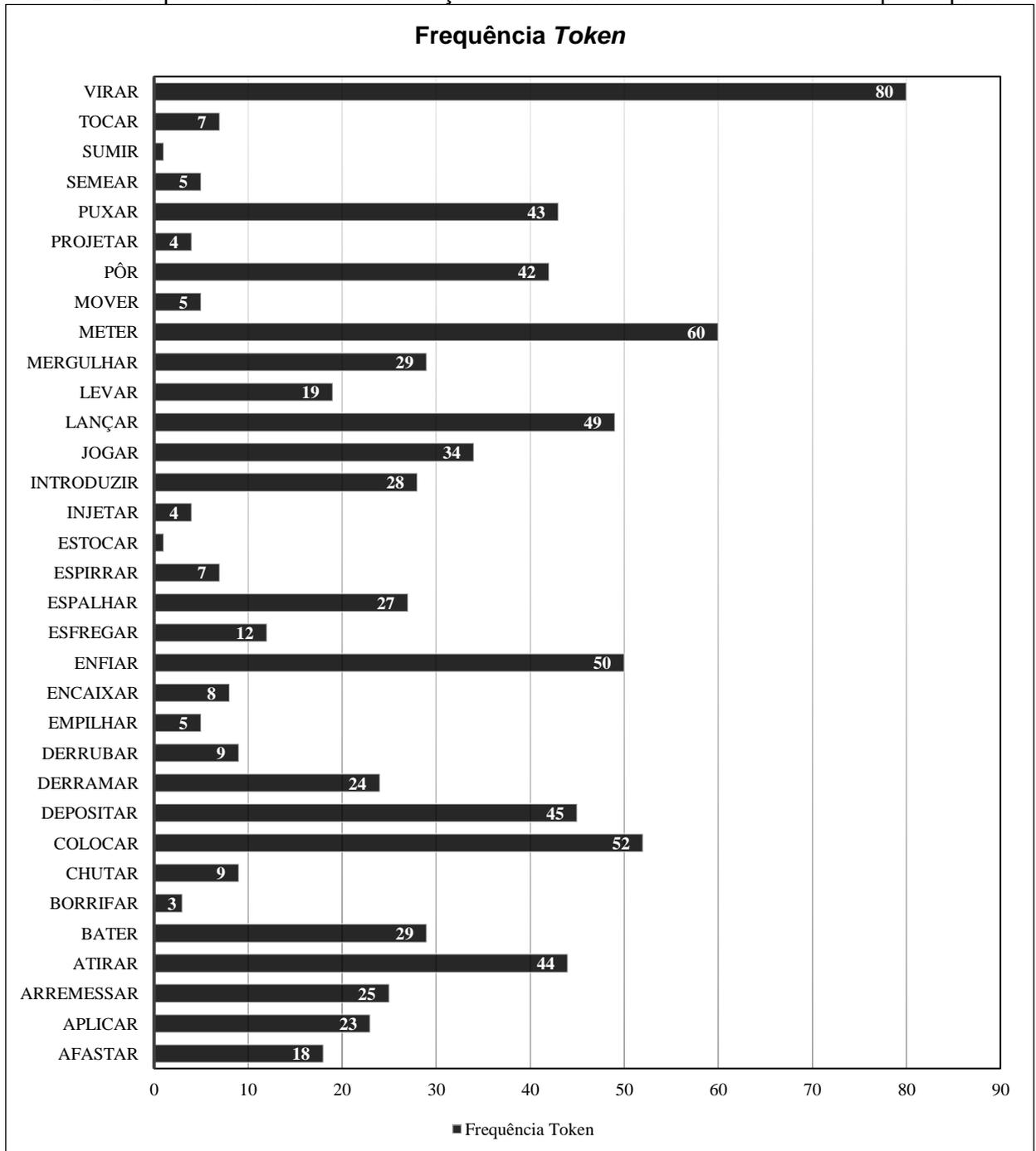


Fonte: autoria própria.

Pelo Gráfico 1, a Construção de Movimento Causado em seu sentido prototípico ocorreu com 33 (trinta e três) verbos diferentes, sendo a construção mais recorrente nos dados. Nesse caso, esse número corresponde à quantidade de verbos,

cuja ocorrência nessa construção envolveu causalidade manipulativa e real movimento pelo espaço em sua conceptualização. O número de vezes que cada um desses verbos ocorreu corresponde à noção de *Frequência Token* que é sistematizada no Gráfico 2 a seguir:

Gráfico 2: *Frequência Token* na Construção de Movimento Causado em sentido prototípico.

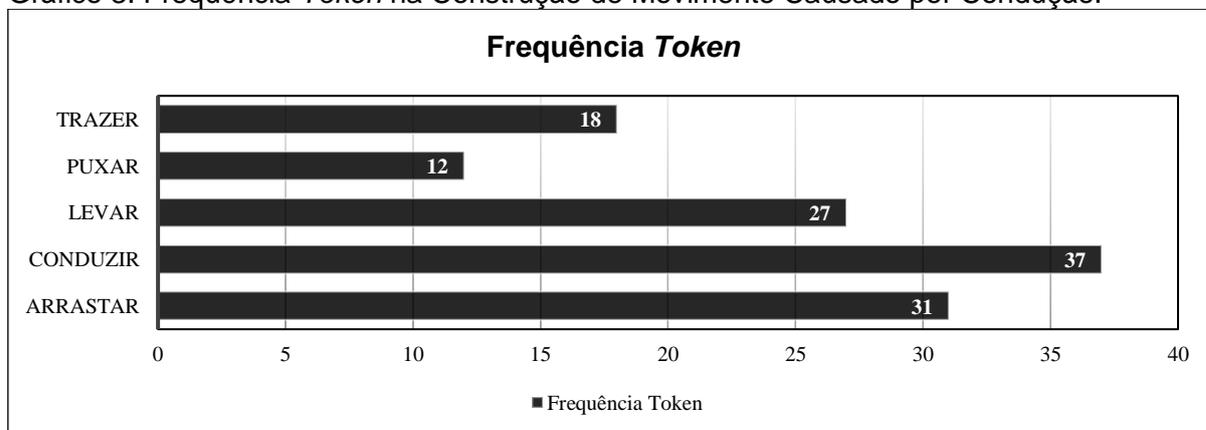


Fonte: autoria própria.

De acordo com o Gráfico 2, os verbos com maior Frequência *Token* na Construção de Movimento Causado em seu sentido prototípico foram: (i) o verbo “virar”, com 80 (oitenta) ocorrências; (ii) o verbo “meter”, com 60 (sessenta) ocorrências; (iii) o verbo “enfiar”, com 50 (cinquenta) ocorrências; e (iv) o verbo “colocar”, com 52 (cinquenta e duas) ocorrências. Entre os verbos menos frequentes, estão os verbos “sumir” e “estocar” que tiveram uma única ocorrência nos dados analisados.

A segunda maior Frequência *Type* foi da extensão “X causa Y a mover Z por condução” que ocorreu com 5 (cinco) verbos diferentes. Nesse contexto, a ocorrência desses verbos na Construção de Movimento Causado implicou a noção de condução por um caminho. O Gráfico 3, a seguir, apresenta a Frequência *Token* de cada um desses verbos nessa construção:

Gráfico 3: Frequência *Token* na Construção de Movimento Causado por Condução.

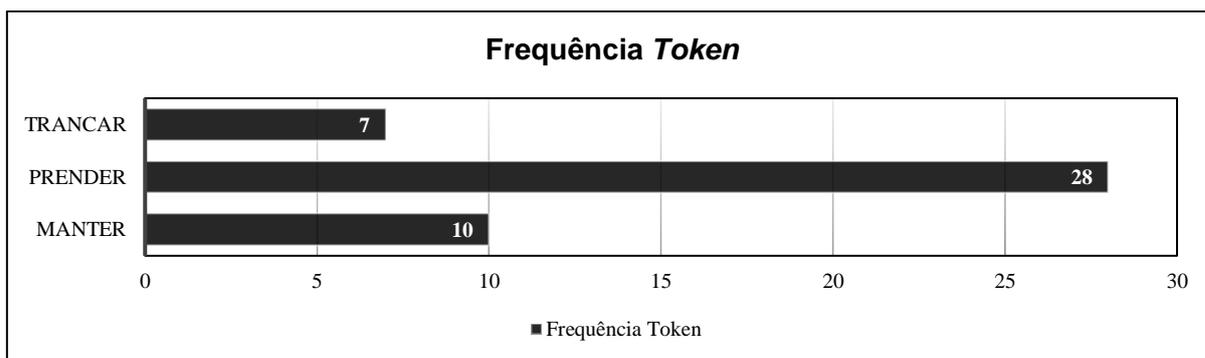


Fonte: autoria própria.

No Gráfico 3, observa-se que não há uma grande discrepância entre a Frequência *Token* dos verbos que ocorreram nessa extensão. O mais frequente foi o verbo “conduzir”, totalizando 37 (trinta e sete) ocorrências, que caracteriza prototipicamente a natureza semântica desse agrupamento.

A extensão “X causa Y a não mover Z”, por sua vez, teve a terceira maior Frequência *Type*, ocorrendo com 3 (três) verbos diferentes. Nesse caso, os verbos associam a noção de privação à semântica de movimento causado da construção. O Gráfico 4, a seguir, apresenta a Frequência *Token* de cada um desses verbos:

Gráfico 4: Frequência *Token* na extensão “X causa Y a não mover Z”.

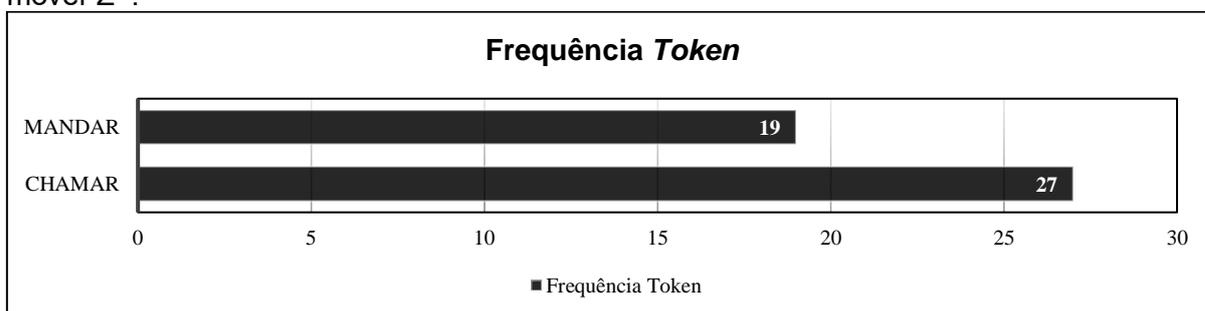


Fonte: autoria própria.

Pelo Gráfico 4, observa-se a maior *Frequência Token* do verbo “prender” com 28 (vinte e oito) ocorrências. Porém, igualmente à extensão anterior, não há uma divergência muito grande em relação à frequência de cada um desses verbos e todos apresentam contiguidade semântica, sendo relacionados ao domínio de privação ao movimento.

E, por fim, a extensão com menor *Frequência Type* foi “Condições de Satisfação implicam ‘X causa Y a mover Z’”, ocorrendo apenas com 2 (dois) verbos diferentes. O Gráfico 5, a seguir, apresenta a *Frequência Token* de cada um desses verbos:

Gráfico 5: *Frequência Token* na extensão “Condições de Satisfação implicam ‘X causa Y a mover Z’”.



Fonte: autoria própria.

De acordo com o Gráfico 5, os verbos “mandar” e “chamar” tiveram respectivamente uma *Frequência Token* de 19 (dezenove) e de 27 (vinte e sete) ocorrências. Ambos os verbos envolvem atos comunicativos e, quando usados na Construção de Movimento Causado, implicam uma ação que deve ser satisfeita para a realização do movimento.

Segundo Goldberg (1995), o agrupamento e a distribuição de verbos em Construções de Estrutura Argumental não são rígidos, ou seja, a ocorrência de um

verbo em uma construção não o impede de ser usado em outra. Essa afirmação pode ser constatada ao observar o Gráfico 2 e o Gráfico 3 que compartilham os verbos “levar” e “puxar”. Nesse caso, esses verbos ocorreram tanto na Construção de Movimento Causado em seu sentido prototípico quanto em sua extensão “X causa Y a mover Z por condução”, sendo as próprias construções que impõem as suas restrições sobre o uso de cada verbo.

Todos esses usos, considerando o sentido prototípico e as extensões da Construção de Movimento Causado, são detalhados a seguir em suas respectivas subseções. A partir dessas informações, a discussão é guiada conforme a apresentação dos *constructos* que foram analisados.

5.1 CONSTRUÇÃO DE MOVIMENTO CAUSADO: “X CAUSA Y A MOVER Z”

Em seu sentido prototípico em que há causalidade manipulativa e real movimento pelo espaço, a Construção de Movimento Causado foi analisada de acordo com a sua compatibilidade ou não com os verbos que a instanciaram em uso. Essa compatibilidade diz respeito à relação entre a Estrutura Semântica dos verbos e a sua Estrutura Argumental. Com base nisso, identificou-se contextos em que a construção contribui com Papéis Argumentais independentemente dos Papéis Participantes dos verbos.

Entre os dados que compõem o Gráfico 2, os seguintes verbos foram isomorficamente compatíveis com a construção: “aplicar”, “arremessar”, “atirar”, “borrifar”, “chutar”, “colocar”, “depositar”, “derramar”, “derrubar”, “empilhar”, “encaixar”, “enfiar”, “esfregar”, “espalhar”, “estocar”, “injetar”, “introduzir”, “levar”, “mergulhar”, “meter”, “mover”, “pôr”, “projetar”, “puxar”, “semear” e “virar”. Enquanto os verbos que não foram isomorficamente compatíveis são: “afastar”, “bater”, “espirrar”, “jogar”, “sumir” e “tocar”.

Por necessidade de economia, selecionou-se apenas os verbos “virar”, “meter”, “colocar” e “lançar” entre os verbos do primeiro grupo para discussão. Como esses verbos tiveram uma Frequência *Token* maior, eles representam exemplares eficientes para discutir os usos mais prototípicos da Construção de Movimento Causado. Com respeito aos verbos do segundo grupo, todos foram selecionados, uma vez que contribuem com informações relevantes para a caracterização da construção em Língua Portuguesa.

5.1.1 Verbos com compatibilidade isomórfica

Um verbo possui compatibilidade isomórfica com uma construção quando os seus Papéis Participantes são mapeados um por um nos Papéis Argumentais da construção. Nesse caso, a Estrutura Semântica do verbo reflete perfeitamente a Estrutura Argumental da construção, sendo uma instância prototípica dela. Entre os casos de compatibilidade perfeita, estão os verbos “virar”, “meter”, “colocar” e “lançar”.

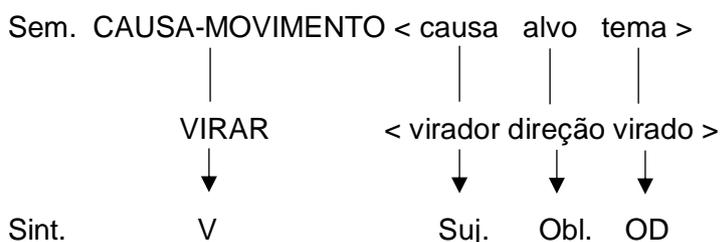
O verbo “virar” é atestado na Construção de Movimento Causado pelo seguinte enunciado:

- (2) Então, sentada na cama, **a filha de Walter virava a arma contra Custódio Dias**, coxeando na direcção dos animais cujo cachaço engatava a carros. Atingia-o no momento em que o ouvia rondar pela rua, levando atrás de si aquela assimetria regular que o distinguia dos seis irmãos que labutavam no pátio. (19:Fic:Pt:Jorge:Paixão).

Nessa ocorrência, a interpretação envolve uma entidade que causa o movimento de uma outra entidade para uma determinada direcção. Em particular, a filha de Walter causa o movimento de uma arma para direccioná-la a Custódio Dias. Assim, o enunciado corresponde a um uso exemplar da Construção de Movimento Causado em que há manipulação direta e real movimento.

O verbo “virar”, como já apresentado no segundo capítulo, também envolve uma cena em que uma entidade move uma outra entidade para uma determinada direcção. Nesse sentido, a sua Estrutura Semântica também se caracteriza como um evento causativo-manipulativo e, por isso, perfila três Papéis Participantes: o virador, o virado e a direcção. A relação entre essa Estrutura Semântica e a Construção de Movimento Causado é representada pela Figura 2 abaixo:

Figura 2: Construção de Movimento Causado e verbo virar.



Fonte: adaptado de Goldberg (1995, 2006).

Através da Figura 2, observa-se que os Papéis Participantes – virador, direção e virado – são isomorficamente compatíveis com os Papéis Argumentais – causa, alvo e tema. Sendo assim, a Estrutura Semântica do verbo “virar” é uma instância prototípica da Estrutura Argumental da Construção de Movimento Causado. Outras ocorrências que atestam o uso desse verbo nessa construção são:

- (3) Aquele rio já nem sequer transportava o murmurar da fonte que lhe dera origem. **Tito virava o leme à direita** com a força de quem se sabe só e o pai não existisse. Sentia nele aquele vigor que num homem novo não precisa de precedentes. (18:Queirós:Alves).
- (4) O moço do blusão estampado percebeu o ruído, apurou os ouvidos, **virou mais aguardente na goela**. - Sabe o que seria maneiro? Pegar o que for de jóia e dinheiro na fazenda do coronel, arribar. - Perigoso. Coronel Barros tem arte com o Diabo. (19:Fic:Br:Louzeiro:Devotos).
- (5) Dona Graça tirou-lhe os sapatos e saiu, dizendo que ia lhe trazer um copo de leite #35 morno. **Ele virou o rosto para a parede** e se sentia tão fraco, tão vazio, que se pôs a chorar devagarinho, em silêncio, doído e machucado por dentro e por fora: (19:Fic:Br:Queirós:Galo).

Em (3), Tito causa o movimento do leme para a direita. Em (4), o moço do blusão estampado (Argumento Nulo Definido) causa o movimento de aguardente para a goela. E, em (5), uma entidade representada pelo pronome “ele” causa o movimento de seu próprio rosto para a direção da parede. Em todos esses casos, há uma entidade que causa o movimento de uma outra entidade para um determinado lugar e, portanto, são todas instâncias da Construção de Movimento Causado.

Ocorrências como em (5) que envolvem o movimento de uma parte constituinte do sujeito expressam a relação como se ambas as entidades fossem independentes uma da outra. Usos como esse foram muito recorrentes principalmente com os sintagmas “as costas”, “o rosto”, “a cara”, “o corpo”, “a cabeça” e “os olhos”, demonstrando a relevância da parte superior e frontal do corpo humano em indicar o foco de atenção nas narrativas. Em todos esses usos, porém, a entidade e a sua parte são interpretadas independentemente em uma relação de causalidade com consequente movimento.

Outro caso com compatibilidade perfeita está na relação entre o verbo “meter” e a Construção de Movimento Causado. Esse uso pode ser atestado pela seguinte ocorrência:

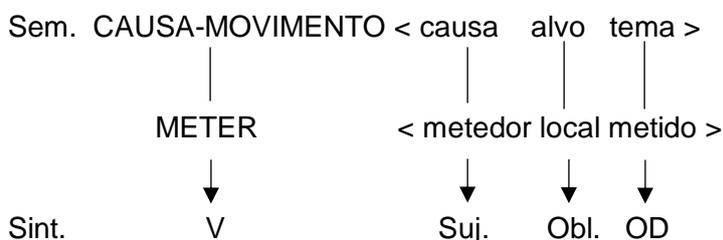
- (6) Entra para o quarto de Débora, abre o armário, procura uma blusa, troca-se, passa o pente nos cabelos, ajeita o curativo, apaga a luz, fecha a porta por fora. **Manguito**

meteu todo o dinheiro no bolso, encontram Fumaça, que continua sentado no batente. - Tudo certo? - Melhor do que se esperava - responde Dito. - Resta dá no pé - acentua Manguito. (19:Fic:Br:Louzeiro:Pixote).

Em (6), particularmente, Manguito causa o movimento do dinheiro para a parte interna de seu bolso. Nesse enunciado, assim como nas ocorrências com o verbo “virar”, uma entidade causa o movimento de uma outra entidade para um determinado local. Contudo, quando a Construção de Movimento Causado é instanciada pelo verbo “meter”, o alvo corresponde basicamente a um contêiner.

O verbo “meter”, se refere a um evento em que uma entidade põe uma outra entidade em um espaço interno. Desse modo, a sua Estrutura Semântica requisita três informações: (i) quem mete – o metedor; (ii) o que é introduzido – o metido; e (iii) uma informação espacial – o local. A relação entre essa Estrutura Semântica e a Construção de Movimento Causado é representada na Figura 3:

Figura 3: Construção de Movimento Causado e verbo meter.



Fonte: Goldberg (1995, 2006).

De acordo com a Figura 3, os Papéis Participantes – metedor, local e metido – também são respectivamente compatíveis com os Papéis Argumentais – causa, alvo e tema. Dessa forma, assim como o verbo “virar”, o verbo “meter” também é uma instância prototípica da Construção de Movimento Causado, correspondendo ao seu uso mais básico. Os enunciados abaixo atestam outras ocorrências desse verbo na construção:

- (7) Chegaram as empadinhas de carne moída. Índio sabia onde estava o ouro do Brasil. **Meteu na boca uma empada inteira**: - Ataca! Paavo levantou-se num reflexo. Aprendera o verbo atacar no contexto revolução. - Não vai atacar? - repetiu Índio, reservando duas empadinhas na mão enquanto mastigava o resto da primeira, mal engolindo-a. (19:Fic:Br:Carvalho:Suomi).
- (8) De mansinho (estou a vê-lo!), abriu a porta da rua, subiu no escuro os três degraus da entrada onde o próprio mau cheiro lhe agradava, e apalpando à esquerda, **meteu sem ruído a chave na fechadura**. No corredor estreito, que servia as seis divisões da

nossa casa, deteve-se um momento, a escutar o silêncio, a antegostar a zanga que ia seguir-se. (19:Fic:Pt:Costa:Carcere).

- (9) Ouvia parar o elevador e olhou rapidamente para trás, era mesmo o director literário que segurava a porta para deixar passar a doutora Maria Sara, vinham falando os dois animadamente, ninguém mais no elevador, então **Raimundo Silva meteu o livro entre o casaco e a camisa**, foi um reflexo de protecção, (19:Fic:Pt:Saramago:Historia).

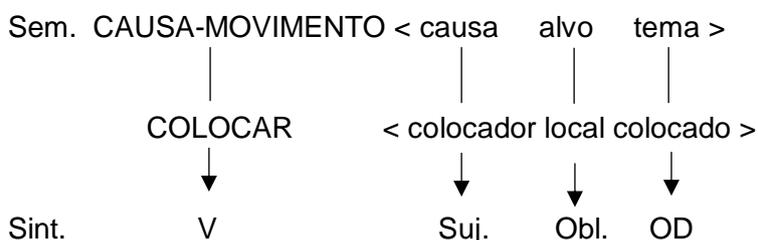
Em (7), um índio (Argumento Nulo Definido) causa o movimento de uma empada inteira para boca. Em (8), uma entidade (Argumento Nulo Definido) causa o movimento de uma chave para a abertura de uma fechadura. E, em (9), Raimundo Silva causa o movimento de um livro para o espaço entre o seu casaco e a sua camisa. Assim, em todas essas expressões, há manipulação direta com conseqüente movimento, sendo instâncias da Construção de Movimento Causado.

O verbo “colocar” também apresenta uma relação de compatibilidade isomórfica com a Construção de Movimento Causado. O seguinte enunciado atesta o seu uso:

- (10) Então, Cohen, diga-nos você, conte-nos cá. O empréstimo faz-se ou não se faz? E acirrou a curiosidade, dizendo para os lados, que aquela questão do empréstimo era grave. Uma operação tremenda, um verdadeiro episódio histórico. **O Cohen colocou uma pitada de sal à beira do prato**, e respondeu, com autoridade, que o empréstimo tinha de se realizar absolutamente. (18:Queirós:Maías).

Nessa expressão, Cohen causa o movimento de uma pitada de sal para a beira do prato, sendo uma instância da Construção de Movimento Causado. O verbo colocar, prototipicamente, envolve uma entidade que deposita uma outra entidade em um determinado local. Dessa forma, a sua Estrutura Semântica também requisita três informações: (i) a entidade que coloca – o colocador; (ii) a entidade que é depositada – o colocado; e (iii) uma informação espacial – o local. A Figura 4 ilustra a integração entre essa Estrutura Semântica e a Construção de Movimento Causado:

Figura 4: Construção de Movimento Causado e verbo colocar.



Fonte: Goldberg (1995, 2006).

Na Figura 4, os Papéis Participantes – colocador, local e colocado – também são vinculados isomorficamente aos Papéis Argumentais – causa, alvo e tema. Nesse sentido, o verbo “colocar” também é uma instância prototípica da Construção de Movimento Causado, assim como os verbos anteriores. Outros enunciados que atestam esse uso são apresentados abaixo:

- (11) Isso, morre! E exatamente isso que o Pingo quer! Vai ficar aí viuvinho da silva sem a encheção de saco de se divorciar e te pagar pensão! **Raquel colocara os travesseiros no ouvido** e se recusara a escutar. - Não quero falar com você! Não quero falar com ninguém! (19:Fic:Br:Amaral:Amigos).
- (12) O presidente da Colômbia parece preocupado em estabelecer uma política de informações, como se fosse possível interferir nos fatos, mudá-los. É uma bobagem. **Se um grupo terrorista coloca uma bomba num determinado local público**, com o objetivo de desestabilizar um governo, a imprensa deve ignorar o fato porque não agrada ao governo? (19Or:Br:Intrv:ISP).
- (13) Durante o treinamento, os rebeldes ordenaram que alguns de seus cativos - incluindo o embaixador japonês, Morihisa Aoki - entrassem num quarto de alta segurança, afirma o jornal. **A guerrilha colocou explosivos nas janelas** e as lacrou, para evitar que a polícia veja o que acontece. Não há indícios de um ataque iminente. (19N:Br:SCat).

Em (11), Raquel causa o movimento dos travesseiros para o seu ouvido. Em (12), um grupo terrorista, interpretado metonimicamente, causa o movimento de uma bomba para um local público. E, em (13), a guerrilha, também interpretada metonimicamente, causa o movimento de explosivos para as janelas. Todas essas expressões envolvem uma entidade que é deslocada pelo espaço por uma outra entidade e, portanto, também são instâncias da Construção de Movimento Causado.

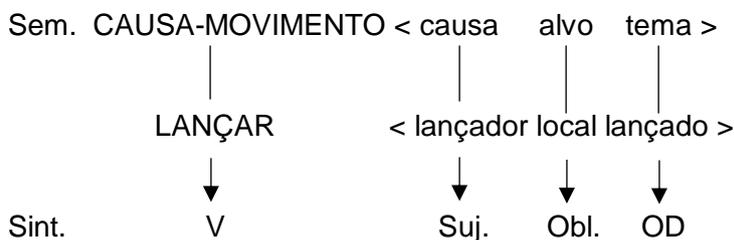
Em (12) e em (13), há ocorrências que aparentemente rompem com a restrição para o argumento causa ser um agente ou uma força da natureza. No entanto, nesses casos, a interpretação ocorre por vias metonímicas, uma vez que se assume a organização pela entidade responsável da ação. Dessa forma, a interpretação implica uma entidade que pertence ao grupo terrorista e à guerrilha respectivamente.

O último verbo a ser explorado aqui com compatibilidade isomórfica com a construção é o verbo “lançar”. O *constructo*, a seguir, atesta o seu uso:

- (14) O sertanejo tomou o cadáver do filho, envolto em trapos, e o depositou na cova com o mesmo cuidado como se o fizesse numa cama. Em obediência à superstição, **Ricardo lançou na cova um pugilo de terra**, e com um até outra hora, retirou-se depressa para que a inditosa mãe pudesse chorar e lastimar-se à vontade. (19:Fic:Br:Rocha:Dusa).

Em (14), Ricardo causa o movimento de um pugilo de terra para uma cova, correspondendo à conceptualização da Construção de Movimento Causado. O verbo “lançar” envolve prototipicamente um evento em que uma entidade arremessa uma outra entidade através do espaço. Assim, esse é um verbo de movimento balístico, uma vez que envolve força para impulsionar o movimento de uma entidade. Nesse caso, em sua Estrutura Semântica, há o requisito por três informações: (i) quem lança – o lançador; (ii) o que é arremessado – o lançado; e (iii) uma informação espacial – o local. A Figura 5 representa a relação entre essa Estrutura Semântica e a Construção de Movimento Causado:

Figura 5: Construção de Movimento Causado e verbo lançar.



Fonte: Goldberg (1995, 2006).

Pela Figura 5, a Estrutura Semântica do verbo – lançador, local e lançado – é perfeitamente compatível com a Estrutura Argumental da construção – causa, alvo e tema. Dessa forma, o verbo “lançar” também é uma instância prototípica da Construção de Movimento Causado em Língua Portuguesa. As seguintes expressões atestam mais usos dessa relação:

- (15) Michelangelo ajeitou seu manto verde-esmeralda, deixou o dinheiro do adiantamento sobre o parapeito da varanda e, antes de ir-se em busca do rosto daquele rapaz, **lançou um olhar sobre a cidade**. Apreciou um cavalo alado envolvido em uma capa de um peculiar tom de azul, voando pelas margens do rio Tibre. (19:Fic:Br:Comparato:Guerra).
- (16) Bahrein Atentado a a bomba Sete pessoas foram mortas ontem **quando um grupo de mascarados lançou cocktails Molotov contra um restaurante de o Bahrain**. Segundo testemunhas, os cinco mascarados atiraram as bombas para a entrada de o restaurante, situado em a província de Sitra (19N:Pt:Público).
- (17) Banam! é um verdadeiro nome de melodrama. Morta a inocente, Banam despiu-lhe o hábito e **lançou o corpo ao rio**, que depressa a levou às arrebatadas correntes do Zêzere em que desagua; (18:Garrett:Viagens).

Em (15), Michelangelo (Argumento Nulo Definido) causa o movimento de seus olhos pela extensão da cidade. Em (16), um grupo causa o movimento de *cocktails molotov* para a entrada de um restaurante. E, em (17), Banam (Argumento Nulo Definido) causa o movimento de um corpo para o rio. Essas expressões, assim como as demais, também envolvem a cena básica associada à Construção de Movimento Causado.

Esses verbos, portanto, representam as instâncias mais prototípicas da Construção de Movimento Causado em Língua Portuguesa. As Figuras 2, 3, 4 e 5, especificamente, representam como é o mapeamento isomórfico entre a Estrutura Semântica desses verbos e a Estrutura Argumental da construção. Assim, esses são casos em que o evento associado ao verbo é semanticamente um subtipo do evento associado ao padrão construcional. Entretanto, como o uso linguístico é dinâmico e fluido, há verbos que não compactuam com essa relação isomórfica ao serem usados na Construção de Movimento Causado.

5.1.2 Verbos sem compatibilidade isomórfica

Como apresentado no segundo capítulo, uma das possíveis incompatibilidades entre a Estrutura Semântica dos verbos e a Estrutura Argumental das construções está no número de papéis. Nesse contexto, a construção pode até mesmo contribuir com um ou mais de seus Papéis Argumentais para formar orações completas independentemente do *frame* semântico associado ao verbo. Entre os dados analisados, identificou-se esse contexto com os verbos “afastar”, “bater”, “espirrar”, “jogar”, “sumir” e “tocar”.

O verbo “afastar” na Construção de Movimento Causado é atestado pela seguinte expressão:

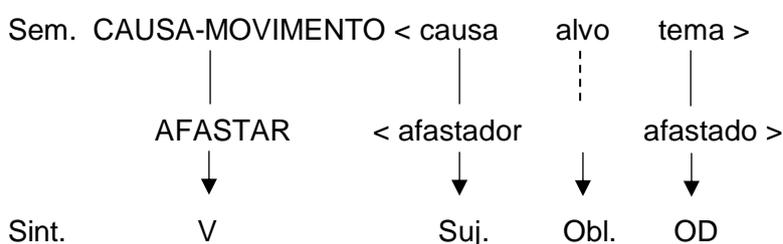
- (18) O motorista japonês tentou puxar conversa, mas respondi com um grunhido, ele desistiu depois de comentar que ia cair a maior água. **Afastei o banco para trás**, estendi as pernas, abri mais o vidro. Ele ligou o rádio (19:Fic:Br:Abreu:Onde).

Em (18), o narrador (Argumento Nulo Definido) causa o movimento do banco para trás, sendo um uso licenciado pela Construção de Movimento Causado. Porém, diferentemente dos casos já apresentados, o verbo “afastar” não está em seu uso mais prototípico.

O verbo “afastar”, prototipicamente, evoca uma cena em que uma entidade distancia uma outra entidade de um determinado lugar. Dessa forma, em sua Estrutura Semântica, há a exigência pelas seguintes informações: quem afasta – o afastador; quem é distanciado – o afastado; e o espaço de onde é distanciado – a origem. Em (18), por outro lado, não há uma informação que corresponda à origem do movimento.

Em vista disso, quando o verbo “afastar” é usado na Construção de Movimento Causado, a origem do movimento é mantida em segundo plano, ou seja, a origem não é uma informação perfilada para esse uso. Consequentemente, a construção coage a interpretação do verbo e contribui com o Papel Argumental alvo para gerar a noção de direção. A Figura 6 representa a integração entre a Estrutura Semântica do verbo “afastar” e a Estrutura Argumental da Construção de Movimento Causado:

Figura 6: Construção de Movimento Causado e verbo afastar.



Fonte: Goldberg (1995, 2006).

Pela Figura 6, observa-se que a integração entre a Estrutura Semântica do verbo e a Estrutura Argumental da construção não é isomórfica. Na representação, os Papéis Participantes – afastador e afastado – são integrados aos Papéis Argumentais – causa e tema –, enquanto o Papel Argumental alvo não possui um correspondente na Estrutura Semântica do verbo, sendo uma contribuição da própria construção, como indicado pela linha pontilhada. Nesse caso, a construção coage a interpretação do verbo, reinterpretando-o como um deslocamento para um ponto de chegada.

O verbo “afastar” na Construção de Movimento Causado é um uso plausível, pois também envolve causalidade e movimento em sua semântica, embora profile prototipicamente uma origem e não um ponto de chegada. Outros *constructos* licenciados por essa relação são apresentados abaixo:

- (19) No fim de um quarto de hora a moça levantou a cabeça e **com as mãos afastou para trás das orelhas as aneladas madeixas**, que lhe brincavam nas faces;

estava então perigosamente fascinadora! era já absolutamente outra. (18:Macedo:Moço).

- (20) Entre as ombreiras da porta, Júlia olha para o marido, que se vai ocultando por detrás da quebrada, para além do barranco. **Afasta a vista para mais longe**, para o sobreiro solitário na encosta. No entretanto, os olhos desfocados enchem-se de névoa. (19:Fic:Pt:Fonseca:Seara).

Em (19), a moça (Argumento Nulo Definido) causa o movimento de seus cabelos para trás de suas orelhas. E, em (20), Júlia (Argumento Nulo Definido) causa o movimento de sua vista para mais longe. Ambas as expressões envolvem uma entidade que causa o movimento de uma outra entidade pelo espaço e, conseqüentemente, são instâncias da Construção de Movimento Causado.

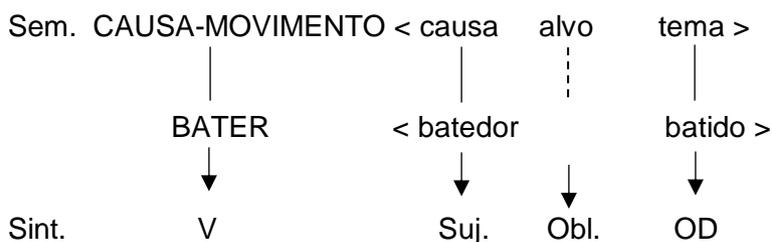
Outro verbo que ocorreu com a Construção de Movimento Causado sem ter uma relação de compatibilidade isomórfica com ela foi o verbo “bater”. O seguinte enunciado atesta o seu uso nessa construção.

- (21) A menina perguntava: "Que é lanceta" **Ela batia a roupa na pedra** e explicava: "São instrumentos que os doutores usam" E Boquinha de Doce ainda murmurava: "Coitadinha! Parece que adivinhava (19:Fic:Br:Meireles:Olhinhos).

Em (21), a entidade referida por “ela” causa o movimento da roupa ao batê-la na pedra. Nesse caso, a expressão corresponde a uma instância da Construção de Movimento Causado em que o verbo indica os meios pelo qual o movimento ocorreu.

O verbo “bater” envolve prototipicamente um evento em que uma entidade golpeia uma outra entidade. Nesse sentido, a sua Estrutura Semântica requisita apenas duas informações: (i) a entidade que bate – o batedor; e (ii) a entidade que é golpeada – o batido. A integração dessa Estrutura Semântica com a Construção de Movimento Causado é representada na Figura 7:

Figura 7: Construção de Movimento Causado e verbo bater.



Fonte: Goldberg (1995, 2006).

De acordo com a Figura 7, os Papéis Participantes – batedor e batido – instanciam os Papéis Argumentais – causa e tema – e a construção contribui de modo independente com o Papel Argumental alvo. Dessa forma, assim como ocorreu com o verbo “afastar”, a construção coage um aspecto do verbo “bater” para envolver a interpretação de deslocamento pelo espaço. A particularidade do verbo “bater” está em denotar os meios pelo qual esse movimento ocorreu, como também atestam as seguintes ocorrências:

- (22) Pomposamente o intérprete redizia em grego ao Pretor os brados tumultuosos, lançados na língua siríaca que fala o povo em Judéia. **Pôncio bateu o borzeguim sobre o mármore**. Os dous lictores ergueram ao ar as varas rematadas numa figura de água; o escriba gritou o nome de Caio Tibério; e logo os braços frementes se abaixaram, e foi como um terror diante da majestade do povo romano. (18:Queirós:Reliquia).
- (23) Maria Augusta desencostara do espaldar, como a querer adivinhar, com impaciência, o que a outra queria dizer. Cacilda; antes de voltar a falar, sorriu, **bateu a cinza do cigarro na borda do cinzeiro**. E ainda sorrindo, de cabeça inclinada: - Sabes quem está de romance com a Flávia? (19:Fic:Br:Montello:Silencio).
- (24) Apontava o elmo ao velho Silvestre: - Aqui lho deixo; quero-lhe tanto como à Maria dos Prazeres; aqui ficam os dois à sua honrada guarda. **O lavrador bateu a ponta dos dedos na relíquia** e tirou um som choco, de lata: - Como material, não é lá grande coisa. Mas deixe ficar a antiqualha, D. Fernando. (19:Fic:Pt:Dantas:Abelhas).

Em (22), Pôncio causa o movimento do borzeguim – uma espécie de bota – ao batê-lo sobre o mármore. Em (23), Cacilda (Argumento Nulo Definido) causa o movimento das cinzas do cigarro para o cinzeiro ao batê-lo em sua borda. E, em (24), o lavrador causa o movimento dos seus dedos ao batê-los em uma relíquia. Em todos esses casos, as expressões são instâncias da Construção de Movimento Causado e o verbo “bater” especifica em alguma medida que o movimento envolve um golpe ou um impacto com força do tema sobre o alvo.

O verbo “espirrar” também foi atestado na Construção de Movimento Causado, conforme o seguinte uso:

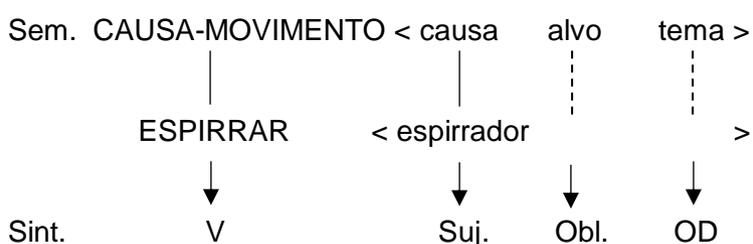
- (25) O leitor pode comprovar este fato em sua própria casa: **espirre algumas gotas de água sobre uma superfície seca**. O leitor vai perceber então a formação de pequenas esferas de água. Seque a superfície e espalhe algumas gotas de detergente, de modo que uma pequena camada de detergente cubra sobre a superfície. ao espirrar gotas de água agora, o leitor irá perceber então que não serão mais formadas gotas redondas de água, e esta irá espalhar-se sobre a superfície. (19Ac:Br:Enc).

Em (25), por ser uma expressão no imperativo, a interpretação envolve o leitor como uma suposta causa. Assim, nesse enunciado, uma entidade (o leitor) pode causar o movimento de algumas gotas de água sobre uma superfície seca, correspondendo a uma instância da Construção de Movimento Causado.

Esse verbo é especialmente interessante por ser o melhor correspondente para traduzir o verbo “sneeze” em Língua Portuguesa. Goldberg (1995, 2006) utiliza bastante esse verbo como recurso argumentativo, porque, em sua Estrutura Semântica, há apenas a exigência por uma informação, sendo prototipicamente um verbo intransitivo em Língua Inglesa. Assim, é um excelente exemplo para demonstrar a coerção que as Construções de Estrutura Argumental exercem sobre os itens lexicais.

Em Língua Portuguesa, o verbo “espirrar” também envolve uma cena em que uma entidade dá um espirro, ou seja, expulsa o ar pelo nariz e pela boca de modo brusco e motivado por alguma irritação. Nesse caso, a sua Estrutura Semântica também requisita apenas uma informação: (i) aquele que espirra – o espirrador. A Figura 8, a seguir, representa a relação entre a sua Estrutura Semântica e a Construção de Movimento Causado:

Figura 8: Construção de Movimento Causado e verbo espirrar.



Fonte: Goldberg (1995, 2006).

Pela Figura 8, observa-se que o Papel Participante espirrador é construído como uma instância do Papel Argumental causa, enquanto a construção contribui com dois Papéis Argumentais – alvo e tema – que não são previstos na semântica do verbo.

Goldberg (2006) explica que o verbo “sneeze” envolve uma força causal em sua interpretação e, por isso, ele pode ser usado na Construção de Movimento Causado em Língua Inglesa. Essa mesma explicação pode ser aplicada ao verbo

“espirrar” em Língua Portuguesa, uma vez que esse verbo evoca exatamente o mesmo evento.

Outras ocorrências do verbo “espirrar” na Construção de Movimento Causado são apresentadas a seguir:

- (26) Paavo passou-lhe a rasteira como quem fosse ajudar. Índio caiu vertical no fosso, afundando até o pescoço. **Espirrou merda por todo lado**. Merda de anos. (19:Fic:Br:Carvalho:Suomi).
- (27) A Rosa, porém, trêmula, se confundia toda. Não sabia se segurava o pescoço pelado, em que ia passar a faca, ou se imobilizava a galinha pelos pés. ao me ver, se afobou mais e **deixou espirrar sangue por todo lado**. Censurei o que estavam fazendo, mas nenhuma das duas se importou. (19:Fic:Br:Resende:Braco).

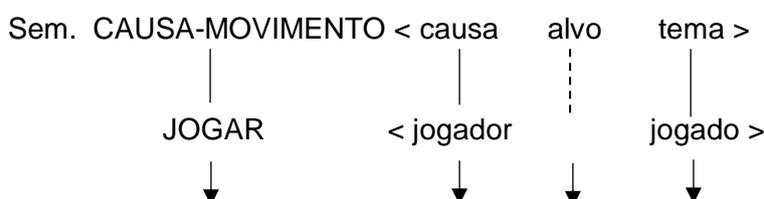
Em (26), o Índio (Argumento Nulo Definido), ao cair no fosso, causa o movimento de merda para todo lado. E, em (27), a Rosa (Argumento Nulo Definido), ao cortar uma galinha, causa o movimento de sangue para todo lado. Em ambas as expressões, há uma entidade que causa o movimento de uma outra entidade pelo espaço e, portanto, também são instâncias da Construção de Movimento Causado.

O verbo “jogar” foi outro caso sem compatibilidade isomórfica com essa construção. Os enunciados, a seguir, atestam esse seu uso:

- (28) **Márcia jogou o jornal no meio da sala**: - Quero ser reconhecida pelo meu próprio talento. Me recuso a alimentar toda essa necrofilia baixo-astral em torno da minha mãe. Subiu as escadas, bateu uma porta. **Patrícia jogou o livro sobre a poltrona**: - É assim mesmo. Ela é Leão, uma estrela. Você é Aquário, o oposto. (19:Fic:Br:Abreu:Onde).

Em (28), ambas as expressões destacadas evocam a cena associada à Construção de Movimento Causado. O verbo jogar, em seu sentido prototípico, envolve um evento em que uma entidade pratica alguma atividade lúdica ou algum esporte, como videogames, voleibol, futebol, etc. Nesse sentido, a sua Estrutura Semântica requisita somente duas informações: (i) aquele que joga – o jogador; e (ii) o que é praticado – o jogado. A Figura 9 representa a relação entre essa Estrutura Semântica e a construção:

Figura 9: Construção de Movimento Causado e verbo jogar.



Sint. V Suj. Obl. OD

Fonte: Goldberg (1995, 2006).

Na Figura 9, os Papéis Participantes jogador e jogado são construídos como instâncias dos Papéis Argumentais causa e tema e a construção contribui com o Papel Argumental alvo. Dessa forma, a construção coage a interpretação do verbo “jogar” para indicar um movimento causado ao longo de um espaço, reinterpretando-o como se fosse um verbo de movimento balístico semelhante aos verbos “arremessar”, “atirar” e “lançar”. Outros usos que provam essa relação são apresentados abaixo:

- (29) perguntou quanto é que ele pagou pelo peixe - e ele respondeu que pagou xis pelo peixe - o indivíduo ficou escandalizado - entrou no mercado - procurou o comprador de peixe - deu um escândalo - chamou - os soldados – **jogou o peixe no chão** - pisou mandou que pisasse todo aquele peixe estragou tudo - e no fim pediu desculpa ao amigo ao amigo por ter sido explorado se despediu e foi embora (19Or:Br:LF:Recf).
- (30) Lembrava-se de alguém o ter chamado assim nos idos de 68. " Agua de calça, é? Não vai também me chamar de fruta, seu brocha " Estavam no Riviera, **Leo muito bêbado jogou o copo de chopp na cara dele**. Beny, que não estava tão bêbado, disse: " Este chopp está uma merda ", enquanto lambia as gotas que lhe escorriam pelo rosto. (19:Fic:Br:Amaral:Amigos).
- (31) O telefone tocou, ela atendeu, e eu fiquei sozinho com a folha em branco e a máquina de escrever. Escrever o quê? Tinha decidido apenas não revelar que Márcia era filha de Dulce Veiga, isso era assunto para Teresinha. E tudo o que eu lembrava era tão vago, quase incontável. Datilografei um inevitável gwertyuiop. Amassei a lauda, **joguei no lixo**. Acendi um cigarro. (19:Fic:Br:Abreu:Onde).

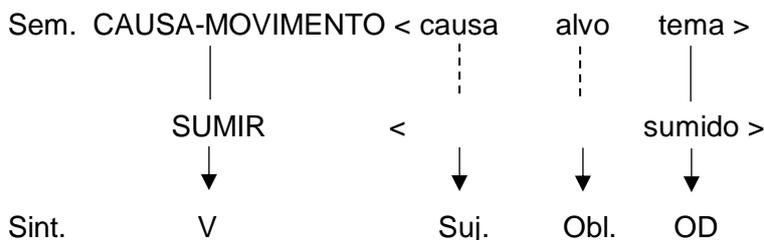
Em (29), um indivíduo (Argumento Nulo Definido) causa o movimento de um peixe para o chão; em (30), Leo causa o movimento do chopp para o rosto de Beny; e, em (31), o narrador (Argumento Nulo Definido) causa o movimento de uma lauda (Argumento Nulo Definido) para o lixo, sendo todas essas expressões instâncias da Construção de Movimento Causado.

Um outro caso de incompatibilidade foi com o uso do verbo “sumir”, como já apresentado no segundo capítulo. Sua única ocorrência é apresentada novamente a seguir:

- (32) Atirei os braços, compreendendo: - Ah! bem! Queres ir assistir à trasladação, **Jacinto sumiu a carta no bôlso**. - Pois não te parece, Zé Fernandes? Não é por causa dos outros avós, que são ossos vagos, e que eu não conheci. É por causa do avô Galião. (18:Queirós:Ramires).

Em (32), Jacinto causa o movimento de uma carta para o seu bolso. Prototipicamente, o verbo “sumir” envolve uma cena em que uma entidade desaparece. Nesse sentido, a sua Estrutura Semântica requisita apenas uma informação: (i) quem some – o sumido. A Figura 10 representa a relação entre essa Estrutura Semântica e a Estrutura Argumental da construção:

Figura 10: Construção de Movimento Causado e verbo sumir.



Fonte: adaptado de Goldberg (1995, 2006).

De acordo com a Figura 10, o Papel Participante sumido é construído como uma instância do Papel Argumental tema, enquanto a construção contribui com dois Papéis Argumentais que não são previstos na semântica do verbo, como indica as duas linhas pontilhadas. Nesse caso, a construção coage a interpretação do verbo “sumir” para evocar uma cena causativa-manipulativa com real movimento.

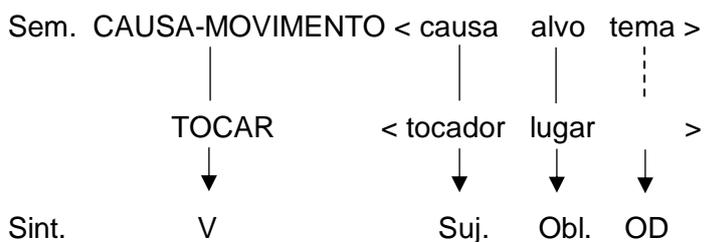
Como exposto no segundo capítulo, o verbo “sumir” denota o resultado associado com a semântica da Construção de Movimento Causado. Desse modo, quando Jacinto desloca a carta para o bolso, conseqüentemente ele a oculta da visão externa. Em casos como esse em que a relação entre o verbo e a construção denota a noção de resultado, a construção contribui com um argumento agentivo, como pode ser verificado na Figura 10. Nesse caso, a Construção de Movimento Causado contribuiu com o argumento causa que é naturalmente uma entidade agentiva.

O último verbo constatado sem compatibilidade isomórfica com a Construção de Movimento Causado em seu sentido prototípico foi o verbo “tocar”, como atesta o seguinte uso:

- (33) Quando chegaram a beira do rio, começavam a atravessá-lo os três malfeitores que sabemos. **Os tangedores tocaram os bois para a água**, e iam estes pelo meio do rio, quando soou o primeiro tiro o que fôra disparado por Pedro Lima; (18:Távora:Lourenço)

Em (33), os tangedores causam o movimento dos bois para a água. O verbo “tocar” evoca prototipicamente uma cena em que uma entidade põe a mão em um lugar ou em uma coisa. Nesse caso, a sua Estrutura Semântica requisita duas informações: (i) quem toca – o tocador; e (ii) o que é tocado – o local. A Figura 11 representa a relação entre essa Estrutura Semântica e a Construção de Movimento Causado:

Figura 11: Construção de Movimento Causado e verbo tocar.



Fonte: adaptado de Goldberg (1995, 2006).

Pela Figura 11, os Papéis Participantes tocador e lugar são instâncias dos Papéis Argumentais causa e alvo, e a construção contribui com o Papel Argumental tema que não possui correspondência na semântica do verbo. Outras ocorrências que atestam o uso desse verbo nessa construção são apresentadas a seguir:

- (34) Eu fui, depois ceei com ele, mas era desses homens que avançam em cima da gente de dente trincado, até parou o carro, e então eu disse que **se ele não tocasse o carro prá frente** eu gritava; e voltamos sem novidade para o hotel. (19:Fic:Br:Queirós:Dora).
- (35) Uma vez, tendo empurrado cautelosamente a porta, ouvira a criada dizer que Diana ia se casar com um matuto. Ela se defendera, rindo no começo, mas acabara por se zangar e **tocara a criada para fora**, com murros decididos. Era violenta e autoritária. (19:Fic:Br:Cardoso:Dias).
- (36) Não resisti porque fiquei com vergonha, afinal eu tinha chegado até ali da minha livre vontade. Mas no que caiu na cama e **tocou a cabeça na almofada**, ele passou as mãos ao redor do meu pescoço, procurou me beijar e resmungou com a fala mole:
- Meu bem, vamos dormir um pouquinho, estou tão cansado, cansado!
(19:Fic:Br:Queirós:Dora).

Em (34), sendo uma situação hipotética, a entidade representada pelo pronome “ele” causaria o movimento de um carro para a frente. Em (35), Diana (Argumento Nulo Definido) causa o movimento da criada para fora. E, em (36), uma entidade (Argumento Nulo Definido) causa o movimento de sua cabeça para a almofada. Sendo

assim, em todas essas expressões, a conceptualização envolve a cena básica evocada pela Construção de Movimento Causado.

Essas expressões indicam ainda a ampla natureza do Papel Argumental tema, não se limitando apenas a uma parte do corpo humano, como a mão. Dessa forma, observa-se que a restrição de uma entidade a ser deslocada pelo espaço é uma exigência do próprio padrão construcional independentemente do verbo que a instancie em uso.

A Construção de Movimento Causado, portanto, pode contribuir virtualmente com qualquer um de seus Papéis Argumentais em suas ocorrências mais prototípicas. Pelos *constructos* acima, a construção contribuiu com o Papel Argumental alvo no uso dos verbos “afastar”, “bater” e “jogar”; com os Papéis Argumentais alvo e tema no uso do verbo “espirrar”; com os Papéis Argumentais causa e alvo no uso do verbo “sumir”; e com o Papel Argumental tema no uso do verbo “tocar”.

Em todos esses casos, porém, houve a exigência de pelo menos um Papel Argumental da construção se fundir com um Papel Participante dos verbos, como já previsto pela abordagem de Goldberg (1995). Nesse contexto, é sempre um Papel Argumental perfilado que se funde a um Papel Participante por ser uma entidade de proeminência discursiva. No uso da Construção de Movimento Causado, por exemplo, a integração ocorreu com o Papel Argumental causa ou com o Papel Argumental tema que correspondem respectivamente às funções sintáticas de sujeito e de objeto direto. No mais, a Construção de Movimento Causado pode contribuir até com dois Papéis Argumentais em um único uso.

5.2 CONDIÇÕES DE SATISFAÇÃO IMPLICAM ‘X CAUSA Y A MOVER Z’

Na extensão “Condições de Satisfação Implicam ‘X causa Y a mover Z’”, como já apresentado, o movimento não está totalmente envolvido, porque a sua realização depende da satisfação do ato denotado pelo verbo. Pelo Gráfico 1, constatou-se que a sua Frequência *Type* foi de 2 (dois) verbos. Os enunciados, a seguir, atestam o uso de cada um deles:

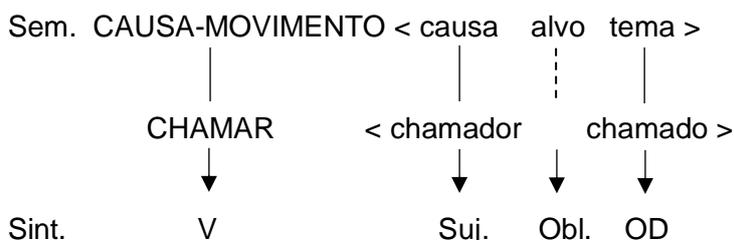
- (37) Nada porém justificava aquela brutalidade de o atirarem todos os dias ao rio, como um cão sem raça. **O diretor chamou ao gabinete o chefe da fiscalização** e, na minha presença, fez-lhe a pergunta: - Que se passa com o Nuno Sebastião? (19:Fic:Pt:Fonseca:Turvo).

- (38) A construção das três linhas do fura-fila está orçada em R\$ 642 milhões. **Pitta também mandou o secretário da Habitação, Lair Krahenbuhl, para Washington (EUA).** A tarefa de Krahenbuhl é buscar financiamento de US\$ 100 milhões no Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) para tocar a segunda etapa do projeto habitacional Cingapura, de verticalização das favelas. (19N:Br:SP).

Em (37), diferentemente dos usos com o sentido prototípico da construção, o diretor só causa o movimento do chefe de fiscalização para o gabinete, se ele acatar ao seu chamado. E, em (38), do mesmo modo, Pitta só causa o movimento de Lair Krahenbuhl para Washington, se a sua ordem for satisfeita por ele.

Os verbos “chamar” e “mandar” em seus sentidos mais básicos não estão associados ao domínio do movimento, mas a atos de comunicação. Prototipicamente, o verbo “chamar” envolve uma cena em que uma entidade diz o nome ou invoca uma outra entidade e, por isso, perfila apenas duas informações em sua Estrutura Semântica: (i) quem chama – o chamador; e (ii) quem é invocado – o chamado. A Figura 12 representa a relação entre essa Estrutura Semântica e a construção:

Figura 12: Condições de Satisfação Implicam X causa Y a mover Z e verbo chamar.



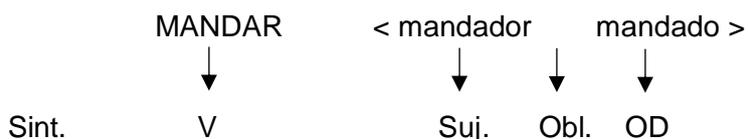
Fonte: adaptado de Goldberg (1995, 2006).

De acordo com a Figura 12, os Papéis Participantes chamador e chamado são construídos como instâncias dos Papéis Argumentais causa e tema, e a construção contribui com o Papel Argumental alvo, como já constatado em outros casos acima.

O verbo “mandar”, por sua vez, envolve um evento em que uma entidade dá ordens a uma outra entidade, perfilando também apenas duas informações em sua Estrutura Semântica: (i) aquele que manda – o mandador; e (ii) aquele que recebe a ordem – o mandado. A Figura 13 representa a integração entre essa Estrutura Semântica e a Estrutura Argumental da construção:

Figura 13: Condições de Satisfação Implicam X causa Y a mover Z e verbo mandar.





Fonte: adaptado de Goldberg (1995, 2006).

Na Figura 13, de modo semelhante ao caso anterior, os Papéis Participantes mandador e mandado são construídos como instâncias dos Papéis Argumentais causa e tema, enquanto o próprio padrão construcional contribui com o Papel Argumental alvo.

Os seguintes *constructos* atestam outras ocorrências desses verbos com a Construção de Movimento Causado:

- (39) Acordo de Dayton Em Agosto, fazendo valer o seu papel de interlocutor privilegiado nas relações com os sérvios, **o presidente russo Boris Ieltsin chamou a Moscovo os presidentes Milosevic (Sérvia) e Tudjman (Croácia)**. Este último anulou o encontro, por não ter sido convidado o presidente bósnio. (19Ac:Pt:Enc).
- (40) Quando já se viam sobre a mesa os numerosos acepipes, foi ela própria tocar a sineta, que ficava no alpendre do quadrado, e **mandou o negrinho ao quarto do Comendador**, para prevenir de que tudo estava pronto. (19:Fic:Br:Penna:Menina).

Em ambas as expressões, o movimento do argumento tema pelo caminho especificado no argumento oblíquo só ocorre se o ato denotado pelo verbo for satisfeito por ele. Em (38), por exemplo, o chamado não é satisfeito pelo presidente Tudjman e, por isso, o presidente russo Boris Ieltsin não causa o seu movimento para Moscovo. Nesse caso, há uma quebra de expectativa quando ele anula o encontro na expressão seguinte. Em (40), por sua vez, uma entidade que é recuperada discursivamente (Argumento Nulo Definido) causa o movimento do negrinho para o quarto do Comendador, uma vez que a sua ordem é satisfeita.

O uso do verbo “mandar” na Construção de Movimento Causado, como observado por Furtado da Cunha (2017), pode ter o sentido próximo ao conceito de “enviar”. Porém, sendo o tema uma entidade agentiva e volitiva, o seu movimento só ocorre sob as condições de satisfação. Observe a seguinte ocorrência para contraste:

- (41) ... resolvo assim ... por exemplo ... **uma entidade manda uma carta lá pra clínica** ... dizendo que:: que tá abrindo credenciamento pra médicos ... aí eu vou ter que saber o que que precisa pra gente se credenciar ... (D&G/ Natal, p. 263, fala) (FURTADO DA CUNHA, 2017, p. 122).

Em (41), uma entidade causa o movimento de uma carta para uma clínica, correspondendo ao sentido de “enviar”. Nesse caso, esse evento é associado à Construção de Movimento Causado por ser um modo convencional de se fazer uma carta chegar em algum lugar. Esse uso por apresentar uma entidade inanimada como argumento tema é uma instância da Construção de Movimento Causado em seu sentido prototípico.

Por outro lado, quando o argumento tema é uma entidade agentiva e volitiva, como consta em (38) e em (40), o verbo “mandar” é uma instância da sua extensão “Condições de Satisfação Implicam ‘X causa Y a mover Z’”. Por essa razão, essa exigência por uma entidade agente e volitiva como argumento tema é uma restrição exclusiva dessa extensão, diferenciando-a, por exemplo, do sentido prototípico da construção com uso do verbo “mandar”.

Nessa extensão, é relevante observar também que ambos os verbos atestados não são isomorficamente compatíveis com a construção. Como verbos que codificam atos comunicativos, eles não requisitam informações espaciais em seus *frames* semânticos e, por isso, a construção contribui com o Papel Argumental alvo em todos os casos.

5.3 X CAUSA Y A NÃO MOVER Z

Na extensão “X causa Y a não mover Z”, há a imposição de uma barreira que causa a permanência de uma entidade em um mesmo lugar, apesar de sua tendência para o movimento. Nesse caso, uma entidade previne o deslocamento de uma outra entidade pelo espaço, sendo o argumento oblíquo o local de sua permanência. Pelo Gráfico 1, a sua Frequência *Type* foi de 3 (três) verbos: “manter”, “prender” e “trancar”. Entre eles, apenas o verbo “trancar” não possui compatibilidade isomórfica com a construção. Os usos abaixo atestam a ocorrência dos verbos “manter” e “prender”:

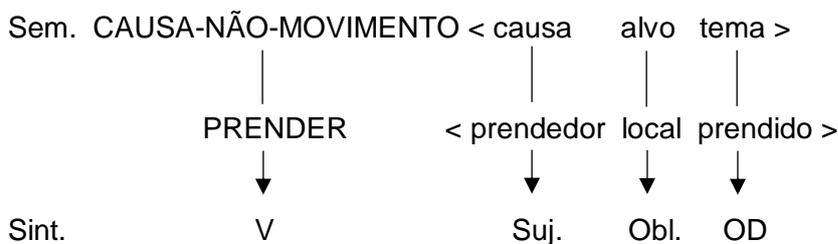
- (42) éh: - eu quero comprar um carro mas por algum motivo eu espero que o preço do carro vá cair - éh: - no mês que vem - então – **eu mantenho o dinheiro em caixa** não compro o carro agora - compro o mês que vem - certo? eu estou especulando no fundo - eu não tenho certeza mas eu acho que - o preço do carro (19Or:Br:LF:SP).
- (43) Dentro deste pátio pouco espaço havia desobstruído; aqui um monte de rama de pinheiro, além duas ou três rimas de achas, acolá um tronco de laranjeira partido, uma mó de moinho, dois carros desaparelhados, dornas, arados, pipas, canastras,

escadas de mão e vários outros utensílios de lavoura e de uso doméstico. **Maurício prendeu o cavalo ao muro** e entrou para o pátio. Abria-se para este a porta da cozinha; (18:Dinis:Fidalgos).

Em (42), o falante previne o movimento do seu dinheiro para fora do caixa, embora a sua tendência (desejo) seja gastá-lo para comprar um carro. Nesse caso, o sentido dessa expressão é metafórico, uma vez que manter ou não o dinheiro é uma questão de gastá-lo e não de movê-lo pelo espaço. E, em (43), Maurício previne o movimento do cavalo ao prendê-lo ao muro.

Para se concentrar apenas em um dos casos de compatibilidade perfeita, selecionou-se o verbo “prender”. Esse verbo evoca uma cena em que uma entidade fixa uma outra entidade em um determinado espaço. Em função disso, a sua Estrutura Semântica requisita três informações: (i) quem prende – o prendedor; (ii) quem é preso – o prendido; e (iii) uma informação espacial – o local. A Figura 14 representa a relação entre essa Estrutura Semântica e a Estrutura Argumental da construção:

Figura 14: X causa Y a não mover Z e verbo prender.



Fonte: adaptado de Goldberg (1995, 2006).

Pela Figura 14, os Papéis Participantes – prendedor, local e prendido – são isomorficamente compatíveis com os Papéis Argumentais – causa, alvo e tema. Sendo assim, a Estrutura Semântica desse verbo se constrói como uma instância prototípica da Estrutura Argumental da construção. Outros usos são apresentados abaixo:

- (44) Uma mulher turca cortou o pênis de o marido a o saber que ele pensava em se casar com outra, informou ontem a imprensa de o país. **Zeynep Atici prendeu o marido em a cama** e cortou o pênis de ele com um facão. Vizinhos levaram Abdula Konak a o hospital, onde o pênis foi reimplantado. (19N:Br:Folha).
- (45) Peri voltou trazendo uma linda flor silvestre que encontrara no jardim; era uma parasita aveludada, de lindo escarlate. **A menina prendeu a flor nos cabelos**, satisfeita por ter cumprido um inocente desejo de Peri, que só vivia para cumprir os seus; (18:Alencar:Guarani).

Em (44), Zeynep Atici impede o movimento do marido ao prendê-lo na cama. E, em (45), uma menina causa a permanência de uma flor em seus cabelos. Em ambas as expressões, uma entidade causa a permanência de uma outra entidade em um mesmo lugar e, por isso, são todas instâncias dessa extensão da Construção de Movimento Causado – “X causa Y a não mover Z”.

Observa-se também que o argumento tema não precisa ser necessariamente uma entidade agentiva e volitiva nessa extensão. Assim, ele pode envolver qualquer entidade suscetível de deslocamento com tendência inerente ou não para o movimento. Isso é evidenciado pela ocorrência em (45), cujo argumento tema se refere a uma flor.

O verbo “trancar”, por sua vez, é atestado na Construção de Movimento Causado pelos seguintes *constructos*:

- (46) Já formado e praticante no escritório do Dr. Caetano Alberto, passava eu o dia, ausente de nossa chácara, à Rua do Maruí, nº 7 A. Meus queridos manuscritos, o mais precioso tesouro para mim, **eu os trancara na cômoda**; como, porém, tomassem o lugar da roupa, os tinham, sem que eu soubesse, arrumado na estante. (18:Alencar:Romancista).
- (47) Assim mesmo inclinada, interrogava o criado sobre o trato do cão. -Agora come, sim, senhora; logo que meu amo foi embora, não queria comer nem beber; -eu até pensei que estivesse danado. -Come bem? -Come pouco. -Procura pelo senhor? - Parece que procura, respondeu Raimundo tapando o riso com a mão; mas **eu tranquei ele no quarto**, para não fugir. Já não chora; a princípio chorava muito, que até me acordava. (18:Machado: Borba).

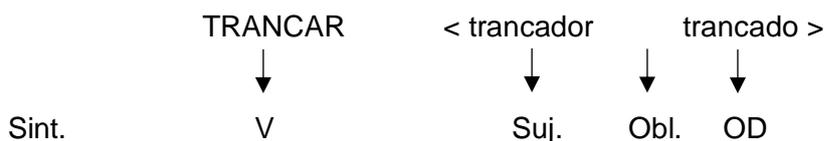
Em (46), o narrador previne o movimento de seus manuscritos para fora da cômoda. E, em (47), o narrador previne o movimento de um cão para fora do quarto. Em todos esses casos, há uma entidade que priva uma outra entidade do seu movimento e, portanto, são instâncias da extensão “X causa Y a não mover Z”.

Prototipicamente, o verbo “trancar” se refere a uma cena em que uma entidade fecha com tranca uma outra entidade. Desse modo, a sua Estrutura Semântica requisita apenas duas informações: (i) quem tranca – o trancador; e (ii) o que é fechado – o trancado. A relação entre essa Estrutura Semântica e a construção é representada pela Figura 15:

Figura 15: X causa Y a não mover Z e verbo trancar.

Sem. CAUSA-NÃO-MOVIMENTO < causa alvo tema >

		⋮	
--	--	---	--



Fonte: adaptado de Goldberg (1995, 2006).

Na Figura 15, observa-se que os Papéis Participantes *trancador* e *trancado* são construídos como instâncias dos Papéis Argumentais *causa* e *tema*. Nesse contexto, a própria construção contribui com o Papel Argumental *alvo* independentemente da Estrutura Semântica do verbo. Dessa forma, a construção coage a semântica do verbo para gerar uma interpretação em que uma entidade priva o movimento de uma outra entidade pelo espaço. Esse foi o único caso em que a construção precisou contribuir com um Papel Argumental nessa extensão.

5.4 CONSTRUÇÃO DE MOVIMENTO CAUSADO POR CONDUÇÃO

Nessa extensão, tanto o sujeito quanto o objeto direto se movem ao longo de um caminho ou para um determinado lugar. Contudo, para o movimento do objeto direto ser efetivamente realizado pelo caminho especificado, é necessário que exista uma outra entidade – o sujeito – que o conduza através dele. Dessa forma, constatou-se que essa extensão também implica causalidade em sua interpretação e, por isso, optou-se por chamá-la de Construção de Movimento Causado por Condução.

A sua Frequência *Type*, como consta no Gráfico 1, foi de 5 (cinco) verbos diferentes: “arrastar”, “conduzir”, “levar”, “puxar” e “trazer”. Todos eles apresentam compatibilidade isomórfica com a Construção de Movimento Causado. Os seguintes usos atestam algumas de suas ocorrências:

- (48) E as palavras de exprobração que iam soltar seus sábios - gelou-as um misterioso respeito. **A rainha arrastou seu marido para a câmara régia**. Aninhando-se-lhe aos pés, disse-lhe: - Pensei muito durante este passeio. Não mo censureis, porque decidi da nossa vida. Estou re - #11 solvida a afastar-me para que outra vos dê o filho que vos não posso dar. (19:Fic:Pt:Regio:Principe).
- (49) Só por ser filho de quem é! Afrouxou os dedos, largou-lhe o braço. E enquanto Hilário ficava aturdido, sem uma palavra, **Firmino puxou devagar a égua para o curral**. Cobriu-a com a manta e tornou a sair. (19:Fic:Pt:Oliveira:Casa).
- (50) Fie mesmo construía canudos especiais pelos quais fazia as crianças olharem as aves, contra a necessidade das próprias crianças que era saber, sobre os pássaros, quais os úteis e os inúteis, os que davam bons exemplos aos homens com os seus hábitos, e escrever isso em boa caligrafia. Mas **esse transviado trazia para a sala de**

aula pássaros vivos e pássaros mortos, abria-lhes as asas, mostrava a diferença das penas, as articulações das patas no poiso e no voo. (19:Fic:Pt:Jorge:Paixão).

Em todos esses usos, há uma entidade que causa o movimento de uma outra entidade ao conduzi-la para o espaço especificado no sintagma preposicionado. Em (48), por exemplo, a rainha causa o movimento de seu marido ao conduzi-lo para a câmara régia. Nesse caso, a noção de condução é essencial por ela determinar o percurso de seu marido até a câmara. O mesmo é válido para as outras ocorrências acima.

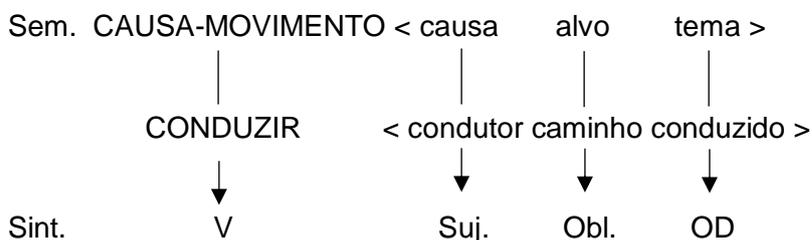
A fim de delimitar a apresentação, a discussão se concentra na relação entre os verbos “conduzir” e “levar” com a construção. Considere as seguintes ocorrências:

- (51) Um pastor de 14 anos de idade foi vítima de uma faísca que matou 25 animais. **O pequeno pastor conduziu ainda as ovelhas sobreviventes ao curral**, e só depois foi internado no hospital distrital de Macedo de Cavaleiros. (19N:Pt:Jornal).
- (52) Depois a gente se vê. - Foi uma pena essa confusão toda - lamentei. - Eu já estava entrando no clima. - E assim mesmo. não existe o lugar ideal. **Um monge zen levou seu discípulo a uma ponte muito movimentada** e lhe disse que meditasse. Voltou no fim do dia e o discípulo se lamentou, pois não pudera meditar no meio de tanto ruído. (19:Fic:Br:Costa:Sala).

Em (51), o pastor causa o movimento de suas ovelhas para o curral ao conduzi-las até lá. E, em (52), um monge causa o movimento de seu discípulo para uma ponte ao leva-lo para lá. Ambos os usos envolvem um guia para o movimento ser realizado para o curral ou para a ponte.

Prototipicamente, o verbo conduzir envolve uma cena em que uma entidade guia uma outra entidade por um caminho. Em função disso, a sua Estrutura Semântica requisita três informações: (i) aquele que conduz – o condutor; (ii) aquele que é guiado – o conduzido; e (iii) uma informação espacial – o caminho. A Figura 16 representa a fusão entre essa Estrutura Semântica e a Estrutura Argumental da construção:

Figura 16: Construção de Movimento Causado por Condução e verbo conduzir.

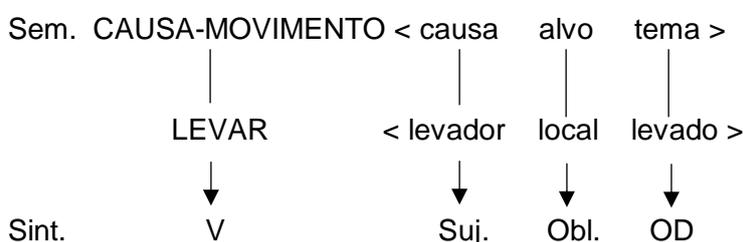


Fonte: adaptado de Goldberg (1995, 2006).

Na Figura 16, os Papéis Participantes – condutor, caminho e conduzido – são associados isomorficamente aos Papéis Argumentais – causa, alvo e tema. Assim, o verbo “conduzir” é uma instância prototípica da Construção de Movimento Causado, mas vinculado à sua extensão em que o movimento causado ocorre por condução.

O verbo “levar”, por seu turno, envolve uma cena em que uma entidade transporta uma outra entidade através do espaço. Em razão disso, a sua Estrutura Semântica requisita três informações: (i) quem leva – o levador; (ii) quem é transportado – o levado; e (iii) uma informação espacial – o local. A relação entre essa Estrutura Semântica e a Estrutura Argumental da construção é representada na Figura 17:

Figura 17: Construção de Movimento Causado por Condução e verbo levar.



Fonte: adaptado de Goldberg (1995, 2006).

Pela Figura 17, a Estrutura Semântica do verbo “levar” também é isomorficamente compatível com a Estrutura Argumental da construção. Desse modo, ambos estão associados por uma relação de instância, assim como visto com o verbo “conduzir”. Os enunciados abaixo atestam outras ocorrências desses verbos:

- (53) O patrício o esperava, em ceroulas, camisa de algodão aberta ao peito, donde despontava um emaranhado de cabelos negros, alguns já embranquecidos. Festejou-o, **conduziu-o à casa**, um chalé de ar simpático, batido por ventos salinosos. Duas redes já se encontravam armadas no alpendre, além de outra cujos punhos se amarravam em coqueiros. (19:Fic:Br:Lemos:Espaco).
- (54) passaram por uma cidade maior quando a filha de Justina caiu doente, os retirantes acamparam na praça maior do lugar, **Antonio levou a menina ao hospital**, um enfermeiro mulato, forte, camisa aberta na frente, quis saber para onde iam. - Salvador, Bahia. (19:Fic:Br:Olinto:Sanque).

Em (53), o patrício (Argumento Nulo Definido) causa o movimento de uma outra entidade ao conduzi-la até a casa. E, em (54), Antonio causa o movimento de uma menina ao levá-la até o hospital. Nesses usos, o sujeito também se move para o lugar

especificado no argumento oblíquo, sendo um guia ou um condutor, e, por isso, a interpretação envolve a noção de condução.

O verbo “levar” e também o verbo “puxar” ocorreram tanto com o sentido prototípico da Construção de Movimento Causado quanto com essa sua extensão. O que distingue um uso do outro é justamente o movimento tanto do sujeito quanto do objeto direto. Considere, por exemplo, os seguintes *constructos*:

- (55) Como se fosse um cigarro, **Castilhos levou a caneta até a boca**. E só depois de ter chupado distraído a tampa, olhando para mim por cima dos óculos na ponta do nariz, foi que pareceu compreender. (19:Fic:Br:Abreu:Onde).
- (56) Munda, não quero mais ver você catando mandacaru. Se ela não catasse, quem iria catar, ele? - E que esta situação vai mudar, minha filha! **A mulher levou a mão ao coração**. O Nicolino dissera o mesmo, porém com as porradas marcando as frases. Deus a livrasse de um semelhante. (19:Fic:Br:Carvalho:Suomi).
- (57) O velho Jaime não se conteve: - Mas tanto assim também é demais! Eu sozinho não posso sustentar a polícia! **E levou a mão ao bolso onde enfiava as listas do jogo**. A mão do secreta foi mais rápida - um punquista não teria dedo mais ligeiros, pensou Mariano. (19:Fic:Br:Queirós:Galo).

Todas essas expressões são instâncias da Construção de Movimento Causado em seu sentido prototípico, porque não envolvem o movimento do sujeito para um espaço diferente de sua atual localização. Em (55), Castilhos causa o movimento de uma caneta até a sua boca. Em (56), a mulher causa o movimento de sua mão até a região do coração em seu peito. E, em (57), Jaime (Argumento Nulo Definido) causa o movimento de sua mão para o bolso. Dessa forma, nesses enunciados, o movimento gira em torno do próprio eixo corporal do sujeito.

Quando o sujeito também é deslocado pelo espaço, alterando a sua atual localização, a interpretação envolve a noção de condução, como atestado pelas suas ocorrências em (52) e em (54). Desse modo, a expressão é considerada uma instância da sua extensão nomeada como Construção de Movimento Causado por Condução. Nesse agrupamento, diferentemente das outras extensões, todos os verbos foram isomorficamente compatíveis com a construção.

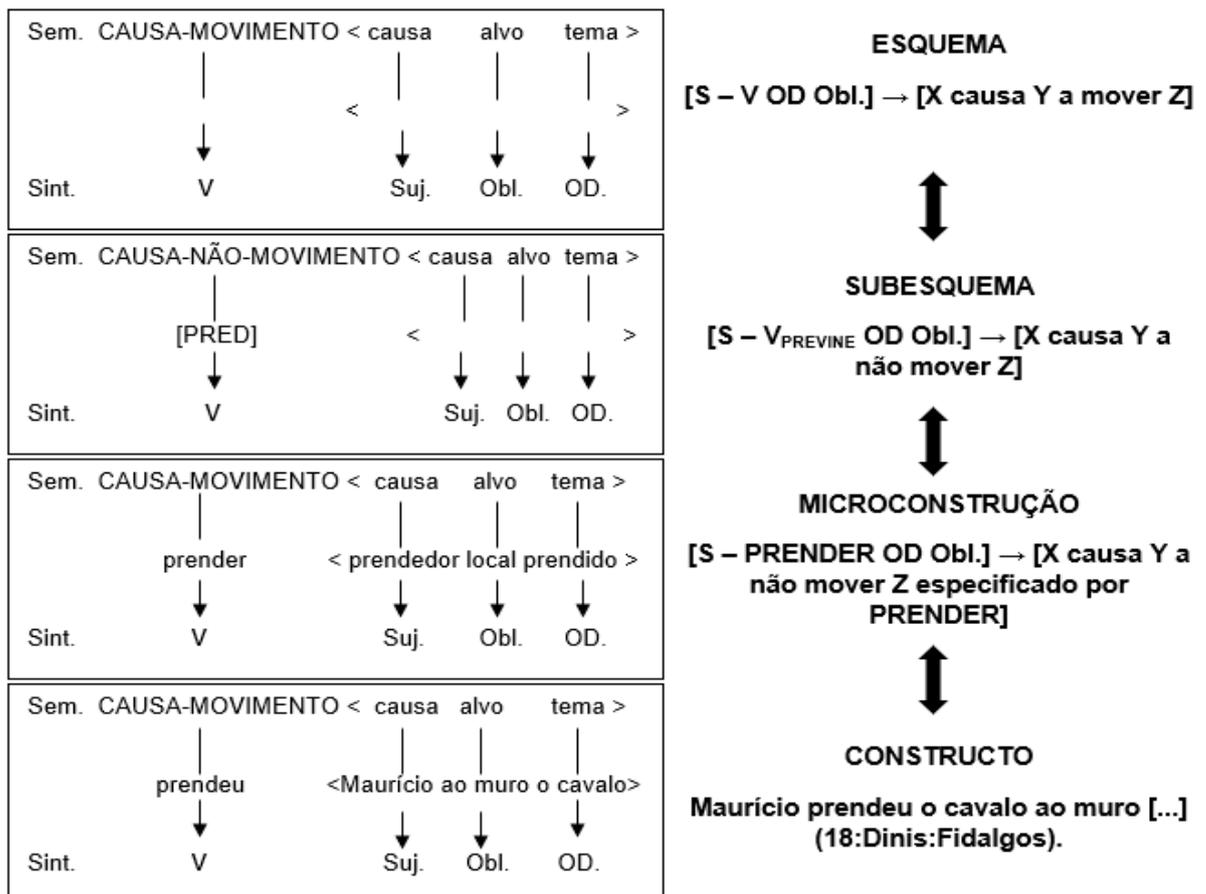
5.5 A REDE DA CONSTRUÇÃO DE MOVIMENTO CAUSADO EM LÍNGUA PORTUGUESA

Na Gramática de Construções, como apresentado nos primeiros capítulos, utiliza-se a metáfora de rede para capturar as relações que são estabelecidas entre

as diferentes construções de uma gramática – as chamadas Relações Taxonômicas. Por essa metalinguagem, cada construção compõe um nó que pode estar relacionado a outro nó, integrando uma rede de informações inter-relacionadas. A base para essa compreensão está no Princípio da Motivação Maximizada em que uma construção motiva a outra na medida que compartilham aspectos formais como resultado de uma relação semântica, o que é capturado pelos Elos de Herança.

Durante a análise, constatou-se que a Construção de Movimento Causado está associada a outras três construções por Elos de Polissemia. A generalização entre essas construções é apreendida por uma Hierarquia de Herança Construcional, cuja representação se dá por meio de diferentes diagramas. Na Figura 1, por exemplo, seguiu-se um modelo de diagrama radial para demonstrar que as extensões da Construção de Movimento Causado irradiam do seu sentido prototípico. Contudo, pela terminologia de Traugott e Trousdale (2013), é possível capturar essa relação de acordo com os níveis de esquematicidade. À guisa de demonstração, considere a Figura 18:

Figura 18: Níveis de Esquematicidade na Construção de Movimento Causado.



Fonte: autoria própria.

Pela Figura 18, a Construção de Movimento Causado é um Esquema totalmente abstrato que conceptualiza um tipo de evento causativo-manipulativo, sendo representado como [S – V OD Obl.] → [X causa Y a mover Z]. No entanto, como uma generalização sobre instâncias concretas da língua, esse Esquema pode ser ramificado em Subesquemas que correspondem a subagrupamentos de verbos semanticamente contíguos.

Na Figura 18, o Subesquema representa a extensão “X causa Y a não mover Z” em que há a imposição de uma barreira que causa a permanência de uma entidade em um mesmo lugar. Por essa particularidade, essa extensão se constitui como um tipo de evento mais específico na hierarquia, sendo representada como [S – V_{PREVINE} OD Obl.] → [X causa Y a não mover Z].

Segundo Goldberg (2019), o agrupamento linguístico segue os princípios gerais de categorização e, por isso, as instâncias semanticamente relacionadas tendem a permanecer mais próximas no Espaço Conceptual Hiperdimensional. Desse modo, nesse Subesquema, forma-se um subagrupamento restritamente composto por verbos, cuja semântica está associada à privação de movimento, como os verbos “manter”, “prender” e “trancar” que foram atestados nas ocorrências em análise.

Abaixo desse Subesquema está a Microconstrução onde se estabelece a relação entre a Estrutura Argumental da construção e a Estrutura Semântica de um verbo. Na Figura 18, essa relação é representada pelo uso do verbo “prender”, como indicado pela estrutura [S – PRENDER OD Obl.] → [X causa Y a não mover Z especificado por PRENDER]. Nesse nível, o evento vinculado à construção é elaborado de modo mais específico a partir de um verbo, gerando expressões oracionais completas no nível do *constructo*, como em “Maurício prendeu o cavalo ao muro” (18:Dinis:Fidalgos).

Essa esquematicidade das Construções de Estrutura Argumental já foi abordada por Barðdal (2006) que a sistematiza gradativamente em termos de: Construção Esquemática/Abstrata → Classes Verbais → Subclasses Verbais → Verbos Específicos. Aqui, essa relação só foi adaptada aos termos de Traugott e Trousdale (2013), delimitando-se apenas a três níveis esquemáticos.

Furtado da Cunha (2017) também adota essa sistematização de Traugott e Trousdale (2013). Porém, há duas distinções entre a sua proposta e a presente

análise. Primeiramente, a autora não associa os diferentes sentidos da Construção de Movimento Causado a classes verbais no nível do Subesquema. Em segundo, ela caracteriza as Microconstruções por “verbos do tipo X” em que X é ocupado por um verbo, implicando em uma categoria semântica nesse nível.

Nessa análise, em contrapartida, definiu-se os Subesquemas como subagrupamentos verbais, uma vez que todos eles estão associados a classes verbais semanticamente restritas, como verificado na primeira parte dessa análise, e também por delimitar as instâncias mais prototípicas e mais periféricas associadas à Construção de Movimento Causado. Assim, essa classificação demonstra ser mais produtiva para analisar as Construções de Estrutura Argumental.

As Microconstruções, por sua vez, foram definidas estritamente por um único verbo, diferenciando-se também de Furtado da Cunha (2017). Durante a análise, constatou-se que um único verbo na Construção de Movimento Causado pode ocorrer com um conjunto variado de sintagmas nominais e de sintagmas preposicionados. Essa evidência indica que um verbo pode ou não apresentar produtividade em uma dada construção e, por isso, há maiores benefícios em tratá-lo como uma informação específica no nível da Microconstrução. Além disso, salienta-se que é justamente essa relação entre um verbo e uma Construção de Estrutura Argumental que licencia os usos no nível do *constructo*.

Os diferentes quadros na lateral esquerda da Figura 18 indicam que a Estrutura de Superfície da Construção de Movimento Causado permanece conservada independentemente dos níveis postulados por Traugott e Trousdale (2013). Assim, essa esquematização em níveis representa apenas um método para a representação sistemática das informações associadas ao agrupamento das Construções de Estrutura Argumental.

A partir dessa discussão, definiu-se a seguinte Hierarquia de Herança Construcional para a Construção de Movimento Causado em Língua Portuguesa:

Figura 19: Relações de Hierarquia na Construção de Movimento Causado em Língua Portuguesa.



Fonte: autoria própria.

Na Figura 19, há a representação hierárquica da Construção de Movimento Causado de acordo com os seus usos que foram analisados em Língua Portuguesa. Nesse caso, o Esquema se ramifica em quatro Subesquemas: (i) “X causa Y a mover Z”, que corresponde aos seus usos mais prototípicos; (ii) “X causa Y a não mover Z”; (iii) “Condições de Satisfação Implicam ‘X causa Y a mover Z’”; e (iv) “X causa Y a mover Z por condução”. Cada um desses Subesquemas, por seu turno, é ramificado em diferentes Microconstruções que especificam um verbo e são instanciadas em seguida pelos *constructos*.

Nessa hierarquia, devido ao grande número de verbos que foram atestados, decidiu-se representar apenas duas Microconstruções a partir de cada Subesquema. Em sentido prototípico, por exemplo, 33 (trinta e três) verbos foram atestados, sendo o uso mais produtivo na hierarquia, o que corresponde a 33 (trinta e três) Microconstruções diferentes. Desse modo, a hierarquia se ramifica ainda mais através dessas diferentes Microconstruções e a partir delas diversos *constructos* são licenciados em Língua Portuguesa.

5.6 RESTRIÇÕES DA CONSTRUÇÃO DE MOVIMENTO CAUSADO EM LÍNGUA PORTUGUESA

Condições de satisfação implicam “X causa Y a mover Z”	Mandar	Alvo
X causa Y a não mover Z	Trancar	Alvo

Fonte: autoria própria.

Pelo Quadro 2, a Construção de Movimento Causado contribuiu com os Papéis Argumentais causa, tema e alvo em seu sentido prototípico; e apenas com o Papel Argumental alvo em suas extensões “Condições de Satisfação Implicam ‘X causa Y a mover Z’” e “X causa Y a não mover Z”. A contribuição com dois Papéis Argumentais ocorreu com dois verbos semanticamente intransitivos – “espirrar” e “sumir”. Nesses casos, o único Papel Participante do verbo foi integrado a um Papel Argumental perfilado da construção. Em vista disso, o argumento causa e o argumento tema foram representados com linhas sólidas na Figura 20, indicando que pelo menos um deles deve corresponder a um Papel Participante do verbo. O argumento alvo, por outro lado, como uma contribuição da construção independentemente da Estrutura Semântica dos verbos, foi representado por uma linha tracejada.

Uma outra particularidade da Construção de Movimento Causado em Língua Portuguesa está no Papel Argumental alvo que pode ser realizado tanto como um Argumento Oblíquo, sendo um sintagma preposicionado, quanto como um sintagma adverbial. Considere os seguintes enunciados:

- (58) E por um desses sublimes impulsos que só visitam o homem uma vez na vida, **arremessou a arma dentro do rio**. Este ato foi seguido de outro que o completou e confirmou. (18:Távora:Cabeleira).
- (59) Infelizmente não posso socorrê-lo. - Paciência. Há um bar aqui perto.. este pobre velho enfrentará mais uma vez a chuva. **Mr. Shapiro colocou a pasta de cartão debaixo do braço** e caminhou até a porta. - Vou acompanhá-lo. - Oh, não se preocupe.. a escada é escura mas eu tenho bons olhos. (19:Fic:Br:Costa:Sala).
- (60) O Beppino naquela tarde atravessara de carro a cidade. Mas como? Atrás da tia Peronetta que se mudava para o Araçá. Assim também não era vantagem. Mas se era o único meio? Paciência. **Gaetaninho enfiou a cabeça embaixo do travesseiro**. Que beleza, rapaz! Na frente quatro cavalos pretos empenachados levavam a tia Filomena para o cemitério. Depois o padre. (19:Fic:Br:Castilho:Brás).
- (61) Volveu os olhos para o céu e pronunciou: - Rosita, espera.. é um instante. Os imperiais aproximavam-se. **Ele espalhou um rastilho de pólvora através do terrapleno**, da casamata até o mastro em que desfraldava o pavilhão. E sentou-se junto dele num cômodo de ruínas. (18:Porto-alegre:Vaqueano).

Em todas essas expressões, o Papel Argumental alvo é realizado formalmente por um Sintagma Adverbial, cujo núcleo são os advérbios “dentro”, “debaixo”, “embaixo” e “através”. Todos esses advérbios resultam historicamente da contração

com uma preposição em que “de + *Intro*” forma o advérbio “dentro”; “de + baixo” o advérbio “debaixo”; “em + baixo” o advérbio “embaixo”; e “a + través” o advérbio “através”. Contudo, sincronicamente, considera-se essas composições como uma única unidade adverbial e, por isso, essa particularidade é especificada na Estrutura de Superfície da Construção de Movimento Causado em Língua Portuguesa (Obl./SAdv.).

Para além dessas características, verificou-se que a Construção de Movimento Causado em Língua Portuguesa também restringe o argumento causa para ser um agente ou uma força da natureza, como nos seguintes enunciados:

- (62) Agora, abra bem a boca - recomendou o farmacêutico. Obedeceu, os olhos cravados no rosto que se inclinara sobre ele. Em certo momento **o farmacêutico introduziu uma colher na sua boca**, tateando alguma coisa que estava muito ao fundo. Uma náusea repentina obrigou o pequeno a se contrair. (19:Fic:Br:Cardoso:Dias).
- (63) Das 24 espécies de peixe no lago, todas as 20 espécies nativas desapareceram. **Os ventos espalham 43 milhões de toneladas de sal por ano nas terras cultiváveis que rodeiam o mar de Aral**, situado já por si numa área de tendência árida e com salinidade elevada, devido à forte evaporação. (19Ac:Pt:Enc).

Em (62), o farmacêutico é naturalmente um agente, sendo o responsável direto pelo deslocamento da colher; e, em (63), os ventos correspondem a um fenômeno da natureza que causa diretamente o deslocamento de toneladas de sal pelas terras cultiváveis.

Entretanto, houve algumas ocorrências que rompem com essa restrição em Língua Portuguesa, como pode ser constatado pelas seguintes expressões:

- (64) Chap, chap, chap. A mulher magra não acabava de lavar garrafas. **A torneira derramava líquido na dorna**. Ouvia-se perfeitamente. A princípio chegava-me um som confuso. Agora, porém, os sentidos irritados percebiam tudo. (19Or:Br:Intrv:Web).
- (65) Na expedição desorganizada não demorou a faltar alimento. Manejavam mal o canhão 32 e o explodiram por inépcia, matando um médico. A resistência crescia, aos poucos a República era contida. **A barulhada dos tiros espalhou as cabras pela caatinga**. Soldados famintos começaram a caçá-las. (19:Fic:Br:Chiavento:Meninas).
- (66) O tubo digestivo está dividido em segmentos especializados no desempenho de diferentes funções. A extremidade cefálica (a boca) está adaptada para a ingestão dos alimentos e para as primeiras fases da digestão. **A faringe e o esôfago conduzem os alimentos até ao estômago**, onde ocorre digestão química (por exemplo, a pepsina que lisa as ligações entre proteínas) e a digestão mecânica. (19Ac:Pt:Enc).

Todos esses usos implicam um evento no mundo físico, ou seja, há de fato a inserção ou o deslocamento de uma entidade pelo espaço, mas eles não envolvem manipulação direta, como seria o caso se houvesse causalidade típica nessas expressões.

Em (64), particularmente, o movimento do líquido para a dorna não é causado pela torneira que é a sua origem, mas pela ação da mulher que a utiliza para lavar as garrafas. Em (65), o som dos tiros causa o movimento das cabras pela caatinga, mas o ato de atirar é uma força interveniente, sendo uma informação necessária e contextualmente disponível para sua interpretação. E, em (66), a faringe e o esófago causam o movimento do alimento para o estômago, mas a sua interpretação exige o conhecimento de mundo dos interlocutores. Após um ser humano ingerir um alimento em sua cavidade bucal, há uma sequência de processos que são motivados por diferentes órgãos internos. A faringe e o esófago, por exemplo, causam o movimento desse alimento por meio de contrações musculares até que ele chegue ao estômago.

Aparentemente, essas expressões envolvem uma causalidade incidental, cuja interpretação depende do conhecimento de mundo e de contexto dos interlocutores, ou seja, que pode ser uma implicação a partir de informações em segundo plano (*background*). Além disso, a língua não representa o mundo objetivamente, mas como o falante o concebe e o interpreta. Em função disso, uma mesma cena pode ser associada a diferentes eventos de modo sutilmente diferentes. Assim, é possível que a cena evocada pela Construção de Movimento Causado seja usada para descrever o percurso dos alimentos pelo corpo humano, como em (66), ou que a origem seja interpretada como causa, como em (64).

No terceiro capítulo, foi apresentado também que Goldberg (1995) define uma segunda restrição associada à Construção de Movimento Causado. Essa restrição se resume à causalidade direta e se desdobra em cinco generalizações.

De acordo com a primeira generalização, nenhuma decisão cognitiva pode mediar a causa e o conseqüente movimento. Em Língua Portuguesa, possivelmente, essa generalização também é plausível. Considere as seguintes expressões para contraste:

- (67) ***João encorajou Maria para casa.**
 (68) **João atraiu Maria para a cozinha.**

A expressão em (67) soa estranha e até mesmo inaceitável, uma vez que os falantes provavelmente expressariam essa mensagem por uma oração mais complexa, como em “João encorajou Maria a ir para casa”. Goldberg (1995) explica que essa inaceitabilidade é justificada por verbos do tipo “encorajar” demandar uma decisão cognitiva pelo argumento tema, o que não é permitido na Construção de Movimento Causado. Essa mesma explicação justifica a aceitabilidade do verbo “atrair”, como em (68), uma vez que esse verbo não demanda a mesma decisão cognitiva. Contudo, nos dados coletados, não houve ocorrências reais desses verbos, o que demanda mais buscas em *corpora*.

A segunda generalização, por sua vez, se aplica à Língua Portuguesa e é comprovada pelos dados analisados. De acordo com Goldberg (1995), quando o movimento real não estiver estritamente envolvido, ele deve ser presumido como uma implicação *ceteris paribus*. Esse é o caso da extensão “Condições de Satisfação implicam ‘X causa Y a mover Z’” em que o movimento só ocorre, se o ato denotado pelo verbo for satisfeito, conforme explicado em 5.2. Dessa forma, o movimento real não está estritamente envolvido, mas é interpretado sob condições de satisfação.

A terceira generalização diz respeito a cenas convencionalizadas com causa interveniente que são empacotadas cognitivamente como um único evento. No entanto, não houve ocorrências dessa natureza nos dados e, provavelmente, não é uma possibilidade em Língua Portuguesa.

A quarta generalização se refere a verbos associados a uma mudança de estado que implicam algum movimento incidental como resultado dessa ação. Essa generalização também não foi constatada nos dados analisados, mas pode ser aplicada à Língua Portuguesa, consoante a seguinte expressão:

(69) **Maria cortou o salame na tigela.**

Nessa expressão, o argumento tema sofre uma mudança de estado pela ação de “cortar”, mas também é deslocado intencionalmente para a tigela como um resultado dessa mesma ação. Sendo assim, essa é uma outra possibilidade em Língua Portuguesa que precisa ser comprovada em *corpora*.

A última generalização diz respeito ao caminho do movimento ser completamente determinado pela força causal. Nesse caso, embora seja verdade para a maioria das ocorrências, principalmente para os usos mais prototípicos, o

movimento não é determinado em todo o caso pela força causal. As exceções a essa generalização estão justamente nas ocorrências, como em (64), (65) e (66). Nessas expressões, o caminho não é determinado pelo argumento causa. Em (65), por exemplo, é implausível que o som do tiro determine o caminho percorrido pelas cabras. Desse modo, quando o argumento causa não se refere a um agente ou a uma força da natureza, o caminho é determinado por outras relações que são interpretadas com base no conhecimento dos interlocutores.

As duas restrições que Goldberg (1995) associa à Construção de Movimento Causado em Língua Inglesa, portanto, apresentam-se como uma tendência prototípica em Língua Portuguesa. Desse modo, embora todas as expressões apresentem uma relação entre causa e movimento em um único padrão oracional, a causalidade não corresponde a uma manipulação direta em todas as ocorrências, como prova os usos mencionados.

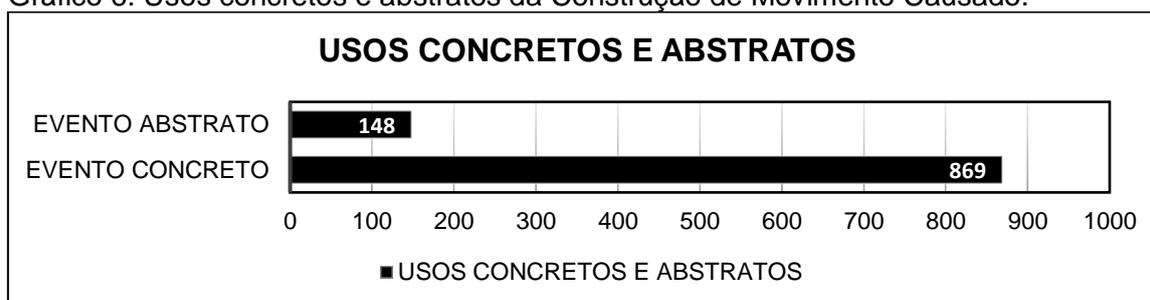
Além disso, a relação entre a Construção de Movimento Causado e os verbos foram esmagadoramente de instâncias em Língua Portuguesa. Isto é, na maioria das ocorrências, o tipo de evento evocado pelos verbos é um subtipo do evento evocado pela construção. Por isso, houve um grande número de compatibilidade isomórfica entre as Estruturas Semânticas dos verbos e a Estrutura Argumental da construção. As exceções estão com o verbo “bater”, que denota os meios pelos quais o evento da construção é performado, e com o verbo “sumir”, que denota o resultado associado com o evento da construção. Assim, as relações que a Construção de Movimento Causado mantém com os verbos em seu uso são de instância, meios e resultado em Língua Portuguesa, como indicado pela letra “R” na Figura 20.

Toda essa análise também levou em conta algumas particularidades que foram observadas em cada uso e que são sistematizadas na próxima subseção.

5.7 PARTICULARIDADES NO USO DA CONSTRUÇÃO DE MOVIMENTO CAUSADO EM LÍNGUA PORTUGUESA

Durante a análise, contatou-se que algumas ocorrências estavam associadas ao domínio da experiência física e outros ao domínio da experiência abstrata. O Gráfico 6 sistematiza quantitativamente essa informação de acordo com os 1, 017 (mil e dezessete) *constructos* que foram analisados:

Gráfico 6: Usos concretos e abstratos da Construção de Movimento Causado.



Fonte: autoria própria.

De acordo com o Gráfico 6, os usos vinculados ao evento concreto da Construção de Movimento Causado correspondem a 869 (oitocentos e sessenta e nove) *constructos*, enquanto os usos vinculados a extensão desse evento para contextos abstratos da experiência correspondem a 148 (cento e quarenta e oito) *constructos*.

Os verbos associados aos contextos abstratos foram: “afastar”, “aplicar”, “arremessar”, “atirar”, “bater”, “chutar”, “colocar”, “depositar”, “derramar”, “encaixar”, “enfiar”, “espalhar”, “injetar”, “introduzir”, “lançar”, “levar”, “mergulhar”, “meter”, “pôr”, “semear”, “virar”, “manter”, “prender”, “arrastar”, “conduzir” e “trazer”. Considere as seguintes expressões:

- (70) O velho continuava a falar. Desta vez, e a propósito de ruídos, coisa que não suportava, **introduziu na conversa um novo elemento**: " Agora, para mais, ainda cá tenho a minha enteada. Deixou a madrinha e veio para junto de mim, o que é, já de si, prova de inegável parvoíce. (19:Fic:Pt:Botelho:Ângulo).
- (71) Durante dois anos **o Ocidente virou as costas a Li Peng**, por o seu Governo ter lançado o Exército contra manifestantes desarmados que se encontravam em a Praça Tiananmen, em Pequim. (19N:Pt:Público).
- (72) P - A expectativa do senhor é de que este projeto se transforme no ponto de convergência dos partidos de oposição? R - Exatamente. Durante as conversas para elaboração deste projeto será possível eliminar as diferenças que existam. O importante é unificar primeiro e somente no final de 97 ou início de 98 discutir os nomes. **Não vamos colocar o carro na frente dos bois**. (19Or:Br:Intrv:Tar).

Em (70), “um novo elemento” é compreendido metaforicamente como uma entidade suscetível de deslocamento para uma conversa, cuja compreensão também é metafórica como um contêiner. Dessa forma, essa expressão envolve a Metáfora do Conduto em que a comunicação verbal é compreendida em termos de transferência ou de deslocamento de um objeto através de um conduto. Por essa metáfora, (i) IDEIAS/SIGNIFICADOS SÃO OBJETOS; (ii) EXPRESSÕES LINGUÍSTICAS SÃO

CONTÊINERES; e (iii) COMUNICAR É ENVIAR (FERRARI, 2016). Ferrari (idem), em sua análise, já associada essa metáfora ao uso da Construção de Movimento Causado em Língua Portuguesa, demonstrando que essa metáfora conceptual não está associada apenas à Construção Dativa.

A expressão em (71), por sua vez, embora apresente ocorrências literais, também está associada a um contexto abstrato, mas no nível das relações humanas. Nesse caso, alterar a direção das costas ou do rosto significa não apoiar ou se opor a uma dada entidade. No enunciado, particularmente, o Ocidente, que é interpretado metonimicamente, se opõe à Li Peng devido à sua ação violenta contra manifestantes desarmados. Outros usos semelhantes a esse ocorreram com os sintagmas “a cabeça” e “os miolos”, cuja conceptualização envolve uma mudança-causada no estado mental de uma entidade.

Expressões, como essa em (71), têm por base as metáforas conceptuais MUDANÇA É MOVIMENTO e MUDANÇA DE ESTADO É MUDANÇA DE DIREÇÃO. Em ambas as metáforas, a mudança física que representa uma mudança entre dois espaços físicos é projetada para uma mudança abstrata entre dois pontos temporais (LAKOFF *et al.*, 1991). De acordo com os dados apresentados, o Domínio Fonte é a conceptualização de eventos ancorados na realidade física do mundo, como causar o movimento de uma entidade pelo espaço, e o Domínio Alvo é a projeção dessa experiência física para domínios da experiência abstrata, como se opor a uma entidade política. Esses usos indicam que o evento de movimento-causado da construção também pode envolver extensões metafóricas para gerar a interpretação de mudança-causada.

O uso em (72), por outro lado, é uma Expressão Idiomática, cuja conceptualização envolve a noção de precipitação. Nesse caso, colocar o carro na frente dos bois significa se precipitar, o que pode gerar desordem ou desorganização. Esse *constructo* corresponde a um uso menos composicional, mas mantém a sua relação como uma instância da Construção de Movimento Causado, sendo motivada por ela.

Esses usos demonstram que as Construções de Estrutura Argumental também licenciam expressão em domínios abstratos da experiência humana e motivam até mesmo a formação de Expressões Idiomáticas. Pela presente análise, por exemplo, constatou-se que a Construção de Movimento Causado pode ser estendida para contextos abstratos através de três metáforas conceptuais diferentes, como

apresentado acima. Possivelmente, há outras metáforas que motivem mais extensões da Construção de Movimento Causado, mas apenas essas foram constatadas nessa análise e parecem ser licenciadas por uma forte relação com os verbos em questão. Contudo, outras análises delimitadas a esse assunto são requeridas.

Uma outra particularidade da Construção de Movimento Causado em Língua Portuguesa está em seu uso com a Construção de Voz Reflexiva. Essa coocorrência foi atestada com os verbos “afastar”, “arremessar”, “atirar”, “colocar”, “enfiar”, “espalhar”, “introduzir”, “jogar” e “virar” que correspondem em sua maioria aos seus usos mais prototípicos. Os seguintes enunciados comprovam esses usos:

- (73) Você fugiu da prisão como Pedro Silva, e conseguiu escapar, mas deixou atrás toda uma biografia em perfeita ordem, e um crime por expiar. Aqui, choroso, abjeto, **Pedro se atirou aos pés de seu Juca Vilanova** e começou a lhe beijar e afagar os sapatos: - Um crime, meu senhor, um crime? O senhor jamais viu essa Lola que chamavam Boba? (19:Fic:Br:Callado:Madona).
- (74) Via-se que a nova tipóia pertencia a estrangeiro, tais as cores ciganas, a deselegância, as cordas. Sem tirar do corpo uma peça de roupa, com os sapatos e tudo, **a dama se enfiou na maca**, comprida e estreita como um tipiti. Nesse instante o navio que estava atracado de proa ao norte, fazia a alelarga na Guajará afim de seguir por dentro. (19:Fic:Br:Morais:Igaraunas).
- (75) Socorro! pega! Pega.. (Entram dois Urbanos) Chica Valsa (Aos Urbanos, mostrando Barnabé) - Camaradas, **este homem introduziu-se em minha casa**; é um gatuno! Vejam se ele não tem no bolso uma pulseira! (Os Urbanos revistam os bolsos de Barnabé) (18:Azevedo:Filha).
- (76) Fiz que não ouvi e tentei seguir adiante, mas o guarda me segurou o pulso: - Mulher sozinha na rua, tarde da noite, a ordem é levar presa. **Eu me virei para ele**, com ar ofendido: - Seu guarda, eu sou moça de família. Estou aqui no Recife de passagem e saí para comprar um remédio pra minha mãe, que teve uma dor. (19:Fic:Br:Queirós:Dora).

Nesses usos, a Construção de Movimento Causado fornece a conceptualização básica da expressão em que uma entidade causa o movimento de outra entidade para um determinado lugar; enquanto a Construção de Voz Reflexiva restringe essa conceptualização para gerar um evento que parte e incide sobre uma única entidade – o sujeito. Em (73), Pedro causa o próprio movimento para os pés de seu Juca Vilanova. Em (74), a dama causa o movimento do próprio corpo para a maca. Em (75), um homem causa o seu próprio movimento para o interior de uma casa. E, em (76), a narradora causa o movimento de seu próprio corpo, alterando a sua direção para o guarda.

Segundo Goldberg (1995), na Construção de Voz Reflexiva, dois Papéis Participantes são mesclados – fundidos em um único Papel Argumental. Porém,

diferentemente do que aborda a autora e de acordo com a análise de Silva Neto e Barros (no prelo), os próprios Papéis Argumentais também são mesclados. Nas expressões de (73) até (76), não são apenas os Papéis Participantes dos verbos que são mesclados em uma única entidade. Os Papeis Argumentais causa e tema da Construção de Movimento Causado também são mesclados. Dessa forma, a Construção de Voz Reflexiva restringe a interpretação da própria Construção de Movimento Causado.

Em (73), por exemplo, os Papéis Participantes atirador e atirado e os Papéis Argumentais causa e tema se referem a uma única entidade – o Pedro. Nesse caso, tanto os Papéis Participantes quanto os Papéis Argumentais são mesclados e o mesmo é válido para as demais ocorrências. O pronome oblíquo, por sua vez, que seria um objeto direto pela Gramática Tradicional, marca apenas a reflexividade do evento ao restringir a conceptualização de manipulação entre duas entidades da Construção de Movimento Causado, sendo a marca formal de reflexividade da Construção de Voz Reflexiva.

Todas essas expressões que ocorreram com a Construção de Voz Reflexiva não são instâncias da Construção de Movimento Intransitiva, porque todas envolvem um evento de manipulação direta e de real movimento pelo espaço, como demanda a Construção de Movimento Causado, e são marcadas explicitamente pelos pronomes oblíquos. Assim, essas características marcam as especificidades desses usos, como é previsto pela Gramática de Construções, uma vez que uma única expressão pode resultar da combinação de pelo menos meia dúzia de construções (GOLDBERG, 2006).

Uma última particularidade no uso da Construção de Movimento Causado em Língua Portuguesa está na omissão de seus Papéis Argumentais. A Língua Portuguesa permite a elisão de qualquer entidade conhecida pelo entorno comunicativo, como os próprios interlocutores, e de entidades já mencionadas anteriormente no discurso. Em vista disso, qualquer entidade pode ser omitida em Língua Portuguesa desde que esteja cognitivamente ativa durante a interpretação. Ao analisar os *constructos* da Construção de Movimento Causado, constatou-se que qualquer um de seus Papéis Argumentais pode ser elidido, como consta nas seguintes orações:

- (77) Por quem é que ele chama, coitado? Que é que ele quer? Onde é que está? Dão-lhe água fresca. Engrola umas outras coisas. **Mergulha o bico pontudo no comedouro**. Corvoça, dentro do bico, a sua grossa língua preta, como um bicho. Para distraí-lo, a menina inventa levá-lo a passeio no dedo. (19:Fic:Br:Meireles:Olhinhos).
- (78) A os 26 min, Romário driblou Ravelli e chutou para o gol. O zagueiro Andersson cortou a bola em cima de a linha. Em o rebote, dentro de a pequena área, **Mazinho chutou para fora, à esquerda de o gol vazio**. A os 31 min, Bebeto foi lançado em o contra-ataque, venceu seu marcador em a corrida e centrou para Romário. Dentro de a área, o atacante não conseguiu driblar o goleiro e chutou para fora. (19N:Br:Folha).
- (79) A polícia vai interrogar Américo. - Ele fala o que quiser. Afinal, não sabe nada que facilitaria a prisão da dupla. Devemos aconselhá-lo a se plantar - decidiu Adão. - Sem alarde, a gente pode chegar lá. **Lauro virou a dose**. - Uma coisa me intriga. Por que matar Américo? - Porque ele poderia dar com a língua nos dentes - começou Adão. (19:Fic:Br:Rey:Crimes).

A Língua Portuguesa, enquanto uma língua *pro-drop*, permite a supressão do sujeito em suas expressões oracionais. Essa omissão foi a mais recorrente nos dados, como pode ser constatado pelos *constructos* ao longo deste capítulo. Em (77), por exemplo, a expressão envolve uma cena em que um pássaro (Argumento Nulo Definido), que é recuperado discursivamente, causa o movimento de seu bico para o comedouro. Em todos esses casos, o sujeito omitido corresponde a um Argumento Nulo Definido, uma vez que a sua identidade é recuperada pelo contexto pragmático ou discursivo, como definido no segundo capítulo.

Em (78), por sua vez, Mazinho causa o movimento de uma bola de futebol para uma área fora do gol. Essa ocorrência demonstra uma outra possibilidade em Língua Portuguesa: a omissão de um objeto direto. Como a narrativa envolve um jogo de futebol, a informação sobre uma bola sendo deslocada pelo campo permanece cognitivamente saliente durante todo o evento e, por isso, não há a necessidade de sua realização formal a cada oração. Em vista disso, a expressão é uma instância da Construção de Movimento Causado, não podendo ser atribuída à Construção de Movimento Intransitiva, uma vez que não envolve o movimento de Mazinho, mas de uma bola que corresponde ao objeto direto – o Argumento Nulo Definido da expressão.

Em (79), por sua vez, Lauro causa o movimento de uma dose para o seu organismo, mas a informação espacial não é realizada formalmente por ser uma informação cognitivamente saliente com base na experiência dos seres humanos com a ingestão de bebida. Essa ocorrência contrasta com o uso em (4) em que o argumento oblíquo é especificado pela expressão “na goela”. Dessa forma, a Língua

Portuguesa também permite a omissão do argumento oblíquo, podendo ser um Argumento Nulo Definido na Construção de Movimento Causado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa dedicou-se à descrição da Construção de Movimento Causado em Língua Portuguesa e, para isso, filiou-se à Gramática de Construções Cognitiva ou, mais especificamente, à Abordagem Construcionista Baseada no Uso, como elucidado ao longo desta dissertação.

A análise buscou responder ao seguinte Problema de Pesquisa: “Quais restrições estão associadas ao uso da Construção de Movimento Causado em Língua Portuguesa?”. Este questionamento foi segmentado em outras três perguntas mais específicas: (i) “Quais verbos instanciam o uso da Construção de Movimento Causado em Língua Portuguesa?”; (ii) “Quais relações estão presentes entre a Construção de Movimento Causado e os verbos que a instanciam em Língua Portuguesa?”; e (iii) “Quais Elos de Polissemia estão associados à Construção de Movimento Causado em Língua Portuguesa?”.

Em resposta à primeira pergunta, detectou-se quatro agrupamentos verbais distintos. O primeiro se refere aos usos mais prototípicos da Construção de Movimento Causado em que constam-se os verbos: “afastar”, “aplicar”, “arremessar”, “atirar”, “bater”, “borrifar”, “chutar”, “colocar”, “depositar”, “derramar”, “derrubar”, “empilhar”, “encaixar”, “enfiar”, “esfregar”, “espalhar”, “espirrar”, “estocar”, “injetar”, “introduzir”, “jogar”, “lançar”, “levar”, “mergulhar”, “meter”, “mover”, “pôr”, “projetar”, “puxar”, “semear”, “sumir”, “tocar” e “virar”. O segundo agrupamento é composto pelos verbos “chamar” e “mandar” que codificam atos comunicativos. O terceiro agrupamento é integrado pelos verbos “manter”, “prender” e “trancar” que estão associados à privação de movimento. E, por último, o quarto agrupamento é constituído pelos verbos “arrastar”, “conduzir”, “levar”, “puxar” e “trazer” que envolvem a noção de condução.

Com respeito à segunda pergunta, revelou-se três relações distintas entre a Construção de Movimento Causado e todos esses verbos que a instanciaram em Língua Portuguesa. A relação por instância, sendo o evento do verbo um subtipo do evento da construção, foi esmagadoramente a mais frequente. As duas exceções estão no uso da Construção de Movimento Causado com os verbos “bater”, que denota os meios pelos quais o evento da construção é performado, e com o verbo “sumir”, que denota o resultado associado com o evento da construção. Dessa forma,

em Língua Portuguesa, os verbos podem estar associados à Construção de Movimento Causado pelas Relações de Instância, de Meios ou de Resultado.

Em relação à terceira pergunta, identificou-se três extensões associadas à Construção de Movimento Causado por Elos de Polissemia em Língua Portuguesa, sendo: “X causa Y a não mover Z”; “Condições de Satisfação ‘implicam “X causa Y a mover Z””; e “X causa Y a mover Z por condução”. Todas essas extensões compõem uma construção minimamente diferente que compartilha uma mesma forma com sua construção de origem, embora difira dela em suas particularidades semânticas. A relação entre a Construção de Movimento Causado e essas suas extensões formou uma Rede Hierárquica, cuja dimensão representa o seu nicho distribucional ou o seu agrupamento de exemplares no Espaço Conceptual Hiperdimensional em Língua Portuguesa.

Essa análise culminou nas restrições que respondem ao Problema de Pesquisa. A hipótese era que a Construção de Movimento Causado em Língua Portuguesa apresentasse as mesmas restrições que a Construção de Movimento Causado em Língua Inglesa, mas como uma tendência prototípica, o que foi confirmado pelos dados analisados. Dessa forma, embora a Construção de Movimento Causado apresente majoritariamente um argumento causa que seja um agente ou uma força da natureza e represente um evento que envolva uma causalidade direta, há usos que rompem com essa caracterização. Nesse caso, em Língua Portuguesa, há instâncias da Construção de Movimento Causado, cuja conceptualização envolve real movimento pelo espaço, mas não envolvem manipulação direta. Assim, há ocorrências com entidades inanimadas no argumento causa e, conseqüentemente, eventos sem causalidade típica.

Em decorrência da complexidade que envolve as Construções de Estrutura Argumental, incluindo o objeto desta dissertação, pesquisas futuras são imprescindíveis com a Língua Portuguesa. Entre delineamentos posteriores, cabe análises mais robustas sobre a Construção de Movimento Causado. Nesse sentido, há demanda por pesquisas que ampliem o escopo analisado até o momento, o que inclui evidências em *corpora* mais robustos e plurais; o mapeamento de Elos de Herança para além dos Elos de Polissemia; e o empreendimento diacrônico em sua descrição.

Para além da Construção de Movimento Causado, há demanda por outras Construções de Estrutura Argumental, como a Construção de Movimento Intransitiva

e a Construção Resultativa Intransitiva, como atestadas em uso na Língua Portuguesa por Silva Neto e Barros (no prelo) ao analisarem o mapeamento construcional do verbo “virar”. Além disso, análises sobre a interação entre os verbos e as Construções de Estrutura Argumental e o processo de generalização, incluindo na aquisição, também são necessárias com a Língua Portuguesa.

Por fim, houve alguns detalhes no percurso analítico que merecem uma pesquisa independente, como a elisão de argumentos, sendo Argumento Nulo Definido ou Indefinido; o uso de diferentes preposições para um mesmo Papel Argumental, como o alvo na Construção de Movimento Causado; a recorrência da Construção de Movimento Causado em domínios da experiência abstrata; e a sua coocorrência com a Construção de Voz Reflexiva. Cabe mencionar que as explicações para a Construção de Voz Reflexiva, neste trabalho, foi uma resposta aos dados analisados. Porém, pode-se adotar como uma futura hipótese de pesquisa em que as Construções de Voz correspondem a padrões superiores às Construções de Estrutura Argumental que restringem o seu uso em Língua Portuguesa, sendo a Construção de Voz Ativa um padrão não-marcado.

REFERÊNCIAS

- BARÐDAL, Jóhanna. **Predicting the Productivity of Argument Structure Constructions**. Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society, Berkeley, v. 32, 2006. DOI: 10.3765/bls.v32i1.3438. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/238638708_Predicting_the_Productivity_of_Argument_Structure_Constructions. Acesso em: 05 ago. 2020.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CASSEB-GALVÃO, V. C. e BAGNO, M. Mudança Linguística. In: Görski, E. M. (et al.). **Dinâmicas Funcionais da Mudança Linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017, p. 0935.
- CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. 1. ed. 3. reimp. São Paulo: Contexto, 2014.
- CROFT, W. **Radical Construction Grammar**. Syntactic Theory in Typological Perspective. New York: Oxford University Press, USA, 2001.
- CUNHA, Antonio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.
- FERRARI, L. **Construções gramaticais e laços de polissemia: as extensões metafóricas de comunicação verbal**. Revista Linguística. v. Especial, p. 102-113, 2016.
- FERRARI, L. **Introdução à linguística cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2018.
- FILLMORE, Charles J. **Frame Semantics**. Linguistics in the Morning Calm. Seoul: Hanshin Publishing Co., 1982.
- FILLMORE, Charles J. **Syntactic intrusions and the notion of grammatical construction**. Proceedings of the Tenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society, Berkeley, p. 73-86, 1985. Disponível em: <file:///C:/Users/Pedro%20Gomes/Downloads/1913-1880-1-PB.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2020.
- FILLMORE, Charles J. **The Mechanisms of “Construction Grammar”**. Proceedings of the Tenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society, Berkeley, p. 35-55, 1988. Disponível em: <http://www.icsi.berkeley.edu/pubs/ai/mechanismsconstruction88.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2020.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. **As construções de movimento causado e ditransitiva: elos de polissemia**. DELTA [online], vol. 33, n.1, p.109-132, 2017.

GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert. Introducing Cognitive Linguistics. In: Geeraerts, Dirk; Cuyckens, Hubert. **The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2010, p. 3-21.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GOLDBERG, A. E. **Construction at Work**. The nature of Generalization in Language. New York: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, Adele E. Constructionist approaches. In: HOFFMANN, Thomas; TROUSDALE, Graeme (org.). **The Oxford handbook of constructicon grammar**. Nova York: Oxford University Press, 2013, p. 1-12.

GOLDBERG, Adele E. **Explain me this**. Creativity, competition, and the partial productivity of constructions. New Jersey: Princeton University Press, 2019.

GOLDBERG, Adele. **A Construction Grammar Approach to Argument Structure**. California: University of California, 1995.

GONÇALVES, Evandro Fonseca. **Quando é fé: uma análise em perspectiva construcional**. Goiás, 2019.

HOFFMANN, Thomas; TROUSDALE, Graeme (org.). **The Oxford handbook of constructicon grammar**. Nova York: Oxford University Press, 2013.

HOPPER, Paul J.; THOMPSON, Sandra A. **Transitivity in grammar and discourse**. Language. [s.l.], Vol. 56, n. 2, p. 251-299, 1980.

KAY, Paul. **The kind of/sort of constructicon**. Proceedings of the Tenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society, Berkeley, p. 157-171, 1984. Disponível em: <http://www.journals.linguisticsociety.org/proceedings/index.php/BLS/article/viewFile/1962/1734>. Acesso em: 05 ago. 2020.

KAY, Paul; FILLMORE, Charles J. **The what's X doing Y? construction**. Language, Estados Unidos, v. 75, n. 1, p. 1-33, 1999. DOI: 10.2307/417472.

KAY, Paul; FILLMORE, Charles J.; O'CONNOR, Catherine. **Regularity and idiomatycity in grammatical constructions**: the case of let alone. Language, Estados Unidos, v. 64, n. 3, p. 501-538, 1988. DOI: 10.2307/414531.

LAKOFF, George *et al.* **Master Metaphor List**. Cognitive Linguistics Group. Berkeley: University of California at Berkeley, 1991.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LANGACKER, R. W. **Cognitive Grammar**. A basic introduction. New York: Oxford University Press, 2008.

MARTELOTTA, M. **Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso**. São Paulo: Cortez, 2011.

MATEUS, Núbia Teodora. **Formação X-eiro: uma perspectiva construcional no português do Brasil**. Goiás, 2019.

MICHAELIS, Laura A. **Construction Grammar**. Encyclopedia of Language & Linguistics, Boulder, dez. 2006. DOI: 10.1016/B0-08-044854-2/02031-9. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/304041256_Construction_Grammar. Acesso em: 06 maio 2021.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática Funcional: interação, discurso e texto**. São Paulo: Contexto, 2018.

NUNBERG, G.; SAG, I. A.; WASOW, T. **Idioms**. Language [online], Linguistic Society of America, Vol. 70, No. 3 (Sep., 1994), pp. 491-538.

RIBEIRO, F. S. **A Rede Construcional de Movimento Causado do Português Brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 2018.

RIBEIRO, F.S.; FERRARI, L. **A interface sintaxe-semântica na construção de movimento-causado do português do brasil com base na gramática de construções baseada no uso**. Cadernos do CNLF [online], vol. XXI, n. 3. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2017.

RIBEIRO, F.S.; FERRARI, L. PINHEIRO, D. **A Construção de Movimento Causado no português brasileiro: um estudo inicial baseado em corpus**. Odisseia [online], Natal, RN, v. 4, n. esp., p. 1-21, jul.-dez. 2019.

SOARES DA SILVA, Augusto. **A Linguística Cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em Linguística**. Revista Portuguesa de Humanidades, 1997. 1. 59-101.

TRAUGOTT, E. C; TROUSDALE, G. T. **Constructionalization and Constructional Changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.